ALEXANDRE BABO ESCREVE NA 3.ª PÁGINA: «O NOSSO TEMPO»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 14 DE JANEIRO DE 1969 N.º 16 548 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL
Concurso PHILIPS
TRIUNFO DA TÉCNICA

A violência do vento causou estragos por toda a cidade

Acostar no espaço

— possível objectivo do lançamento de um cosmonauta soviético efectuado às 8 e 38 desta manhã

MOSCOVO, 14 — (R.) — A União Soviética colocou hoje em órbita terrestre uma cápsula «Soyuz», precisamente a «Soyuz-4» com um astronauta de 41 anos a bordo — o coronel Vladimir Shatalov.

Notícias não-oficiais sugerem que poderá ser lançada outra cápsula tripulada para fazer a união com a «Soyuz-4». O termo «Soyuz» quer dizer em russo união.

Rádio Moscovo interrompeu os programas normais para anunciar que o coronel Vladimir Shatalov, segundo cosmonauta da União Soviética a ser colocado em órbita num espaço de três meses, tinha partido para o espaço na cápsula «Soyuz-4» às 10 e 38 de Moscovo (8 e 38 de Lisboa).

Círculos soviéticos não oficiais anunciaram que seria lançada a cápsula «Soyuz-5», com outro cosmonauta a bordo, para fazer manobras em conjunto com a «Soyuz-4» e provàvelmente tentarem a acoplagem.

(Continua na 9.ª página)

«Dois alpinistas, Ian Middlehurst e Jon Coles, subiram ao telhado da Casa da Rodésia, em Londres, e hastearam aí a bandeira britânica. A fotografia foi tirada no momento em que polícias tentavam persuadi-los a descer, pondo termo à sua original manifestação

Ligações ferroviárias e telefónicas continuam interrompidas devido ao temporal que assolou o País

O agravamento do tempo durante o dia de ontem, com períodos de temporal desfeito já na madrugada de hoje, afectou de modo sensível o sector das Comunicações.

Estão interrompidos por exemplo, os circuitos telefónicas com o Algarve, Guarda e Castelo Branco, e o mesmo se passa na rede internacional com os circuitos de Londres, Paris e Genebra. Para além da queda de postes e linhas, há uma avaria no cabo coaxial cuja localização não está ainda apreciada.

Quanto a ligações ferroviárias, a interrupção mais grave é entre Mogofores e Oliveira do Bairro, na linha do Norte, onde o temporal derrubou ontem à tarde uma catenária. A circulação faz-se

(Continua na ultima página)

● Ler mais notícias nas pág.as centrais

A DESCIDA DO OURO

NÃO AFECTOU O NOSSO MERCADO

Como o mercado nacional do ouro em barra é restrito e de certo modo limitado, o preço do ouro, nas cotações hoje fornecidas aos bancos e casas bancárias, pelo Banco de Portugal, não apresentava qualquer alteração, relativamente ao dia de ontem.

Isto a despeito de o preço do ouro ter descido, nos mercados mundiais livres, de 20 centimos do dolar por cada onça (31,1 grs). Ali, a onça passou de cerca de 42,20 dólares para 42, o que representa, em moeda portuguesa, uma baixa de cerca de 5$80 (18,58 centavos por cada grama).

As cotações hoje fornecidas pelo Banco de Portugal foram de 40$50 e 39$00, por

(Continua na ultima página)

A necessidade de proceder a trabalhos de limpeza e reparação na máquina em que imprimimos o nosso jornal obriga-nos a publicar hoje apenas 24 páginas.

VISADO PELA CENSURA

JOAQUIM LETRIA escreve do Brasil:

LAÇANDO BÚFALOS E CAÇANDO JACARÉS

(LER NA 4.ª PÁGINA)

Manhã na praça

MERCADO VERSUS SUPERMERCADO

Azáfama e rebuliço no Mercado do Rato, mas sem uma enchente de clientes — as bancadas mostram-se quase cheias, com vocação para serem compradas... Os nossos olhos desviam-se destas filas coloridas de produtos para darem lugar aos nossos ouvidos. É que agora é um profissional do mercado, um antigo e conhecido responsável de «lugar de hortaliças» do Rato, o sr. José Bernardo, 77 anos, que nos diz, fixando-nos a atenção:

— Ora, isto está muito mau! As instalações são velhas (chove cá dentro) mas o pior é o problema do estacionamento... Não deixam estacionar os carros aqui á porta e, claro, as pessoas fogem de cá vir comprar. Deviam deixar pelo menos um estacionamento limitado — só de manhã ou só meia-hora de cada vez, por exemplo!

O nosso homem fala com calor, mas ao abordarmos a rubrica supermercados *(que trazíamos na manga) a feição apagou-se-lhe, quedou triste.*

—Hoje, as mulheres querem é ter as unhas pintadas e não trabalhar, e por isso preferem os super-

O peixe é criteriosamente observado antes de a transacção se efectuar

mercados, apesar de ser mais caro. Isto (os mercados) tem tendência para acabar, mas eu, que estou no ultimo quartel da vida, tenho de continuar aqui. Aos mercados e praças vêm agora os operários e pessoas de poder de compra semelhante, mas aqui nesta zona da cidade vive outro género de pessoas, além de que é região de muitas oficinas e escritórios.

E a desabafar, agarrando a banda do casaco do repórter, para este ter mesmo que ouvir:

— Hoje, de manhãzinha, veio cá a Intendência e mandou que baixássemos o preço da batata de vinte e cinco tostões para vinte e três — ora nós, compramo-la a vinte e dois e meio, e ainda temos que pagar os fretes de transporte. É duro! Ao menos, avisassem com mais antecedência, não no mesmo dia!

● PREÇOS DOS PRODUTOS

Vimos as azeitonas de sete a dezasseis escudos; as batatas a vinte e três tostões *(José Bernardo «dixit»)*; os tomates a dezanove escudos o quilo; a cenoura a três; o feijão verde a dez escudos; a cebola a quatro; a castanha a nove o quilo; o alho, a doze escudos o quilo; a couve lombarda, a cinco escudos o quilo; os nabos, a quatro escudos; os grelos, a sete escudos; a fava a dez; os agriões, a quinze tostões o molho; a alface, a dois escudos cada; a nabiça, a seis escudos o molho; os rabanetes, a três escudos o molho; a abóbora, a dois escudos o quilo; os brócolos a dez escudos o molho; os espinafres, a oito escudos o molho.

● FRUTA

A fruta apresentava os seguintes valores: laranja, quatro escudos o quilo; o limão, a oito escudos; maçã reineta, de oito escudos e meio a dez; os peros, a onze escudos; a pera, a três escudos o quilo; e a banana, de doze a treze escudos o quilo.

● CARNE, CRIAÇÃO E OVOS

A carne limpa estava a 50 escudos o quilo; a congelada, a 40 escudos; a carne para cozer, a 26 escudos, com osso e 33$50 limpa; o lombo, a 54 escudos; o chouriço, a 44$00 o quilo; a farinheira, a 20$80; o queijo cabreiro, a vinte e cinco escudos; a morcela, a dezanove escudos; o queijo rabaçal, a 34$80; o queijo fresco, a vinte e cinco tostões cada; os ovos a 17$00 a duzia; o frango limpo, a 28$00 o quilo; o coelho vivo, a 23 escudos; a galinha viva, a 20$00, e a morta, a 27$00.

● PEIXE E MARISCOS

Encontrámos o carapau a 14$00; o camarão, a 28 escudos; o berbigão, a 4$50; a azevia, a 38$00; o bezugo, a 18$00; a dourada, a 10$90; os salmonetes, a 20$00; a sardinha, a 10$00; a sarda, a cinco escudos o par; a xaputa, a 8$50; a pescada congelada, a 16$00 o quilo; o carapau, a 9$00; os salernes, a 12$00; o polvo, a 8$00, e os riscadinhos, a 12$40.

PL
AMANHÃ INICIAMOS OS NOSSOS SALDOS DE BALANÇO
ROUPAS DE CAMA
COBERTORES
TECIDOS DE LÃ
MALHAS, ETC.
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 9 - C - D.
TEL.: 714716

«A INSTRUÇÃO E A CULTURA NÃO PODEM SER PRÍVILÉGIO DE POUCOS»

— declarou o dr. Veiga de Macedo na Assembleia Nacional, ao intervir no aviso prévio sobre a expansão da língua portuguesa

A Assembleia Nacional prosseguiu hoje os seus trabalhos, continuando na ordem do dia o aviso prévio do deputado por Moçambique, dr. Manuel Nazaré, sobre a divulgação da língua portuguesa naquela província ultramarina.

Usando da palavra no período destinado á ordem do dia, o sr. dr. Veiga de Macedo recordou «os mesmos caminhos» do Presidente Salazar e do presidente da Assembleia Nacional. Pediu a protecção divina para Salazar e desejou o restabelecimento do prof. Mário de Figueiredo, de quem fez o elogio e a que se referiu com as seguintes palavras:

«Exemplo admirável, mas raro nestes tempos conturbados em que muitos, envolvidos no turbilhão das ideias ou das paixões, presos ao acessório e ao efémero e esquecidos do assencial e do permanente, se delapidam e perdem por não saberem ou não quererem aceitar a autêntica tábua dos valores e podem, por isso, ser fonte de perturbação política e social e até de preocupação para os chefes, essas preclaras figuras do Presidente da República e do Presidente do Conselho, a quem devido é acatamento e respeito.»

Entrando propriamente no assento do aviso prévio, o dr. Veiga de Macedo, lembrou que ele próprio, apesar de ter ocupado ao longo de mais de duas décadas cargos do Estado, doze dos quais com funções governativas, não acompanhara de perto a vida das províncias ultramarinas. Considerou ultrapassadas e obsoletas as estruturas ministeriais vigentes que tornam possíveis situações como esta. Defendeu de novo uma «integração perfeita do vasto mundo lusíada», como já o fizera em 1964, pensamento que lhe acudiu agora ao ouvir «com gosto e proveito, o notável discurso do ilustre deputado que, em boa hora, levado pelo seu ardente e esclarecido patriotismo, se decidiu a tratar da expansão da língua portuguesa nas Províncias Ultramarinas e, sobretudo, na de Moçambique.» E prosseguiu:

«Não poderia eu deixar de intervir no debate cuja generalização tive a honra de requerer, pois, apaixonado por esta preocupante questão, a ela me referira já, m 1967, quando tive a felicidade de percorrer, de Norte a Sul, aquela admirável terra portuguesa do Índico. Então, perturbado com o que pude ver, senti-me na obrigação de chamar, através da Imprensa, a atenção da opinião pública e do Governo para o problema. Exprimi, na altura, dois votos. O primeiro de que «se intensifique o povoamento — ordenado e prático — do imenso território moçambicano, acompanhado da abertura urgente de grandes linhas de comunicação entre o Sul e o Norte — esse Norte tão carecido do nosso amparo e da nossa compreensão — e entre a costa e o interior, sem as quais o progresso económico e a promoção social e cultural por todos ambicionados não são possíveis. O outro voto que formulei foi o de que «se vença, também em Moçambique, a batalha da instrução e de que a língua-mãe, factor básico de aglutinação nacional e expoente nobilíssimo de cultura, seja falada por todos os que, nascidos em qualquer parcela do território português, têm de manter o diálogo permanente, construtivo e pacífico da lusitanidade e do espírito cristão.»

O dr. Veiga de Macedo, a propósito do projecto de Cabora-Bassa, lembrou declarações suas anteriores, em que acentuara: «Não há economia sem cultura, nem progresso sem instrução. A instrução e a cultura não podem ser privilégio de poucos, mas direito de todos, que é mister garantir através de um esforço em que o Estado e a comunidade têm de empenhar-se a fundo, com rapidez e em força, para serem recuperados, na medida do possível, atrasos deploráveis».

Reconheceu, depois que a expansão da cultura em terras africanas é dos problemas que não podem ser resolvidos em curto espaço de tempo e recordou que, na própria Metrópole, só há pouco se chegou á difusão generalizada do ensino primário.

«Isto, porém, não pode levar-nos a cruzar os braços» — acentuou. Disse que a Assembleia Nacional não pode fugir a denunciar o problema, particularmente sério em Moçambique, e a apregoar a necessidade de que ele seja atacado em toda a sua amplitude. Analisou, em seguida, os aspectos pedagógicos, psicológicos, financeiros e políticos do problema. Lembrou também a conveniência de se respeitarem as línguas locais, mas lembrou que a língua portuguesa teve papel decisivo na formação, crescimento e unificação do Brasil.

E já a terminar: «Há que acelerar o passo. Há que rever e actualizar os métodos da acção cultural».

LEITURA DE POEMAS DE CARLOS EURICO DA COSTA

Amanhã, ás 18 e 30, na Galeria Quadrante, será lançado o livro «A fulminada imagem», do poeta Carlos Eurico da Costa. José Carlos Ary dos Santos lerá algumas produções.

DE ONTEM PARA HOJE

MONTEPIO GERAL

É um acontecimento para milhares de associados a assembleia geral do Montepio Geral. E não só para os associados senão que também para todo o País porque o Montepio tem na sociedade portuguesa, no crédito e na previdência papel de primeiro plano. Reuniu-se ontem essa assembleia geral ordinária para prosseguir na apreciação da proposta de alterações aos estatutos da instituição e da Caixa Económica de Lisboa. Para o efeito foi nomeada uma comissão especial, em 15 de Novembro, comissão a que preside o dr. José Guerreiro Murta que ontem prestou numerosos esclarecimentos aos sócios que os pediram. Na presidência da assembleia geral o antigo presidente do Supremo Tribunal de Justiça, conselheiro dr. António Vaz Pereira. As alterações foram lidas e a assembleia geral as aprovou por unanimidade e sem discussão, com voto de louvor para a comissão pela forma como do trabalho se desempenhara.

ALTOS ESTUDOS MILITARES

O ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, fez ontem uma conferência no Instituto de Altos Estudos Militares. Foi a inauguração do ciclo de conferências do ano lectivo, que estão a cargo de destacadas figuras de diversos sectores da vida nacional. O ministro do Exército, brigadeiro Bettencourt Rodrigues, assistiu á conferência.

PRISÃO MAIOR

Foi condenado em 17 anos de prisão maior celular, no Tribunal Militar de Santa Clara, o soldado desertor Henrique dos Santos Oliveira, de 23 anos, serralheiro, natural de Loures e ali morador, que em 3 de Março do ano passado assassinou, com requintes de malvadez, o mendigo Adelino Martins, de 88 anos. No crime participou também Elias António Dinis. O móbil foi o roubo, mas levaram apenas 13 escudos, produto das esmolas daquele dia.

UM MORTO E UM FERIDO

Na estrada Braga-Famalicão, no lugar de Sobreiro Grosso, um automóvel conduzido pelo sr. Domingos Serafim, de 40 anos, casado, comerciante, morador no Montijo, despistou-se. Foi de encontro a umas árvores. Morreu logo o condutor e muito ferido ficou o sr. Julio Rodrigues Ramalhete, de 18 anos, que o acompanhava, e se encontra internado no hospital de Famalicão.

SOB A CARGA DA CAMIONETA

Na estrada da Tapada de Alpiarça, uma camioneta com atrelado carregado de paus de gravinha, conduzida pelo sr. Acácio Piedade Canelas, casado, de 33 anos, morador na Póvoa de Santarém, tendo como ajudante o sr. José Evangelista Julião, também casado e também de 33 anos, de Samora Correia, ao descrever uma curva, voltou-se. Obstruiu a estrada. Sob a carga ficou o ajudante do motorista que, depois de retirado, foi morrer ao hospital de Alpiarça.

CUIDADO COM O CRÉDITO...

É muito cuidadoso com o crédito nacional e em particular com o do Porto de Lisboa, onde trabalhava, o Alfredo Joaquim Marques de Figueiredo, de 20 anos, que usa também outros nomes. Usa outros nomes porque o seu trabalhinho no dito Porto de Lisboa assim o exigia. Profissional sabedor e esmerado, sem duvida! Essa justiça se lhe faça como lhe vai ser feita outra, com certeza. É que ele vivia dos assaltos a navios portugueses. Em terra vestia um casaco branco e, assim trajado de criado, abriam-se-lhe todas as portas e franqueavam-se-lhe todas as barreiras. Mas o bom nome do Porto de Lisboa disse que o respeitava sempre, porque todo o seu cuidado era só assaltar navios nacionais. Só nacionais para que os estranhos não ficassem com má impressão. O agente Alípio Parreirão o capturou quando ele ia «trabalhar» no «Império».

Artes plásticas

Aguarelas originais de Cicely Wright no Instituto Britanico

No Instituto Britanico é esta tarde inaugurada a exposição de 100 aguarelas originais da artista britanica Cicely Wright. A exposição, que compreende apenas flores silvestres, foi apresentada á Imprensa esta manhã.

Á cerimónia inaugural assistem muitos membros da Embaixada e da colónia britanica em Lisboa.

Á exposição nos referiremos mais pormenorizadamente, como merece.

O sr. Presidente da Republica na exposição de João Reis

O sr. Presidente da Republica inaugurou, ao começo da tarde, a exposição do artista João Reis, nas saletas da S. N. B. A.

Ás obras de João Reis, que, como todos os anos, rende homenagem a seu pai e mestre, o pintor Carlos Reis, com um quadro dele, nos referiremos num dos próximos dias.

LOJA DAS MALHAS
COMUNICA
Às suas Ex.mas Clientes, que durante alguns dias liquida, por preços abaixo de custo, todos os artigos de fim de estação, para dentro em breve apresentar os novos modelos de Primavera
A GERÊNCIA

O NOSSO TEMPO

por ALEXANDRE BABO

PARA O HOMEM COMUM — e entre estes podem contar-se todos os que se não debruçaram sobre a extraordinária e rapidíssima transformação das sociedades humanas, de modo a poder abarcá-la como um todo — o nosso tempo assemelha-se a uma espécie de sismo apocalíptico e paradoxal.

Até esta expressão — «nosso tempo» — passou a ter um sentido diferente, mais restrito e muito mais delimitado.

O nosso tempo — tempo de certo apogeu de civilização — já não é apenas diferente do das chamadas «reservas» dos índios da América, dos arborígenes da Austrália ou das tribos mais primitivas do interior africano.

Assim como o chiar dos carros de bois pertence a uma época que se distancia muitas décadas dos jactos e dos foguetões intercontinentais, também as sociedades mais evoluídas, do campo capitalista ou socialista, não pertencem à mesma época das subdesenvolvidas ou de subserviência económica ou política.

Perante o tempo horário, o tempo do calendário, há numa aparência absurda a concomitância de épocas diferenciadas por séculos, desde os mais primitivos agregados às sociedades mais avançadas no campo do progresso material e técnico.

E sob estas presenças paradoxais de eras totalmente diferenciadas, uma cultura que se não conseguiu unificar, mas se entrechoca, com a força dos diversos influxos que estão nas suas origens e que as alimentam.

É evidente que não foi apenas a transformação operada pelo progresso técnico e uma industrialização levada às últimas consequências a razão de ser deste facto. Ele tornou-se mais prementemente patente aos nossos olhos, porque o mundo se tornou numa espécie de bola transparente onde todos os fenómenos, todas as situações, todas as sociedades ,podem ser constantemente observadas e de perto. Os transportes, os meios de informação, o cinema, a televisão, põem-nos diàriamente face a face com todas essas anomalias e contradições, com uma nitidez e uma crueza que se não verificava há meio século.

Como não há-de o homem de hoje ficar confuso e perplexo perante o seu mundo — a sua época específica — em confronto com os mundos que os seus semelhantes têm?

Como, na aparência do inexplicável e babélico, pode entender a convulsão que se processa à sua volta?

E talvez seja esta uma das razões duma natural e generalizada incompreensão para o que o cerca.

Nestes últimos trinta anos, o progresso técnico operou transformações de tal modo radicais, não só nas infra-estruturas como nas superstruturas, que nada pode resistir à sua força criadora e destruidora também.

A humanidade habituara-se a ciclos duma relativa longevidade. Por essência, o homem vive numa constante entre dois pólos — a ânsia de criar, de transformar — dinamismo de aventura irrequieta e veloz, e o desejo de calma, de tranquilidade, de estabilidade.

É, afinal, o seu grande drama.

A imensa força de contestação, quase inconsciente tiginoso em que a sua ânsia criadora o lançou, e que, depois, virá novamente a destruir.

As chamadas sociedades de consumo trouxeram-lhe incomensuráveis benefícios materiais, mas tiraram-lhe a possibilidade de viver serenamente, de «ter tempo», de meditar, de vagarosamente poder saborear o espectáculo maravilhoso da Natureza, do homem em evolução, do seu próprio pensamento.

Por isso, talvez, os grandes ideários políticos e sociais têm, mesmo após a sua realização, uma vida, mais ou menos, efémera. Em meio século, num mundo industrializado dividido em dois grandes blocos, disputando entre si uma hegemonia universal, dois conceitos de vida foram já profundamente abalados.

O liberalismo económico ruiu e deu lugar a formas várias ou várias nuances dum capitalismo de Estado; o socialismo de Estado igualmente começou a sofrer brechas profundas, acusado de não ser suficiente, com a alteração de infra-estruturas, para solucionar os problemas vivos do homem.

Henri Lefèvre, filósofo hoje independente, afirmou há tempos, numa entrevista dada a uma revista madrilena, «ser necessária a procura dum novo socialiste, do homem de hoje é no sentido de atingir essa estabilidade, essa serenidade, de fazer parar o ritmo vermo, já que considerava «congelado» o socialismo de Estado». E afirmava: «O capitalismo, assim como o socialismo, reduzidos a objectivos de crescimento de produção, não correspondem a um desejo fundamental do ser humano, o da apropriação. Não se trata — entenda-se bem — da propriedade. Trata de se apropriar do mundo, da Natureza, e da própria natureza, dos próprios desejos».

No fundo, a aspiração do homem é a felicidade no quotidiano, a tranquilidade, a estabilidade, a serenidade — talvez a melhor e única forma de apropriação do mundo que está em si próprio.

O quotidiano é a vida autêntica do homem — único objectivo subjacente de todas as suas terríveis ou gloriosas lutas.

Quanto mais desenvolvidas são as sociedades humanas tanto mais dificilmente qualquer ideário político ou social pode alterar ou obstar às suas profundas contradições.

Os homens do «nosso tempo» — do calendário de hoje — já não sabem esperar, foram tomados pela impaciência e pelo ritmo de vertigem que desencadearam.

Talvez que os «doutras eras», embora do mesmo calendário, venham a aproveitar, sem os sofrimentos da nossa evolução, os benefícios da paz autêntica do quotidiano que, um dia, possamos obter, e por ora se não vislumbra.

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS INVENTOS INSÓLITOS

«Brevets d'invention tout à fait insolites» é o título sugestivo de um volume de Jacques Sée, lançado por Tchou, o editor de «Les Murs ont la Parole», e que está a ter grande êxito de venda em França. Sée (que criou o célebre Professor Nimbus das bandas desenhadas) dedicou-se ùltimamente a procurar no Instituto Nacional dos Brevets (onde são registados 130 inventos por dia), os mais insólitos de todos, e fez com eles o seu livro que tem algo de ficção científica e de humor. Que também nos fala da luta inglória contra os moinhos, de tantos e tantos Quixotes, ricos de sonho e logo acordados para a triste realidade.

Alguns dos «brevets» trazidos agora a lume pelo «pai» de Nimbus são, na verdade, verdadeiras obras-primas no género. Um tal Joseph Bergalli, por exemplo, inventou em 1958 um aparelho com o qual era possível, afirmava ele, recuperar e transformar em energia, os 23 000 movimentos diários que a caixa toráxica faz ao respirar. E o inventor declarava, convicto: «Um tal dispositivo pode prestar grandes serviços num continente tão grande como a África, continente esse cujas zonas costeiras ainda são mal electrificadas». Em suma, com a nossa respiração electrificava-se a África; nada menos do que isso. Jean de Gazalow inventou em 1952 um caixão de segurança. No respectivo «brevet» — todos eles são transcritos por Jacques Sée —, podemos ler o seguinte: «Como sabem, há pessoas vítimas de morte aparente. Esta invenção prevê um interruptor automático que funciona ao menor movimento do corpo, pondo em acção um sinal de alarme sonoro ou luminoso. «Mas há muitos mais inventos neste delicioso livro. As bicicletas para cavalos (e até elefantes) de Madeleine Ravier, as bicicletas funcionando com a energia do vento, de Jacques Rueff, o aparelho para não ressonar, etc., etc., etc.

Claro que Jacques Sée teve o cuidado de se referir à possibilidade de serem hoje considerados utópicos e despertarem a hilariedade inventos cuja importância pode mais tarde vir a descobrir-se. E citou o exemplo do radar, de que a princípio todos sorriram, e que viria a ser de uma importância capital.

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Nota do dia

ESTÁ EM NÓS O CAMINHO

ONDE ESTÁ O MILAGRE? Depende bastante de nós: ou não está em parte nenhuma ou, então, estará onde nós acreditamos ou resolvemos que ele esteja. E parece que, pelo que nos diz respeito a nós todos, haverá que dar razão ao comentário que sobre a actual situação portuguesa faz o diário madrileno «Ya». «Portugal não deve esperar do exterior o milagre de se converter num país rico e próspero. O milagre tem de vir de dentro, tem de ser fruto da iniciativa portuguesa». Para aqueles que esperam abrir a boca para que o maná caia do céu a saciar-lhes fomes e sedes pode ser desagradável ter de ouvir uma destas. Mas é com estas e outras que temos de cair bem dentro da nossa própria realidade.

Por alguma coisa é a atenção que a grande imprensa estrangeira está a prestar às nossas coisas e, reconheça-se, de um modo geral, num tom que vale pela aparente objectividade, isto é, nem o elogio fácil e incondicional nem o ataque sistemático, mas numa posição de expectativa atenta a todas as reacções que tem sido possível verificar no País. O editorial do «Ya», que se insere nessa linha de curiosidade, tem no entanto a marca do melhor conhecimento que lhe vem da vizinhança em que se situa o ponto de observação.

Parece-nos bem importante a ideia de que é cá dentro que se deve fazer o verdadeiro esforço, em vez de esperar pela ajuda seja donde for. Claro que o que se pretende é trabalho, muito trabalho, mas criteriosamente programado e decidido. Não é o acaso nem o improviso. Será um programa e, antes dele, a mentalidade que o torna possível. É isto o mais difícil? É uma obra a empreender pacientemente, mas não pode deixar de ter-se como fundamental. Precisamos de ter a consciência do que somos, do que temos, do que precisamos. E também do que podemos — se quisermos.

Quem der uma volta por um desses estabelecimentos onde hoje se vende mais ou menos tudo há-de sentir uma espécie de surpresa ao inventariar num relâmpago a variedade de queijos, conservas e sumos de frutas, doces e muitos outros produtos alimentares de origem estrangeira que se exibem e vendem em concorrência com a produção nacional. Refere-se este sector industrial por ser, porventura, o que está mais em contacto com o consumidor. Noutros, menos à vista do grande público, passa-se o mesmo. E neste confronto, mesmo em nossa casa, a nossa produção sai muitas vezes derrotada.

Não vai alguém supor, pela certa, termos sido nesta altura acometidos de algum ataque de xenofobia. Apenas se chama à colação um fenómeno bem evidente para sobre ele apontarmos certos feixes de luz. Que esforço fazemos nós, o País, a indústria, os técnicos, para sofrer este confronto que terá de ser suportado, cada vez mais, à medida que se desenvolver o processo de integração económica? É uma pergunta sem resposta, mas a que é preciso responder, porque em cada ano que passar ela se tornará mais aguda.

Temos que nos preparar para fazer tão bem como os outros aquilo que quisermos fazer. Produzir vinho ou fabricar queijo ou relógios ou aparelhos electrónicos tudo são actividades legítimas e necessárias. Mas precisamos de escolher aquilo para que nos supomos com vocação, aquilo para que tivermos preparação, aquilo que, em última análise, formos capazes de fazer em bom. Se fizéssemos um bom vinho de que o mundo inteiro precisasse, pois seria óptimo se pudéssemos não fazer mais nada.

Infelizmente não é isso. É preciso mais e diferente. Mas o mais e o diferente terá de ser óptimo. E a nossa escolha, tenhamos a coragem de o saber, haveremos de fazê-la pensando no nosso futuro, mas pensando nós próprios, toda a gente, toda a gente que dirige e toda a gente que trabalha. Mas havemos de ser nós, a pensar e a fazer. Esse será o «milagre», o tal milagre, o milagre necessário de que fala o jornal espanhol: «tem de vir de dentro».

SOU ITALIANO
O MEU NOME É Giannini
FALAREI DE MIM NO DIA 20

AGUARDENTE VELHA
Nicepoort
a prova está na prova

Brasil, quem és tu?

LAÇANDO BÚFALOS E CAÇANDO JACARÉS NA ILHA DE MARAJÓ

ALGURES NO MUNDO

um repórter do «Diário de Lisboa»

Joaquim Letria

BELÉM, PARÁ — (Por gentileza da VARIG) — Antes de começar a escrever esta crónica, aplico «Calladryl» na pele da cara e dos braços, ressequida por um dia de sol na ilha do Marajó — a maior ilha fluvial do Mundo, com a superfície da Suíça —, a mais importante das 900 outras, muitas das quais com 30 km por 50 km, na foz do rio-mar, esse barrento e fabuloso Amazonas. É sobre ela que vos vou falar.

Às 4 e 30 da madrugada eu partira de canoa, movida por poderoso motor que a fazia rasgar as águas e atirar a proa para o céu enevoado, com o sol a romper o horizonte e o dia a despontar. «Não deixe de ir a Marajó. É um espectáculo, dissera-me um amigo. E aí estava eu a caminho de Marajó, correndo pelo Amazonas, no meu primeiro contacto directo com as suas águas castanhas.

Nem se sabe bem quantos habitantes terá esta bela e estranha ilha, onde se vive da carne do búfalo, aqui criado, e da venda de verduras e da pele de jacaré. Os búfalos, vi-os em manada e procurei laçá-los, de perto, embora me tivessem dito que o animal enfurecido era perigosíssimo. Agora quanto aos jacarés limitei-me a ser espectador da sua caçada, sem a menor coragem para aceitar o convite de uma experiência.

O jacaré é em tudo semelhante ao crocodilo do Nilo, apenas mais pequeno, pois o seu tamanho varia, normalmente, entre os quatro e os cinco metros. Pacificamente, ele jaz horas e horas seguidas ao sol, estendido nas margens. Observo a sua marcha desajeitada a caminho das águas, refrescando a preguiça, ou partindo em busca de alimento. É um animal lento e estúpido, mas extremamente rápido quando corre. Isso eu veria quando meus companheiros mestiços do Marajó — uma mistura de índio e polinésio — se dispuseram a apanhar alguns apenas «para eu ter uma ideia». A primeira parte da caçada começou. Caçadores empenham-se em enfurecer o animal, atentos ao seu menor movimento, segurando aguçados paus de dois bicos. Esta é a caçada de morte. O pau bate na carapaça do jacaré, no focinho, nos olhos. Ele move-se. Lentamente. Mas o caçador conhece os movimentos e o seu perigoso significado. Ele sabe também que está procurando enfurecer o bicho. E quando ele se move mais, o caçador salta de sopetão e foge. A sua corrida excitou o sáurio. Aí parte ele, e como é rápido! O caçador perde o avanço, mas logo se delta no chão e, imóvel, segurando, firme, o pau, ele aguarda o inimigo, espera, seguro de si, o ataque. E quando o jacaré abre a terrível boca, mostrando aquela serrilha de pequenos e afiados dentes ponteagudos, o caçador estende, sem um tremor, o braço e enfia-lhe na boca o pau, ao alto, que fere as mandíbulas, cravando-se-lhe nos dois maxilares.

O animal acaba morrendo por asfixia, de boca aberta, por um fenómeno que não poderei explicar convenientemente, pois não encontrei nenhum biólogo, mas que os meus amigos do Marajó explicam simplesmente dizendo que «o jacaré de boca aberta não pode respirar.» Muitas vezes eles têm pedidos para apanhar os animais vivos para «zoos», ou qualquer outro fim. E fazem-no calmamente, laçando o jacaré, desta vez sem o excitar, antes pelo contrário, aproveitando-se do período sonolento para o aprisionarem e dominarem.

Até ao almoço eu rodeei parte da ilha de canoa motorizada e andei pelo seu interior. Não há qualquer cidade aqui. Apenas pequenos aglomerados de casas dos colonos e fazendeiros. O apetite era grande quando me sentei sob um alpendre sobreaquecido para me deliciar com um dos melhores pratos da região: cauda de jacaré «curna», um pequeno bicho igual aos que vira caçar, mas cujo comprimento não ultrapassa os dois metros. Um minijacaré... Só lhes digo que aquele rabinho de jacaré, depois de uma sopinha bem quente de tartaruga, e antes de um bife, também de tartaruga, é uma delícia! Fora de brincadeira.

Jamais esquecerei os meus amigos do Marajó. Fizeram-me comer raridades, que são verdadeiras delícias, depois de se terem arriscado a ficar sem um braço «só para eu ter uma ideia» de como se caçam jacarés. Laçaram enormes búfalos e montaram-nos em pêlo, só para eu ver. Aturaram-me todo o dia. Receberam-me como só o brasileiro recebe quando se dispõe a isso. E ficaram tristes, julgo mesmo que ofendidos, quando me recusei a aceitar os seus presentes.

Jamais compreenderão porque não quis trazer comigo aquela tartaruga nem o filhote (cria) de jacaré, vivos, que tão gostosamente me queriam oferecer. Por outro lado, tive sorte: olhem se fosse um búfalo!...

Nunca esquecerei Marajó nem os seus hospitaleiros habitantes, nem as suas canoas que todas as madrugadas vogam pelo Amazonas, demandando o mercado de Belém, à beira-cais, carregadas de tartarugas, papaias, abacaxis, goiabas e maracujás.

AMANHÃ

Manais: Cidade que quer despertar no coração do Amazonas

ora diga-nos...

— Quem são os autores do hino nacional?

Composta em 1891 «A Portuguesa» foi adoptada em 1910 como hino nacional da República Portuguesa. Não há ninguém por esse País fora que não conheça o hino do seu País. A pergunta, porém, é outra: quem são os seus autores? O leitor sabe? Se tiver que responder negativamente, não fique muito triste. (Nem todos os franceses, muito pelo contrário, sabem quem compôs a Marselhesa). Entretanto, dizemos-lhe: a letra é de Henrique Lopes de Mendonça e a música de Alfredo Keil.

● *O sr. João Calazans, vendedor de material fotográfico, teve resposta pronta misturada com um sorriso:*

— Henrique Lopes de Mendonça e Alfredo Keil.
— E que pensa do Hino Nacional?
— Penso que é lindíssimo, talvez um dos mais lindos do Mundo...
— Conhece outros?
— Conheço a Marselhesa, o hino inglês, etc.

● *O jovem António Esteves dos Santos, estudante, actualmente na tropa (em Chaves), mas de passagem em Lisboa, para prestar provas do exame de admissão ao Instituto Comercial, lamenta muito mas...*

— Não sei... Os autores do Hino Nacional... Parece-me que nunca ouvi falar...
— E que pensa do Hino Nacional?
— Penso que é muito bonito. Já o ouvi muitíssimas vezes, até o sei, mas os autores... parece mal, mas não sei.

● *Por último, o sr. João Pereira Marques, funcionário público, responde:*

— Não sei... Já ouvi várias vezes o hino e gosto muito. Todo o português deve gostar e eu gosto. Mas os autores não sei quem são. Nunca ouvi falar...

APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS

(JUNTO À ESTAÇÃO C. F. E PRAIA)

Apartamentos de luxo, em construção na Avenida Valbom, junto da Estação e das Praias, c/ 2 e 3 assoalhadas, em edifício de luxo c/ galeria comercial e aparcamento para automóveis

Proprietária: BARAONA & BARAONA, LDA.

ESTRADA MARGINAL, LOTE JME - 2.º C

(por cima do supermercado)

Telefs.: 282345 - 282388 - 283792 — CASCAIS

MARIA LUÍSA BARATA

MODAS S. A. R. L.

BOUTIQUE

SALDOS

GRANDE CAMPANHA DE INVERNO

PREÇOS INCOMPARÁVEIS A PARTIR DO DIA 15

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DA MAIS ALTA QUALIDADE

AV. ENG.º DUARTE PACHECO, 1 ☆ LISBOA ☆ TELEF. 68 50 19

HOTEL PALÁCIO ESTORIL ☆ TELEF. 26 19 77

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

Título: «O estrangulador de Boston» (The Boston Strangler — 1968).
Realização: Richard Fleischer.
Intépretes: Tony Curtis, Henry Fonda, George Kennedy.

ANÁLISE SÉRIA DO CRIMINOSO E PSICOPATA

Vamos por alíneas para ser rápido e sem omissões:

a) Em primeiro lugar, o título. Acontece frequentemente que a carga afectiva de certos títulos afasta um dado numero de espectadores. Talvez esteja isso a suceder com «Caçadores de Escalpes». E, no caso presente, que é o do nosso estrangulador, convém sermos claros e dizermos que se não trata de um filme de terror ou de uma vulgar história policial, mas da narração metódica e circunstanciada de uma sequência de crimes. Puro documento e análise séria do criminoso e psicopata. Se bem que o filme tenha os seus momentos de emoção, o tom de reportagem, por vezes até didáctica, nunca desaparece. Na primeira parte, seguimos as diligências da polícia para encontrar uma pista e ficamos a conhecer uma curiosa galeria de homossexuais, masoquistas, exibicionistas, fetichistas e outros tantos de que ouvimos falar nos manuais da especialidade. As investigações decorrem, não sem monotonia, paralelamente aos crimes, que são doze e se repetem um pouco. A imaginação de Fleischer desdobra-se, mas por vezes em vão. Na segunda parte, de maior interesse, entra o criminoso em cena e temporàriamente adoptamos o ponto de vista dele. Depois, retomamos o fio do inquérito. Por fim, trata-se do processo dedelicado que levará o assassino a reconhecer-se como assassino — processo não judicial, mas clínico. Embora sem grande rigor de perspectivas, Fleischer esforçou-se por ser honesto na apresentação dos factos e não aborrecer em excesso o espectador. Talvez tenha falhado um pouco nos dois pontos, mas as transigências não o comprometem demasiado.

b) Em segundo lugar, a interpretação. Neste ponto, nota alta para Tony Curtis, muito amadurecido, denso, cerrado, com um imenso peso nos gestos e na expressão. O trabalho de Curtis é realmente notável, sobretudo na cena final, onde atinge instantes de verdadeira tensão. A seu lado, temos um Henry Fonda triste, envelhecido, com um bigode de inspector francês e com aquela dignidade serena que lhe é habitual. A sua interpretação é mais sóbria, mas muito segura. Aliás, toda a interpretação é de muito nível.

c) Em terceiro lugar, a inovação técnica. Fleischer pretende aproveitar todo o espaço da tela e nele representar acções paralelas. Deste modo, fragmentou a imagem. Assim, se A está em casa e B toca a porta nós vemos as duas imagens simultaneamente, cada uma no seu canto do «écran». É de perder a cabeça. Quando A abre a porta a B, a imagem reunifica-se. Esta multiplicação de imagens chega a extremos incríveis. Felizmente Fleischer está longos períodos em que se esquece de técnicas tão inutil e desagradável, e tais momentos são para nós verdadeiros oásis. Processo muito pouco convincente, portanto.

Em complemento: Vale a pena ser pontual e ver «Esperança» — uma curta-metragem de grande interesse.

EDUARDO PRADO COELHO

Atrás do Reposteiro

- *O actor Henrique Santana está a ensaiar no Teatro Variedades a peça da sua autoria «O mundo-gato».*
- *Está a terminar a sua carreira no Teatro Experimental do Porto a peça de Romeu Correia, «Desporto-Rei».*
- *O actor Raul Solnado ainda não decidiu qual será a produção que se seguirá á peça ora no palco do Villaret.*
- *Encontra-se em Lisboa o empresário espanhol Camilo Murillo que pretende contratar a artista Milu para participar numa revista que vai montar em Madrid.*

POLITEAMA APRESENTA AMANHÃ ÀS 21.30
Algo intensamente verdadeiro e empolgante!

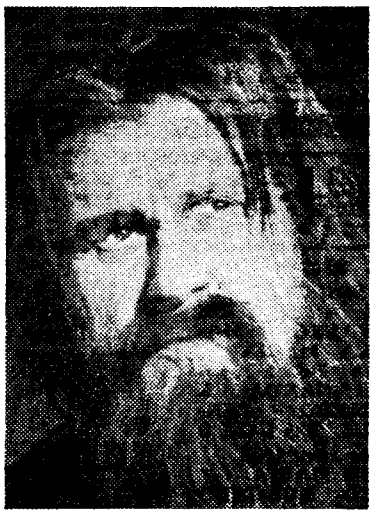
ATAQUE À MURALHA DO ATLÂNTICO
MAIORES 12 ANOS
UM DRAMA DE HEROÍSMO E SACRIFÍCIO HUMANO
com LLOYD BRIDGES ANDREW KEIR · SUE LLOYD · MARK EDEN · PAUL WENDKOS
Argumento HERMAN HOFFMAN História JOHN C. CHAMPION
Produção de JOHN C. CHAMPION A JOHN C. CHAMPION Production COLOR DeLuxe UNITED ARTISTS

THORENS
preferido por melómanos e profissionais

TD 124
o melhor gira-discos do mundo para cadeias de alta fidelidade
PEÇA CATÁLOGOS E UMA DEMONSTRAÇÃO AOS PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95 - 97 LISBOA
Na zona VADECA — R. de S.to António, 210 — PORTO

Como conservar
Dentes postiços
com mais firmeza no seu lugar
A sua dentadura postiça causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe apenas as suas placas com um pouco de DENTOFIX. Este pó alcalino (não ácido) fixa os dentes postiços com maior firmeza e maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

UM DOS CRIMES POLÍTICOS MAIS FALADOS DA HISTÓRIA!
PARA UNS — O SÍMBOLO DA SALVAÇÃO!
PARA OUTROS — O SÍMBOLO DA DECADÊNCIA!



GERT FROEBE
GERALDINE CHAPLIN
PETER MAC ENERY
ROBERT HOSSEIN
IRA FURSTENBERG
realização Robert HOSSEIN
COMO MATEI RASPUTINE

*** FRANSCOPE EASTMANCOLOR
2ª SEMANA
TALMA FILMES M/12 ANOS AVIS

O FILME É APRESENTADO PELO PRÍNCIPE YOUSSOUPOFF, O HOMEM QUE MATOU RASPUTINE — CONCEDENDO A ESTA VERSÃO A EXACTA AUTENTICIDADE DOS FACTOS

Cápida
RUA AUGUSTA, 275-A-LISBOA CASA PIRES D'ALMEIDA, LDA TELEF 32 07 00
QUARTA-FEIRA DIA 15 e seguintes Dá início aos seus Famosos SALDOS de Artigos de Lã para Casacos e Vestidos de Senhoras e para Fatos de Homem.

CARMEN SEVILLA
NA SUA CRIAÇÃO MAIS NOTÁVEL
UMA JOVEM DISPUTADA POR DOIS HOMENS
VICENTE PARRA e JÚLIO ALEMAN
REALIZAÇÃO de MIGUEL MORAYTA
LINDAS CANÇÕES
PAIXÕES EM FÚRIA! (M/ 12 Anos)
A EPOPEIA de um POVO em pé de GUERRA
DESAFIOU A MORTE COM AUDÁCIA PARA ESCREVER COM SANGUE A SUA GLÓRIA MAIS SUBLIME
ERAM PRECISAS ARMAS E MUNIÇÕES PARA A REVOLTA TRIUNFAR NA ALMA DE RICOS E POBRES
APARECEU UMA MULHER... ACEITOU UMA MISSÃO SECRETA... AS BALAS NUNCA MAIS FALTARAM

A GUERRILHEIRA EASTMANCOLOR EXCLUSIVO IMPERIAL FILMES
AMANHÃ ESTREIA NO ODEON

Em ALVALADE SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

Nicoletta, cançonetista francesa que está a tentar um «vale-tudo» contra o anonimato, acaba de atingir o palco do «Olympia». Para o grande publico, Nicoleta apenas se tornou conhecida com a composição «La Musique». A vendagem do primeiro disco abriu-lhe as portas para a fácil colheita de divisas: «L'homme a la moto», «Les orgues d'antan», «Je ne pense qu'a t'aimer» e «Il est mort le soleil» são os títulos dos mais recentes 45 r. p. m., o veículo para a fama de Nicoletta (nascida a 11 de Abril de 1944, em Thonon)

Teatro Laura Alves

Telef. 86 47 56

VASCO MORGADO apresenta UMA PEÇA DE ÊXITO MUNDIAL

(ADULTOS)

HOJE, ÀS 21.45 H. UM NOTÁVEL ELENCO

com BRUNILDE JUDICE * RUI DE CARVALHO * MANUELA MARIA * CÉLIA DE SOUSA * FERNANDA FIGUEIREDO * BENJAMIM FALCÃO e o par revelação GUIDA MARIA VASCO MORGADO JÚNIOR

4.ª Semana

O JOVEM MENTIROSO

SÁBADO: 2 SESSÕES, 20.45 e 23 H.

4.º MÊS

RIA COM GOSTO

O AMOR-68

UMA FANTÁSTICA COMÉDIA DE HENRIQUE SANTANA

UM ESPECTACULO DE VASCO MORGADO

NOVO ÊXITO DA C.ª TEATRO ALEGRE

(Adultos)

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37

com HOJE, ÀS 21.45 HORAS

HENRIQUE ● IRENE ● COSTINHA ● SEMEDO ● LIA ● ANABELA e ADRIANO REYS

Dir. plástica de F. RELÓGIO

Encenação de MARIA HELENA

SÁBADO: 2 SESSÕES, 20.45 e 23 H.

TRAPO

ESTRADA DE BENFICA, 401-C / TEL. 783484 / LISBOA

BOUTIQUE PRONTO A VESTIR

GRANDE VARIEDADE DE ARTIGOS

SALDOS DIA 15

PREÇOS DE SENSAÇÃO

«O Amor-68» triunfa no Variedades

Ao Teatro Variedades continua todos os dias a afluir muito publico, que não quer perder duas horas de boa disposição com a comédia que ali está em cena já há quatro meses consecutivos.

Na verdade, «O Amor 68», original de Henrique Santana, é uma comédia engraçadíssima, em que o espectador, participando como jurado, espera ansiosamente o final para saber qual a sentença aplicada ao «senhor Amor», personagem á volta da qual gira todo o enredo da história.

São responsáveis pelo êxito obtido Maria Helena Matos, que encenou, e, como intérpretes, Henrique Santana, Irene Isidro, Costinha, Artur Semedo, Lia Gama, Anabela e o artista brasileiro convidado Adriano Reys. A direcção plástica pertence a Francisco Relógio. Hoje e todas as noites, espectáculos ás 21 e 45 horas.

«ELAS É QUE SABEM» — em breve no A. B. C.

A montagem da revista «Elas é que sabem», que o empresário José Miguel vai levar à cena no teatro ABC, foi confiada à direcção do artista plástico que é Mário Alberto. Dele são também os figurinos para o guarda-roupa confeccionado por mestra Josefina Soares nos Ateliers Paiva e as maquetas, que executou com Hernâni Lopes e Velez de Lima: «Elas é que sabem» tem, portanto, uma montagem de êxito assegurado.

A revista foi escrita por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, musicada por João Nobre e João de Vasconcelos a quem compete a direcção musical, tem encenação de César de Oliveira, coreografia de mestre Charles e é minterpretada por um elenco de que fazem parte Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, Oscar Acursio e Natalina José, além de muitos outros artistas. Apresenta como atracções principais a estreia em revista do actor José de Castro, a escultural artista americana Jill Christie, a voz de Maria da Fé e a presença de Tony de Matos.

O corpo de baile é constituido por 20 elementos.

CAPITÓLIO

Telef. 32 03 79

21,45 h (M. 17 anos)

TANGO

O 2.º mês de um êxito triunfal, pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

Sábado e domingo ás 16 horas

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

No Auditório do Instituto Japonês de Cultura, em Roma, exibe-se até 30 de Janeiro uma exposição cinematográfica dedicada ao cineasta japonês Kon Ichikawa.

*

O realizador checoslovaco Vaclav Sklenar está a rodar o filme «O Homem em Fuga». Os protagonistas são Karel Dellapina, Hana Kreihanslova e Monika Svabova, ao lado de numerosos amadores.

*

Vai ser transposta para o «écran» uma nova versão da obra de Júlio Verne «Vinte Mil Léguas Submarinas». O actor Robert Ryand será o capitão Nemo, papel anteriormente desempenhado por James Mason.

*

O ano de 1968 foi importante para o cinema norte-americano, porque se fez sentir, quer comercialmente quer sob o ponto de vista artístico, a influência europeia. Todavia, em dez dos melhores filmes indicados pelo «New York Times», sete eram ainda europeus e a primeira película norte-americana, «O Bebé de Rosemary», foi realizada pelo cineasta polaco Roman Polanski.

*

O filme realizado por Pasquale Festa Campanile, «A Matrona», interpretado por Catherine Spaak e Jean-Louis Trintignant, é candidato aos prémios «David» e «Globo de Oiro».

*

O cineasta canadiano Jacques Godbout rodou a película intitulada «Kid Sentiment», apresentada no XVIII Encontro Internacional do Filme para a Juventude.

TRINDADE

— F. N. A. T. —

HOJE, às 21.45 (17 anos) o T.N.P., sub. pelo Fundo do Teatro, apresenta

SABINA FREIRE

de M. Teixeira Gomes com Lourdes Norberto na protagonista

SABADO, tarde às 16 h.

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 172 REFERENTE A JANEIRO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saude e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperais mais Bem-Estar e Alegria de Viver

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

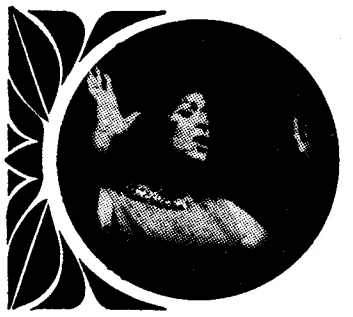
- O Décimo Quarto Congresso Internacional sobre as Substâncias Vitais, alimentação e doenças da civilização.
- Parece que temos razão.
- A Luta Contra o Cancro II.
- Erros, Perigos e Abuso da Medicina Química.
- AQuímica dos Alimentos sob o aspecto prático.
- A Cura dos Incuráveis.
- Algumas considerações sobre Dietética — Saude — Longevidade — Regeneração.
- Somos aliados da enfermidade.
- Tem a carne grande valor nutritivo?
- O automóvel é o inimigo n.º 1 da higiene dos grandes capitais.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta administração: RUA ANTERO DO QUENTAL, 35, 1.º, DT.º (Ao Intendente) TELEFONE 55 64 98

Assinatura Anual, 60$00; Semestral, 30$00; Estrangeiro e Ultramar, 75$00. Numero avulso, 6$00

SE ADQUIRIR UM NÚMERO A TÍTULO DE EXPERIENCIA FICARÁ LOGO NOSSO ASSINANTE

SIMONE



ACTUALIDADE:

AQUELES DIAS FELIZES

(THOSE WERE THE DAYS)

PLENITUDE:

PINGOS DE CHUVA · FÚRIA DE VIVER

UM DISCO A ESCUTAR

DECCA

PEP 1270

A venda nos revendedores habituais e em

VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

VÁ HOJE, ÀS 21 OU ÀS 23 HORAS AO TEATRO VILLARET, VER RAUL SOLNADO EM «A PREGUIÇA»

ADULTOS

VÁ, ESTA NOITE, AO ● MARIA VITÓRIA

● ÀS 20.45 OU ÀS 23 HORAS APLAUDIR A REVISTA DA GARGALHADA

● GRANDE POETA É O ZÉ!... ●

com SALVADOR ● VIANA ● MARIEMA

● MAX ● ANITA ● DORA ● VIT. MENDES ● MARIANO

E A GRANDE ATRACÇÃO ● MAY AVRIL

ADULTOS

MARIEMA na «Miss Bond»

CONGRESSO AMERICANO DE MEDICINA DO SEGURO SOCIAL

Na Cidade do México, decorre, de 18 a 26 do corrente, o 1.º Congresso Americano de Medicina do Seguro Social, organizado pela Conferência Interamericana do Seguro Social e pela Comissão Regional Americana Médico-Social, com a colaboração da A.I.S.S., da O.I.T. e da O.I.S.S. Tem como principais objectivos o estudo das realizações das instituições do seguro social no campo da medicina e o exame dos processos técnicos-administrativos, na outorga das prestações médico-sociais, nomeadamente a coordenação das instituições de previdência social, com os serviços dos ministérios da Saude Publica.

Para participar naquele congresso foram convidadas as instituições que nos diversos países desenvolvem actividade no campo da medicina da Previdência Social tendo, em relação a Portugal, sido designada a Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família que estará representada pelos seus presidente e vice-presidente, respectivamente drs. Fernando Moreira Ribeiro e Vasco Bruto da Costa.

RUA VEDADA AO TRÂNSITO

Para se proceder á construção de ramais de esgoto das sarjetas, vai ser vedada ao transito de veículos a Rua João de Oliveira Miguéis. As obras prolongam-se por um período de 20 dias.

O tempo e as culturas

Segundo o «Boletim Meteorológico para a Agricultura», as hortas, nabais e lameiros encontram-se em estado satisfatório.

O tempo favoreceu, em geral, a execução dos trabalhos agrícolas próprios da época. Porém as geadas atrasaram o desenvolvimento vegetativo dos pastos espontaneos e prejudicaram os pomares de citrinos.

Fizeram-se cavas, adubações, sementeiras, apanha de azeitona e bolota, cortes de mato, tratamentos anticriptogamicos, etc.

PROF. MÁRIO DE FIGUEIREDO

Continua a experimentar melhoras o sr. prof. Mário de Figueiredo, presidente da Assembleia Nacional, internado há já algum tempo na casa de saude da Cruz Vermelha Portuguesa.

TEM 69 ANOS O INSTITUTO DE ODIVELAS

O Instituto de Odivelas comemora hoje o 69.º aniversário da sua fundação. De manhã, as alunas ofereceram um bodo a 112 meninas da escola primária daquela localidade. Cada uma das crianças recebeu um enxoval completo — agasalhos, roupas interiores e calçado —, brinquedos e guloseimas. Após o almoço, realizou-se uma festa recreativa para as pequenitas.

Esta tarde, ás 18 horas, será celebrada missa por alma das antigas alunas e professoras já falecidas, sendo depois inaugurada uma exposição sobre o Brasil, integrada nas comemorações cabralinas.

TONY DE MATOS NO FESTIVAL DA IMPRENSA

Cresce o interesse á volta do festival que a Casa da Imprensa organiza, na noite de 8 de Fevereiro, no Pavilhão dos Desportos, para entrega dos «Prémios da Imprensa» aos nomes que, no decorrer do ano transacto, mais se distinguiram nos campos da Rádio, Televisão, Musica ligeira, Desporto, Cinema, Teatro e Tauromaquia.

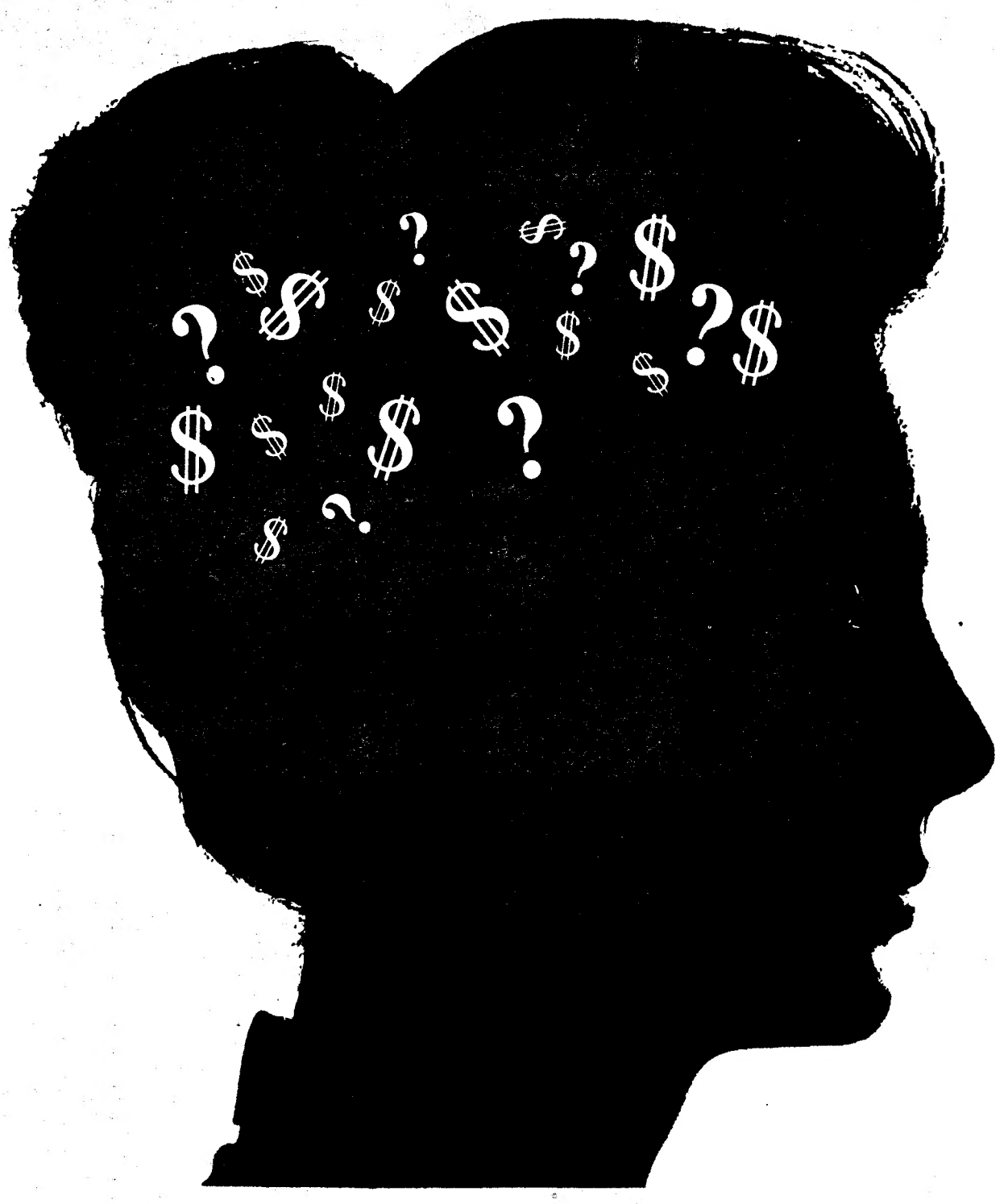
Prossegue a divulgação da parada de intérpretes que, gentilmente, acederam a colaborar no mais cotado espectáculo organizado pelos jornalistas portugueses. Hoje, podemos indicar a presença do cançonetista Tony de Matos, criador de êxitos que o povo consagrou

O MELHOR DE TODOS NO COLISEU FOI O RANCHO FLORES DO LENA

Muito publico assistiu ontem á noite, no Coliseu dos Recreios, á exibição dos finalistas do VII Festival de Folclore Nacional, organizado por Serafim Gonçalves. Vencedor: o Rancho Rosas do Lena, representante da Beira Litoral.

Um júri constituído pelas sr.as D. Clementina Moura Manta e D. Maria Fernanda Athaide Ferreira, e pelo prof. Armando Leça, dr. Azinhal Abelho e srs. Francisco Cota e Alfredo Pimentel classificou assim os quatro melhores agrupamentos:

1.º, Rancho Rosas do Lena, Rebolaria, Batalha (Beira Litoral); 2.º, Rancho Típico Regional da Boavista, Portalegre (Alto Alentejo); 3.º, Grupo Folclórico de Pias, Cinfães (Douro Litoral); e 4.º, Rancho Folclórico de Celfeiras e Campinos de Azambuja (Ribatejo).



PODE!

Recorra ao Crédito Individual do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e verá que pode resolver o problema que a preocupa ou concretizar um desejo até agora impossível.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Actualidade internacional

Bomba em Buenos Aires

BUENOS AIRES, 14—(R.) — Uma bomba explodiu a noite passada nesta capital, no mausoleu erigído em honra de um dos chefes da revolução que depôs o antigo presidente Juan Peron, em Setembro de 1955.

Os estragos foram ligeiros e não se registaram vítimas — informou a Polícia.

O mausoléu contem os restos mortais de um antigo ministro da guerra e comandante-chefe do Exército, general Arturo Ossorio Arana.

NOVO DIRECTOR DA U. S. I. A.

NOVA YORK, 14 — (A. N. I.) — O presidente eleito Richard Nixon nomeou ontem para director da Agência de Informações norte-americana (U. S. I. A.) o dirigente da secção de Televisão da C. B. S. (Columbia Broadcasting System), Frank Shakespeare.

O novo director da U.S.IA. tem 43 anos e dirigiu a campanha de Nixon pela TV, respondendo a perguntas que lhe foram postas na altura por vários grupos de eleitores. A Televisão foi considerada, aliás, uma das «armas» que mais contribuiram para a vitória de Nixon. Shakespeare substitui Leonad Marks, que recentemente pediu a demissão de director da U. S. I. A.

Ronald Ziegler, informador de Imprensa de Nixon, anunciou que o presidente-eleito vai passar quatro dias a repousar em Key Biscayne, na Florida, e a preparar o discurso que proferirá na cerimónia da posse.

San Francisco voltou a ser cenário de agitação estudantil. Contudo, a «miniguerra» nos recintos universitários da Califórnia foi interrompida por tréguas entre alunos contestatários e dirigentes das Faculdades

OS MONÁRQUICOS ESPANHÓIS ESTÃO DIVIDIDOS

MADRID, 14 — (R.) — O pretendente ao trono espanhol, D. Juan de Bourbon, está a sondar os membros do seu conselho privado, numa tentativa para solucionar uma crise entre monárquicos, sobrevinda em torno da sucessão ao trono — afirmaram a noite passada fontes bem informadas desta.

Numa entrevista que concedeu á EFE, a agência noticiosa espanhola, o príncipe Juan Carlos, filho de D. Juan de Bourbon, tornou claro que estava pronto a tornar-se rei, embora a maioria dos monárquicos espanhóis julgue que D. Juan tem preferência dinástica, como filho escolhido pelo falecido rei Afonso XIII.

Os monárquicos têm afirmado repetidas vezes que o pretendente, de 55 anos, nunca abdicará dos seus direitos ao trono a despeito dos indícios cada vez mais patentes de que o generalíssimo Franco está a educar Juan Carlos para a sucessão.

A noite passada, fontes monárquicas disseram que D. Juan de Bourbon, que vive em Portugal, nada soube antecipadamente acerca da entrevista concedida pelo filho á EFE.

A entrevista do príncipe Juan Carlos dividiu os monárquicos. Alguns mostram-se chocados. Outros começaram a crer que a nomeação, pelo generalíssimo Franco, de Juan Carlos como rei, mesmo em prejuízo de seu pai, poderá ser a unica forma de restaurar a monarquia.

Aumenta o preço do alumínio

NOVA YORK, 14 — (A. N. I.) — O exemplo da Kaiser foi seguido por outras três grandes companhias (Reynolds, Alcoa e Alumínium of América) que anunciaram aumentos dos preços de alumínio, numa base de cinco por cento. As outras empresas produtores de alumínio preparam-se também para aumentar os preços.

Ultimamente, registaram-se aumentos de preço noutros metais: cobre, níquel, estanho, zinco e algumas categorias de aço.

«Mercado negro» de crianças recém-nascidas

CIDADE DO MÉXICO, 14 — (R.) — Existe no México um novo tipo de «mercado negro», no qual são vendidas crianças recém-nascidas, raptadas nas maternidades.

Os jornais têm-se referido várias vezes ao rapto de bebés, mas a primeira confirmação só foi obtida doze dias antes do Natal. O jornal independente «Excelsior» perguntou ao dr. Raul Fournier, director do Hospital Geral do México, se era verdade realizarem-se vendas ilegais de crianças a casais que pretendiam ter filhos. O médico, embora desmentindo que as crianças sejam vendidas a casais dos Estados Unidos ou de outros países, como alguns jornais chegaram a afirmar, admitiu o rapto de crianças nas maternidades do Estado.

«Não é frequente, mas também não é um facto inédito. Existe um «mercado negro» de bebés organizado» — afirmou.

O dr. Fournier acrescentou que um mercado potencial para a venda de crianças recém-nascidas é constituído pelos casais sem filhos, na sua maior parte gente da classe média, que viram malogrados os seus esforços legais para conseguirem adoptar uma criança.

BEBÉS «SEM VALOR»

Por outro lado, há mulheres de famílias de poucos recursos que, pouco depois de terem dada á luz, combinam com parentes ou amigos, os quais levam as crianças da maternidade. Em seguida, a mãe queixa-se de que o filho lhe foi roubado e pede uma indemnização ás autoridades hospitalares.

Segundo o dr. Fournier, o rapto organizado de crianças para venda no «mercado negro» só raramente ocorre no seu hospital.

«Os bebés que lá nascem não são bonitos nem saudáveis. São filhos de mães subalimentadas e, portanto, não têm valor no mercado» — comentou o médico.

POBREZA

Referindo-se ás alegadas vendas de crianças para os Estados Unidos, o médico disse: «Adoptar uma criança é uma coisa muito fácil nesse país. Se um casal desejar, realmente, uma criança mexicana, há muitas comunidades de mexicanos nos Estados Unidos a viverem em tais condições de pobreza que cederiam as crianças recém-nascidas tão fácilmente como no México e com menos complicações legais».

Segundo o dr. Fournier, poderia reduzir-se ou eliminar-se completamente o tráfico de crianças no México se a adopção legal fosse tornada mais fácil ou se fosse construída uma maternidade moderna, com condições que permitissem uma rigorosa vigilancia.

PERFIL

Cabot Lodge: Os compromissos do passado

Cabot Lodge não é um inexperiente nas questões vietnamianas. Desde 1963 é um dos seus actores mais importantes, desde 12 de Junho exactamente daquele ano, quando John Kennedy anunciou que o tinha escolhido como novo embaixador em Saigão, a conselho de Dean Rusk. Cabot Lodge só devia permanecer um ano naquele lugar. Em Junho do ano seguinte, regressava aos Estados Unidos para tentar a sorte nas eleições presidenciais. Mas a partida estava já ganha: pelo seu trabalho de térmita, Barry Goldwater tinha antecipadamente a sua investidura «na algibeira».

Cabot Lodge depressa se recomporá da derrota. Não foi ele, afinal de contas, vencido antes de ter combatido? Fazendo das tripas coração, continuou a servir os democráticos no Poder tentando mesmo, numa reunião dos ministros da NATO em Paris, converter os europeus ás suas esperanças no Vietnam. Durante uma conferência de Imprensa, que fez algum rumor na época, obteve, no entanto, o efeito contrário ao que procurava, preconizando a transposição para o Vietnam dos métodos de quadriculagem que o coronel Trinquier utilizara há pouco na «Casbá» de Argel...

Porque Henry Cabot Lodge, se bem que aristocrata e bostoniano, tem alma de militar. Esta vocação falhada não deve ter sido alheia ao interesse que sempre teve pelo conflito vietnamiano. Durante muito tempo hesitou entre a carreira militar e a política. Deste modo, que logo que saiu de Harvard, quanto trabalhava para o «New York Herald Tribune», teve uma longa estadia no exército de reserva. Sete anos depois, em 1932, publicava o seu unico livro, The Cult of Weakness, *uma defesa dum exército forte. Só em 1936 entrava realmente «na política» como senador do Massachusetts. Mas, em 1939, fazia-se colocar na disponibilidade dos senadores para se juntar ao exército (dois meses antes de Pearl Harbour). Reeleito para o Senado em 1942, ia reincidir e apresentar desta vez a sua demissão assim como o título de primeiro senador depois da guerra da Secessão a abandonar as confortáveis poltronas de couro do Capitólio para o exército.*

Depois de madura reflexão, o isolacionista Cabot Lodge regressou á política em 1946. Mas a guerra fria depressa o transformou em internacionalista Muito naturalmente, fez parte dos republicanos moderados que apelaram em 1952 para o general Eisenhower, a fim de barrar o caminho ao senador conservador Taft. Mas consagrou-se de tal modo á campanha eleitoral do seu herói que desprezou um tanto a sua. Subestimou igualmente o jovem democrático que usara desafiá-lo no seu feudo de Massachusetts e que se chamava John Kennedy.

Ainda nisto Henry Cabot Lodge devia consolar-se muito depressa. Depois de visar por momentos o cargo de Secretário de Estado, teve no entanto de contentar-se com o de delegado dos Estados Unidos á ONU. «Ike», é certo, reconheceu-lhe a categoria de membro do gabinete. Até 1960, o embaixador ia esforçar-se essencialmente por nunca deixar sem resposta os ataques soviéticos lançados na tribuna da O. N. U., colocando toda a sua honra, dirá ele mais tarde, «em responder-lhes no próprio dia». De facto, só os assuntos militares e internacionais parecem interessar-lhe. A política interna não passa para ele dum meio. Falta-lhe de resto um certo á-vontade para ter perfeito êxito neste caminho. A sua frieza, acrescentada á raiva surda de Nixon, explica talvez a derrota do «tandem» republicano nas eleições de 1960. Ainda aqui, Cabot Lodge teve de curvar-se perante John Kennedy.

A despeito dos magros êxitos da sua primeira passagem por Saigão, foi o presidente Johnson que lhe pediu «para a retomar» em 1965. Esta segunda estadia no Vietnam do Sul não foi mais notável que a primeira, manchada pela «queda» de Diem. Enquanto Cabot Lodge não cessava de se congratular pelos êxitos obtidos no campo militar, o nível dos combates e da resistência adversa não deixava de aumentar. No seu regresso aos Estados Unidos, no dia seguinte á ofensiva do Têt, não hesitou no entanto em dar um grande artigo ao Saturday Evening Post *intitulado: «Estamos a ganhar a guerra». Em Abril de 1968, o presidente Johnson nomeava-o embaixador em Bonn.*

O aspecto militar do conflito sempre foi considerado por Cabot Lodge como preponderante, nunca prevendo nas suas declarações um compromisso político. Para ele, a guerra do Vietnam deve terminar não por um tratado em boa e devida forma, mas graças a um esgotamento do adversário. «Do mesmo modo que nunca nos declararam guerra oficialmente, *gosta de repetir,* os norte-vietnamianos nunca assinarão a paz oficialmente. Mas pouco a pouco a intensidade dos combates diminuirá, e será possível estabilizar a situação como fizemos na Coreia».

Estas declarações, certamente, não são de ontem. Além disso, outros dirigentes americanos muito mais «falcões» que Henry Cabot Lodge começaram a reconhecer os seus erros. Cabot Lodge, por outro lado, não terá a mesma liberdade de movimentos em Paris do que em Saigão, sob Nixon que sob Johnson. Não deixa de ser menos de admirar que na declaração que acaba de publicar em Bonn faça referência aos «compromissos do passado» *que têm* «raízes profundas». «Cada parte no conflito elaborou-os em dez anos de guerra ou mais. Foram santificados pelo sangue», *acrescenta. É pelo menos uma velha linguagem que não entra certamente na* «nova aproximação» *do problema vietnamiano anunciado por Nixon.*

JACQUES AMALRIC

Excl. «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

O embaixador Cabot Lodge, durante a sua recente visita a Berlim Ocidental, acompanhado pelo sucessor de Willy Brandt como burgomestre da cidade

O ÚLTIMO VOO DO «XB-70»

BASE AÉREA DE EDWARDS (Califórnia), 14. — (A. N. I.) — Vai realizar-se esta semana o derradeiro voo do hexamotor «XB-70», o maior avião a jacto norte-americano até hoje construído e um dos protótipos da nova geração de bombardeiros supersónicos, que não foi avante.

O gigante vencido pelo próprio progresso, capaz de voar a 3218 quilómetros por hora e cuja construção, manutenção e exploração importou em meio bilião de dólares (catorze milhões de contos) porá ponto final na sua carreira de quatro anos de «laboratório voador» com um «pachorrento» voo subsónico até á base aérea de Wright-Patterson, no Ohio, onde será entregue ao Museu do Ar.

A Força Aérea norte-americana encomendou a construção de dois «XB-70», mas nunca conseguiu ordem para a produção em série. O então secretário da Defesa, Robert McNamara, achava que os mísseis intercontinentais tinham suplantado os bombardeiros supersónicos de tal tipo.

Um dos protótipos despenhou-se em 1966, na Califórnia, devido ao choque com um «caça», morrendo no desastre os pilotos dos dois aparelhos.

O «XB-70» proporcionou, no entanto, uma série de conhecimentos muito uteis para a construção dos supersónicos comerciais do futuro, que até no desenho se lhe assemelham.

A China procura romper o isolamento diplomático

Uma dramática campanha contra o uso de narcóticos está em curso na Suécia. Quatrocentos cartazes como este — apresentando o aspecto de anuncios funebres — foram colocados nas ruas de Estocolmo, onde permanecerão 14 dias. A iniciativa deve-se a uma agência sueca de publicidade e o espaço para os cartazes foi cedido de graça

LONDRES, 14 — (A.N.I.) — A China continental procura libertar-se do isolamento diplomático mundial em que foi lançada nos ultimos dez anos — afirma-se nos circulos diplomáticos de Londres.

Nos mesmos circulos acrescenta-se que a primeira prova surgirá quando os representantes chineses e norte-americanos se reunirem em Varsóvia a 20 de Fevereiro. Foi Pequim, num gesto que não deixou de causar surpresa, que sugeriu que os dois paises discutam um «acordo de coexistência», até agora só comprometido pela habitual exigência chinesa de que os Estados Unidos deixem de reconhecer a Formosa e suspendam o apoio a Chang-Kai-Chek.

Notícias recebidas de Pequim no fim da semana anunciavam ainda que Mao está a encaminhar para alguns países enviados especiais, supõe-se que para sondarem as perspectivas do recomeço de contactos diplomáticos.

Retirada simbólica de tropas do Vietnam

— propósito atribuído a Johnson

WASHINGTON, 14 — (R.) — Impostos rigorosos, progresso quanto aos direitos cívicos e, até mesmo, a possibilidade de uma retirada simbólica de alguns contingentes do Vietnam foram previstos hoje como os temas do discurso de despedida ao país do presidente Johnson.

Fontes autorizadas disseram que o ponto principal do discurso sobre o Estado da União, a ser proferido esta noite (2 horas T. M. G. de quarta-feira) perante uma sessão conjunta das duas camaras do congresso, consistirá de uma proposta para continuar a vigorar mais um ano a sobretaxa de 10 por cento sobre o imposto de rendimento.

Essa sobretaxa, imposta em 1968 para combater a inflacção e auxiliar a pagar a guerra no Vietnam, expira automáticamente a 30 de Junho a não ser que Richard Nixon, que é investido como presidente na próxima segunda-feira, decida com o congresso renová-la

A TV TRANSMITIRA A INVESTIDURA

Uma reportagem directa, pela Televisão, da investidura de Richard Nixon como presidente dos Estados Unidos, será transmitida para a Europa, América Latina e Sul do Pacífico, na próxima segunda-feira.

A National Broadcasting Company anunciou a noite passada que a União Europeia de Radiodifusão terá acesso á sua transmissão por intermédio de um satélite de comunicações.

O Congresso brasileiro não deve retomar nos próximos tempos as suas actividades

— segundo um ministro

RIO DE JANEIRO, 14 — (F. P.). — O Governo brasileiro não tenciona autorizar o Congresso Federal a retomar as suas actividades nestes próximos tempos — declarou Costa Cavalcanti, ministro das Minas e da Energia, ao jornal «O Globo».

«O regresso ás actividades parlamentares só pode ser ponderado mais tarde» — afirmou Cavalcanti.

O partido maioritário «Arena» não soube cumprir os seus compromissos para com o Governo e, acrescentou o ministro, «deve ser criado um novo bloco político extremamente ligado á ideologia revolucionária». Todavia, «é ainda prematuro proceder a uma reestruturação dos quadros políticos nacionais».

O ministro indicou que a legislação de excepção (acto institucional e actos complementares) poderia ser incorporada na Constituição, mas «isto depende da evolução dos acontecimentos».

Depois da suspensão de nove parlamentares da oposição e de dois parlamentares do partido *Arena*, a Camara dos Deputados está reduzida a 398 membros. Julga-se que o marechal Costa e Silva vai decretar, dentro de dias, mais suspensões e privações dos direitos políticos por dez anos.

SHATALOV É CASADO E TEM DOIS FILHOS

MOSCOVO, 14. — (F. P.) — O tenente-coronel Vladimir Shatalov, piloto da nave espacial soviética «Soyuz 4», conta 41 anos, nasceu em Petropavlovsk (Cazaquistão) e é membro do partido desde 1953 — anuncia a agência Tass.

Shatalov ingressou na aviação militar, em 1949, depois de ter frequentado durante quatro anos a escola de aviação de Katchino próximo de Volgograd.

No período de 1953 a 1956, foi aluno da Academia do Exército do Ar em Moscovo, sendo-lhe depois confiadas posições de comando em unidades da aviação militar. Faz parte do corpo de cosmonautas soviéticos desde Janeiro de 1963.

O tenente-coronel Shatalov é casado e tem dois filhos, Igor, de 16 anos, e Helena, de 10.

Cosmonauta em órbita

(Continuação da 1.ª pág.)

O ultimo astronauta soviético, general Georgy Beregovoi, tripulando a cápsula «Soyuz 3», já tinha efectuado em Outubro manobras em conjunto com a cápsula «Soyuz 2», não tripulada, durante uma experiência de quatro dias. Porém, dessa vez não foi tentada a acostagem, feita duas vezes no mesmo ano por cápsulas soviéticas não tripuladas.

EM ÓRBITA ENTRE 225 E 173 KM

MOSCOVO, 14 — (F. P.) — A Rádio soviética anunciou que o tenente-coronel Shatalov se sente bem. A nave espacial foi colocada numa órbita terrestre próxima dos parametros calculados: apogeu, 225 quilómetros; perigeu, 173 quilómetros; revolução, 88 minutos e 25 segundos; inclinação da órbita, 51 graus e 40 minutos.

O LANÇAMENTO TRANSMITIDO PELA TELEVISÃO

MOSCOVO, 14 — A. N. I.) — Duas horas depois do lançamento da nave espacial russa «Soyuz-4», a Televisão de Moscovo apresentou a subida do foguetão para o espaço.

A agência noticiosa Tass informa que a nave executa uma revolução completa em redor da Terra em 88,25 minutos, com a inclinação de 61 graus e quarenta minutos, em relação ao Equador. As mensagens da cápsula são transmitidas na frequência de 20,008 megaciclos.

A «Tass» afirma que Shatalov já começou a cumprir o seu programa de voo. Todavia, não revelou ainda qual a missão da «Soyuz-4».

Os peritos ocidentais declaram que a «Soyuz-4» é idêntica á «Soyuz-3», que levou para o espaço o cosmonauta George Beregovoi, em Novembro do ano passado.

DESPENHOU-SE NO MAR UM AVIÃO COM 45 PESSOAS

LOS ANGELES, 14 (R.) — Um avião sueco de passageiros despenhou-se ontem á noite no Pacífico, tendo morrido pelo menos quatro pessoas. Continuam as buscas para encontrar mais pessoas ainda dadas como desaparecidas

O avião, um «DC-8» a jacto, com 36 passageiros e nove tripulantes a bordo, caiu a cerca de quilómetro e meio de Los Angeles quando se aproximava do aeroporto para aterrar, no fim da viagem de Copenhague para esta cidade.

A Guarda Costeira informou que o capitão, ferido, se encontrava entre sobreviventes retirados de jangadas de borracha que flutuavam no mar.

Sabe-se que pelo menos cinco dos feridos, incluindo uma criança de tenra idade, estão em estado grave.

Receia-se que os desaparecidos tenham sido arrastados para o fundo do mar, dentro da cauda do avião, que desapareceu sob as ondas.

Na parte da frente, que continuava a flutuar precedia-se a novas buscas para encontrar possíveis sobreviventes presos entre os destroços.

Os funcionários do aeroporto de Los Angeles disseram que o avião tinha enviado uma última mensagem de rádio comunicando que o trem de aterragem não funcionava convenientemente.

Olaff Anderson, um piloto sueco que seguia em viagem de núpcias contou: «Estava a dormir quando o avião caiu no mar. A água começou a entrar. Com o impacto da queda, o avião partira-se em dois, junto á asa. Houve algum pânico, ouvindo-se mulheres e crianças a gritar. Algumas pessoas tinham a face ensanguentada. Ao pé de mim havia uma saída de emergência que abri saindo por ela com a minha mulher. Caminhámos ao longo da asa e entrámos numa jangada. Estava rota e afundou-se. Perdi a minha mulher de vista mas, ao nadar para outra jangada reparei que a minha mulher já lá se encontrava».

Anderson e a mulher, uma linda assistente de bordo, foram embrulhados em cobertores e levados para o hospital de Santa Mónica, num banco da frente de uma ambulância.

À medida que pequenos barcos traziam sobreviventes para terra, os hospitais de Los Angeles iam comunicando o número de feridos que recebiam. Até ao fim da noite tinham sido hospitalizadas 34 pessoas. Foram encontrados quatro corpos, de modo que o número de desaparecidos ficou reduzido a sete.

CAVERNA-MUSEU

MERSA MATROUH (Egipto), 14 — (R.) — Uma caverna utilizada pelo marechal de campo alemão Rommel, durante a sua campanha no Norte de África na segunda guerra mundial, será transformada num museu militar.

A caverna, perto do Mediterrâneo, exibirá capacetes e armas nazis, bandeiras da Grã-Bretanha e seus aliados e alguns dos planos de campanha de Rommel.

JULGAMENTO DE BRUCE REYNOLDS

AYLESBURY (Inglaterra), 14 — (A. N. I.) — Começa hoje a ser julgado, num tribunal de Aylesbury (Inglaterra), Bruce Reynolds, implicado no roubo de 2,3 milhões de libras (178 mil contos), durante o assalto ao comboio-correio Glasgow-Londres, em Agosto de 1963.

Reynolds, que se julga ter sido o planeador do assalto, conseguiu iludir a Scotland Yard durante cinco anos, enquanto eram presos todos os seus cúmplices em número de catorze.

O julgamento realiza-se nesta localidade por ser a sede do condado de Buckinghamshire, onde o roubo foi praticado.

Contudo, a Scotland Yard ainda tem um problema pendente: Ronald Biggs, condenado a 30 anos de prisão, que se evadiu da cadeia de Wandsworth, em Londres em 1965 e nunca mais foi visto.

SALDOS

Toalhas turcas, jogos turcos das melhores qualidades, sem qualquer defeito, a preços excepcionais.

Atoalhados de mesa a metro, lindos padrões e boa qualidade, a 37$50 o metro. Sem defeito (era de 52$50).

Opais suíços para camisas de noite a 25$00 (eram de 57$50).

Lanores femininos

Avenida Guerra Junqueiro, 3-D

LAVORES

Rua Áurea, 197 — LISBOA

ATENÇÃO

ÀS GARAGENS, OFICINAS E POSTOS DE GASOLINA DE TODO O PAÍS PEDE-SE A APREENSÃO DO AUTOMÓVEL N. DF-59-81, DA MARCA CORTINA, ÚLTIMO MODELO, DE COR CASTANHA. PEDIDA A COLABORAÇÃO DA POLÍCIA. AVISAR TELEF. 22251 — GRATIFICA-SE.

...TRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ECOS

A ideia de uma biblioteca-monumento à cultura luso-brasileira em São Paulo, no Brasil, em que figurem filósofos e pensadores portugueses com os seus auto-retratos filosóficos, parece à primeira vista, apaixonante iniciativa. Mas há que notar (e pertencemos ao número dos que, ditosa ou desditosamente, duvidam sistemàticamente, até da esperança) que este empreendimento parte de um sector muito localizado, ideológica e metodológicamente, como se depreende da, aliás muito interessante, conversa havida (e tornada pública) na redacção do nosso prezado colega «O Século» com o rev.º prof. Stanislavs Ladusan, vice-director da Faculdade de Filosofia que a Companhia de Jesus dirige na capital paulista. Aliás, a própria terminologia é sintomática. O simples facto de se falar em Filosofia Nacional Portuguesa e em Filosofia Luso-Brasileira, classificações que não resistem a uma análise lúcida, senão que logo denunciam o anti-universalismo do fechado sector de que emanam, bastam para advertir os intelectuais racionalistas e independentes. Isto sem, de modo algum, pretender atingir os espíritos luminosos que também, com profunda consciência do progresso do pensamento humano, existem dentro da Companhia de Jesus.

* * *

PUBLICARAM-SE em Espanha, no decurso de 1968, 83 livros dedicados ao estudo de diversos problemas da economia espanhola, segundo se infere do boletim bibliográfico do Instituto Nacional do livro espanhol. Os temas mais insistentes são a política monetária e fiscal e os aspectos históricos gerais. O tom destas obras vai da apologética direitista à seca objectividade científica e à crítica marxista declarada. Entre os volumes mais importantes destaca a revista «Triunfo»: Introdução à Economia Espanhola, de R. Tamanes; «Catalanismo e Revolução Burguesa», de J. Solé-Tura, «Política Económica da Ditadura», de J. Velarde; «Crescimento e Crise do Capitalismo Espanhol», de A. López Muñoz e J. L. Garcia Delgado; «Reforma Agrária em Espanha», de J. López Sebastian; «Os chefes de empresa e o desenvolvimento capitalista — O Caso Catalão», de Pinilla de las Heras e outros títutlos igualmente excitantes, que provocam o desejo de melhor conhecer toda essa literatura altamente informada e especializada.

* * *

AS modalidades técnicas das reformas que o general De Gaulle vai tentar impôr este ano à França por meio de um referendum **ameaçam a estrutura do Senado, que bem pode vir a transformar-se numa câmara meramente consultiva.** Há muito que efectivamente esta segunda assembleia tinha perdido a sua força política, mas a situação presente é para ela de desespero. Subtraindo a um autêntico debate nacional problemas desta natureza, o chefe do Estado francês dá um passo, segundo a opinião do **Express**, em artigo de Irene Allier, para a ditadura de um partido único numa assembleia única. A questão é efectivamente delicada. Edouard Bonnefous, homem político do centro, bem conhecido pelo seu liberalismo burguês, avesso à autocracia, adverte o país: «Para alterar a Constituição, um Presidente da Reública já não precisaria do voto das duas câmaras nem mesmo do assaz aleatório **referendum.** De Gaulle, por seu lado, propugna a maturidade do sufrágio universal directo, que até aqui o tem sempre servido. Mas até quando se manterá essa confiança que a maioria dos eleitores lhe tem concedido? Irene Allier cita, no seu artigo, com certo a-propósito a célebre frase sibilina de Rémy de Gourmont: «A política depende dos homens políticos pouco mais ou menos como o tempo depende dos astrónomos»...

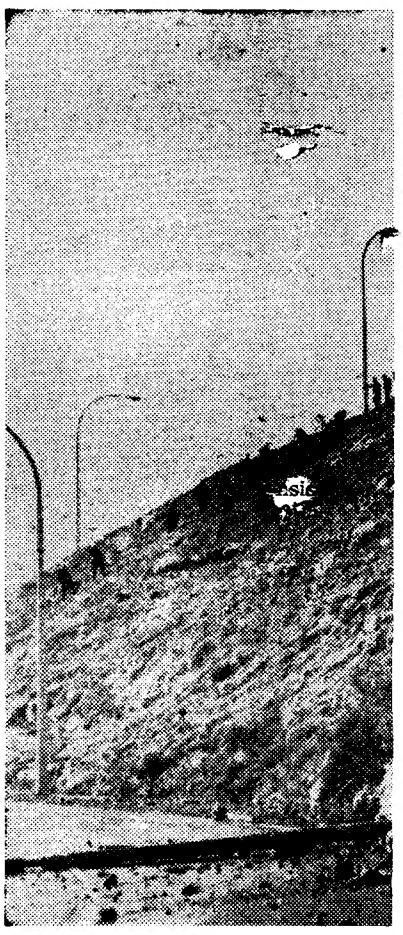
RAJADAS DE VENTO
(A MAIS DE 100 KM/HORA)
NO NORTE DO PAÍS

PORTO, 14 — O temporal continua a fazer-se sentir em todo o Norte do País causando estragos e dando origem a contratempos de toda a espécie. O vento forte — esta manhã, ás 7 e 37, a rajada foi de 110 quilómetros horários, rumo Oeste — tem derrubado árvores, destelhado casas, partido vidros, etc. A chuva continua a cair com grande intensidade, e o trovão fez-se ouvir durante a madrugada, acompanhado de faíscas.

Os caminhos-de-ferro têm sido afectados pois verificam-se grandes atrasos no tráfego ferroviário. O «correio» de Lisboa chegou a Campanhã com 3 horas e 45 minutos de demora. Por seu lado, a falta de comunicações telefónicas leva a tomar medidas de precaução com a marcha das composições. Por esse motivo, foram grandemente afectadas as linhas de circulação de Leixões, do Minho e Douro e verificaram-se interrupções na via entre Mogofores e Oliveira do Bairro, pelo facto de estarem obstruídas por árvores de grande porte arrancadas pelo vendaval.

No mar, como não podia deixar de ser, o mau tempo também se fez sentir. A barra do Douro está já fechada há três dias á navegação. Contudo, no porto de Leixões, o movimento continua a processar-se com normalidade.

O navio-motor holandês «Françoise Buisman», de 500 toneladas, que ontem, á tarde, saíra de Leixões com destino a Bordéus, foi surpreendido cerca das 18 horas, pela tempestade que assolava a costa e que lhe provocou uma avaria na casa das máquinas. O seu capitão pediu auxílio pela fonia, pelo que, de Vigo, saiu um rebocador de alto-mar para o socorrer. Foi ainda comunicado para Leixões, de bordo daquela embarcação, que a mesma se encontrava a 11 milhas a noroeste daquele porto, mas que não corria grande perigo, em consequência da tempestade ter amainado.



Operários ocup

Estão a remo
que aluiram nu

A região de Lisboa foi fortemente assolada pelo temporal, quer ao principio da noite de ontem, quer a meio da madrugada de hoje. No entanto, felizmente, não se registaram desastres pessoais de monta.

O prejuizo mais importante terá sido o alui mento de terras registado o ramo 7 da Avenida da Ponte Salazar, na margem Norte, o que levou a desviar o tráfego que da Avenida Calouste Gulbenkian se dirige para o Estoril, Sintra e Monsanto. Informações do gabinete da Ponte Salazar permitem esperar que a situação esteja normalizada dentro de dois ou três dias, porquanto começaram já os trabalhos de remoção das terras. No entanto, a mesma fonte informa que outros aluimentos se poderão vir a verificar no local, no caso de continuarem as chuvas. Note-se, contudo, que esta eventualidade não deverá oferecer perigo, dado que o local se encontra vedado ao trânsito.

Entretanto, no Tejo, os passageiros do cacilheiro «Renovação», que fazia a carreira do Terreiro do Paço para Cacilhas, cerca das 15 horas de ontem, viveram alguns momentos de pânico, quando viram o pequeno barco á deriva, entre as ondas alterosas, em virtude de se ter partido a corrente do le-

me, o
nas m
avaria
novaçã
meios
Em
dade e
ram es
no Cas
baram
tiveran
de Alc
Loures
e na e
Iria-Sa
vores
cairam
truindo
uma h
e as 0

Me
— pre

Infor
do Ser
cional,

O

E

N

De nc
poral e
Rios s
voaram
iluminaç
consigo
naturaln
comunic
Mais
que no
o tempo
ma loca
vando
nas de
sempre,
popula
que o
embora,
não ten
as cond
gares se

O T
e o S
os c
SANT

VAI SER COMERCIALIZADO O SECTOR PORTUGUÊS DO URÂNIO
—DISSE O GENERAL KAULZA DE ARRIAGA NA POSSE DO NOVO DIRIGENTE DA JUNTA DE ENERGIA NUCLEAR

Dentro da nova fase da actividade nuclear portuguesa, a encetar assim que oportuno, deverá inscrever-se a «passagem á exploração de alguns jazigos metropolitanos de minérios de urania», com a «correspondente produção e comercialização de concentrados ricos» de óxido do mesmo minério — afirmou hoje o general Kaulza de Arriaga no acto de posse dos novos altos funcionários da Junta de Energia Nuclear. Foi também adiantada a hipótese de vir a fazer-se «a prospecção, reconhecimento e sequente extracção» desses minérios no Ultramar.

Será brevemente formada uma empresa privada, de economia mista, para tomar conta de certas concessões «localizadas em território nacional», revelou ainda o general Kaulza de Arriaga, que por outro lado anunciou a sua próxima partida para o Ultramar, onde assumirá um Comando-Chefe das Forças Armadas. Durante esse impedimento será substituído na presidência da J. E. N. pelo vice-presidente agora empossado, comandante Soeiro de Brito.

Os dirigentes que hoje tomaram posse são, além do comandante Soeiro de Brito (vice-presidente) e eng.º Diuis Ferreira (director-geral dos Serviços de Prospecção e Exploração Mineira), sucessores respectivamente dos eng.os Manuel Rocha e Rogério Cavaca, nove personalidades e scolhidas para assegurar novos cargos: eng.os Marques Videira, director-geral de Combustíveis e Reactores Nucleares Industrais, e Carreira Pich, seu adjunto; Nogueira da Costa, director dos Serviços Internacionais; Oliveira Júnior e Gama Carvalho, adjuntos do director-geral do L. N. E. C.; Peixoto Cabral e Oliveira Sampaio, investigadores-chefes do mesmo laboratório; Pistacchini Galvão, director dos Serviços de Protecção contra Radiações; e dr. Guerra de Oliveira, chefe da Repartição de Documentação e Pessoal da Direcção dos Serviços Centrais.

Lido e assinado o auto de posse, discursou o presidente da Junta de Energia Nuclear para fazer o balanço do organismo desde a sua criação, no qual avulta a realização e complemento da prospecção de jazigos de urânio na Metrópole (e reconhecimento de muitos deles), e o início dos estudos relativos á inserção de centrais nucleares no sistema produtor de energia eléctrica. Passou depois a esquematizar o que será a nova fase da J. E. N., acrescentando, ao que já referimos, a plena reorganização do L. N. E. C. e a criação de um ou mais centros de Medicina Nuclear, a anexar a hospitais. Concluindo, disse que chegámos a boa posição nos organismos internacionais nucleares e os nossos conhecimentos científicos e técnicos se elevaram a nível internacional.

Falaram seguidamente o novo vice-presidente. «No cargo de que agora tomo posse, não terei que definir uma política ou um programa, mas apenas que dar cumprimento ás directivas que por V. Ex.a forem dadas, e assim afigura-se-me não dever, neste momento e lugar, entrar em quaisquer considerações sobre tarefas e problemas da Junta») e o director-geral de Combustíveis e Reactores Nucleares Industriais, eng.º Marques Videira, para referir, entre outras considerações, que «vamos entrar na época da industrialização da técnologia nuclear, em consequência das nossas importantes reservas de urânio, das nossas necessidades de energia, e como reflexo do fantástico desenvolvimento atingido noutros países». O eng.º Marques Videira salientou ainda que antes de 1990 a percentagem de energia eléctrica gerada por via nuclear poderá ser da ordem de 40 %, atingindo os valores acumulados dos investimentos em centrais e dos encargos de combustível cerca de 15 milhões de contos.

CAMISARIA CISNE

SALDA

Oportunidade única de adquirir por preços excepcionais:

GABARDINES — SOBRETUDOS — MALHAS — CAMISAS — GRAVATAS

e todos os artigos de camisaria.

Para seu interesse não deixe de visitar a nossa casa.

166, Rua Augusta, 168

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES

BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

APA

Gravataria PARIS

RUA AUREA, 172

LIQUIDA

a partir de 15 de Janeiro

Restos das suas

COLECÇÕES DE INVERNO

Homem e Senhora

Sobretudos Gabardines Casacos Calças

Operários ocupam-se das terras aluídas no ramo 7 da Avenida da Ponte

emover-se as terras m num acesso à ponte

...a de ho-
...lizmente,
...n desas-
...onta.
...mportan-
...mento de
...amo 7 da
... Salazar,
...o que le-
...afego que
...o Estoril,
... Informa-
...da Ponte
...perar que
...ormaliza-
... ou três
...eçaram já
...noção das
...a mesma
...utros aflui-
...vir a ve-
... caso de
...uvas. No-
...esta even-
...rá ofere-
...le o local
... ao trân-
...Tejo, os
...cacilheiro
... fazia a
...o do Pa-
...cerca das
... viveram
...e pânico,
...meno bar-
... as ondas
...de de se
...te do le-

me, o que ocasionou avaria nas máquinas. Finalmente, a avaria foi reparada e o «Renovação» seguiu pelos seus meios para a Outra Banda.

Em diversos pontos da cidade e arredores se registaram estragos, nomeadamente no Casal Ventoso (onde desabaram terras, que só se detiveram junto á linha férrea de Alcantara, na região de Loures, na Cova da Piedade e na estrada Póvoa de Santa Iria-Sacavém (onde sete árvores de apreciável porte caíram sobre a estrada obstruindo o trânsito durante uma hora, entre as 23 e 30 e as 0 e 30).

Melhoria do tempo — prevê a Meteorologia

Informações colhidas junto do Serviço Meteorológico Nacional, permitem supor que a melhoria do tempo já registada esta manhã se mantenha, embora dentro de um quadro normal de Inverno. O vento sopra de Noroeste e apenas se prevêm chuvas moderadas e trovoadas nalgumas zonas montanhosas.

CEBOLAIS DE CIMA SEM ENERGIA ELÉCTRICA

CEBOLAIS DE CIMA, 14 — Continuam as buscas para encontrar os cadáveres dos seis operários que, anteontem, foram arrastados pelo caudal do Tejo, quando se encontravam a trabalhar na ponte pênsil de uma barragem, por conta da Hidro-Eléctrica Getasa.

Até ao fim da manhã de hoje, porém, todos os esforços tinham sido infrutíferos, ao contrário do que ontem constou na região.

Entretanto, as águas do rio baixaram consideràvelmente, mas o mau tempo continua. O vento ciclónico que, ontem, á noite, assolou a região, provocou estragos de monta, tendo derrubado postes eléctricos e telefónicos. As comunicações ficaram interrompidas até cerca das 10 horas de hoje. No entanto, ao fim da manhã, Cebolais de Cima continuava sem energia eléctrica, pelo que 20 unidades fabris (com mais de 500 operários) estavam paralizadas.

DIÁLOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

QUALQUER país do mundo me será Roma desde que nele seja livre. Tenha sido ou não Cícero o autor desta sugestiva forma de evocar o valor subjectivo da liberdade cívica, ela não é aplicável a qualquer homem, em qualquer tempo ou lugar. Admitindo mesmo que na ideia de liberdade está inclusa a estrutura de relações que permitem o usufruto dela, torna-se necessário que um homem tenha perdido a funda ligação à terra natal para assim trocar Roma pela liberdade de Alexandria. Só um cosmopolita, um despaísado, um ser desvinculado inteiramente do destino do seu lugar e da sua gente pode assim em plena tranquilidade racional, escolher uma Ideia por uma Pátria.

É certo, convenho, que o cidadão do mundo não casa com a ideia mas com as consequências práticas que decorrem do estatuto da liberdade. Mas há um sentimento que ele ignora: o da solidariedade comunitária. Ao preferir a liberdade de ser e estar em Alexandria esquece, friamente, a situação de seus concidadãos. Uma carta de alforria fora dos seus, nega a própria essência da liberdade humana que resulta de um confronto activo com o determinismo da lei que a nega ou renega.

Neste sentido, há uma diferença qualitativa entre o que emigra para garantir a sua subsistência vegetativa e o que se exila na mira de estar tranquilamente entre ideias ou ideais que lhe são afins. Ao que cuido, o homem não nasceu para *estar*. A sua existência implica uma acção, um pensar e um sentir que se congregam e integram nos fins da comunidade ou grupo social a que, por condição ou escolha deliberada, se associou. O homem cria, assim, responsabilidades e ligações de natureza racional e afectiva com o meio onde nasceu e cresceu.

O ser humano ganha raízes enquanto se projecta e desenvolve. Independentemente dos códigos legais e das normas legisladas, cada um vive a experiência da terra, povoa-se de paisagens, anima a sensibilidade e a razão de presenças físicas e mentais. Raramente o que buscou noutros sítios e lugares condições satisfatórias de vida material esquece a terra natal, que lhe conformou o carácter, a língua, a vivência, os hábitos, as ilusões, os ideais. Ainda quando, em seu espírito, a pátria não seja o que mais fundamente ambicionou, é para ela que se volta e nela procura refazer o sentido da vida. No mesmo passo que contrai um pacto social de exigência universalista, em que as cláusulas são comuns a todo o homem, assume toda a obrigação para o concreto lugar e para o concreto viver de seus concidadãos.

O problema não está pois em buscar o paraíso perdido na distância, mas em conquistá-lo e merecê-lo pelo sacrifício em comum. O regresso á terra sagrada de nossos avós não constitui afirmação retórica de patriotismo, nem a confirmação descabelada de uma ideologia saudosista. Não se trata de sofrer a resignada condição de um destino fatal. O sentimento da perdida grandeza que nos faz cantar melancólicamente o passado é tão estranho ao patriotismo autêntico como o adiamento do nosso projecto nacional numa vaga, messiânica crença de que um Dia ressuscitará D. Sebastião — quer ele venha de cota de malha, de sobrecasaca ou de fato atómico. Aos que assim cismam, convém recordar-lhes o local mais apropriado para suas merencórias lucubrações: é no Alto de Santa Catarina que os jarretas vão visionar seus navios de névoa.

O TEMPORAL NÃO POUPOU NENHUMA LOCALIDADE

ESTRADAS CORTADAS NO RIBATEJO

De norte a sul do País o temporal entrou a fazer das suas. Rios saíram dos leitos, telhas voaram como penas, postes de iluminação caíram arrastando consigo as linhas, o que levou, naturalmente á interrupção das comunicações.

Mais violento nuns pontos do que noutros, pode dizer-se que o temporal não poupou nenhuma localidade, pelo menos avivando nalgumas memórias, cenas de outros temporais. E, como sempre, foi nos aglomerados de populações mais desprotegidas que o receio mais se instalou, embora, ao que se sabe, mais não tenha feito do que piorar as condições em que nesses lugares se sobrevive.

O Tejo, o Almansor e o Sorraia inundaram os campos marginais

SANTARÉM — Na região ribatejana, três rios (Tejo, Almansor e Sorraia) saíram dos leitos, inundando os terrenos marginais, especialmente nas regiões do Alviela, Ribeira de Santarém, Campo do Rossio e Ponte da Asseca. Estradas foram também cortadas, sendo alguns moradores da Ribeira de Santarém obrigados a recorrer a barcos para entrar e sair de casa.

Em Benavente, o mau tempo causou, também, alguns prejuízos, nomeadamente num prédio do Largo Padre Francisco Nunes da Silva cujas chapas de cobertura voaram a grande distancia. Vento ciclónico tornava, ontem, muito difícil a circulação nas ruas. Entretanto, como precaução contra os efeitos do temporal, foram retirados os gados e alfaias agrícolas para locais mais altos.

Uma grua abateu sobre o terraço de um prédio

ABRANTES — Rajadas ciclónicas que, ao fim da tarde de ontem, fustigaram Abrantes, fizeram abater uma grua de 65 metros sobre o terraço de um prédio sito na Estrada Nacional 24. Não se registaram desastres pessoais, mas a cidade ficou privada de luz durante uma hora. Também algumas avarias nos circuitos telefónicos tornaram muito difíceis as comunicações com o exterior.

Casas destelhadas na região das Caldas da Rainha

CALDAS DA RAINHA — Numerosas casas ficaram destelhadas em virtude de o vento ciclónico que ontem se fez sentir na região. Caíram árvores, e as estradas de acesso á cidade ficaram juncadas de troncos de árvores, chegando alguns troços a ficar inutilizados devido ao grande porte dos troncos caídos. Particularmente violenta foi a rajada que arrancou toda a cobertura da fábrica de concentrados de tomate de F. A. Caiado na Estrada de Tornada.

★

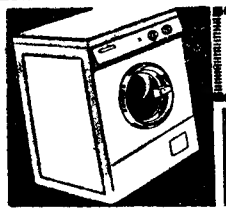
Também se registaram prejuízos de diversa monta em Leiria, Santa Marta de Penaguião, Mira, Porto de Mós, Paraímo (Sangalhos), Arruda dos Vinhos e Olhão, entre outras.

Conselho de Ministros

para os assuntos económicos

Sob a presidência do sr. prof. Marcello Caetano reuniu-se esta tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os assuntos económicos.

SÃO SÓ 15 DIAS!!
CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA
DESDE 40$00
RESTOS DE COLECÇÕES
SAPATARIA LISBONENSE
R. AUGUSTA, 202 ★ R. DA ASSUNÇÃO, 57



PRINCE ROYAL
UMA CRIADA AO SEU SERVIÇO!
Meta a roupa suja na máquina. Vá descansadamente para a praia. No regresso encontra a roupa lavada, seca e pronta.
A VENDA NAS BOAS CASAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

Nomeada uma comissão para indicar os corpos gerentes do Sindicato dos Profissionais de Cinema

Realizou-se esta manhã uma reunião restrita de associados do Sindicato dos Profissionais de Cinema, na Rua de S. Pedro de Alcantara, convocados para discutirem a actual situação pré-eleitoral daquele organismo corporativo, já que as eleições para os corpos gerentes se efectuam no dia 23 de Fevereiro.

O presidente da actual direcção, António Lopes Ribeiro, informou os presentes de uma assembleia que reuniu, recentemente, no Porto, cerca de 300 profissionais da classe em que tinham sido feitas críticas á orientação seguida pelos actuais dirigentes do sindicato (verberando as ligações existentes entre estes e as entidades patronais), tendo-se nessa ocasião resolvido apresentar a candidatura de uma lista que apresentasse melhores garantias de defender os interesses de todos os profissionais de cinema do País.

Refutando as acusações emitidas na reunião do Porto, na qual aliás esteve presente e fez uso da palavra, António Lopes Ribeiro afirmou, no entanto, que a direcção em exercício não tem empenho particular em prosseguir nas respectivas funções (lembra-se que Lopes Ribeiro é presidente do S. P. C. há 12 anos consecutivos, tendo igualmente ocupado o mesmo cargo de 1938 a 1943). A direcção está na disposição de subscrever a apresentação de qualquer lista que represente equilibradamente os três ramos da actividade cinematográfica: exibição, distribuição e produção. Para estudar o problema e designar os nomes dessa lista, que a direcção cessante se comprometeu antecipadamente a apoiar foi constituída uma comissão, que inclui os seguintes membros: Machado Simões, Alvaro Correia e Edgar Branco (distribuição); Alvim Leal, Francisco Duarte, Vítor Hugo e Geraldo Soares (exibição); e Baptista Rosa e Manuel Guimarães (produção).

O dr. Vítor Sá chegou esta tarde ao aeroporto de Lisboa

Chegou, esta tarde, ao aeroporto de Lisboa, o historiador e ensaista Vítor Sá, que há cinco anos se encontrava em Parie, onde, como em primeira mão noticiámos, recentemente se doutorou na Sorbonne, com a referência de «muito bom», apresentando uma tese sobre «A crise do liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)».

Reunião da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa

A Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, promove hoje, ás 22 horas, a sua primeira reunião científica deste ano académico, com a apresentação das seguintes comunicações: «Patologia cirurgica do diafragma», pelo dr. Rolando Moisão e «Um novo método de diagnóstico do quisto hidático pulmonar», pelo prof. José Cortês Pimentel.

O general Câmara Pina deve ter alta no fim da semana

Continua internado no Pavilhão da Família Militar (Estrela), o sr. general Câmara Pina, chefe do Estado-Maior do Exército, que há dias, como noticiámos, deu uma queda na sua residência.

Um informador daquele estabelecimento hospitalar disse, esta manhã, que as melhoras do general se acentuaram.

— Talvez tenha alta sábado — sublinhou aquele informador.

PRESIDENTE DO CONSELHO

O sr. Presidente do Conselho trabalhou, esta manhã, com o ministro da Defesa Nacional e com o secretário de Estado da Informação.

Partiu para Bruxelas o almirante Holmes

— Esta viagem foi especialmente proveitosa, pois tive conversações muito importantes com o ministro da Defesa Nacional e com o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, afirmou, á partida, o almirante Ephraim P. Holmes, comandante supremo aliado do Atlantico, que esta manhã seguiu para Bruxelas, num avião especial da Força Aérea dos Estados Unidos, acompanhado da sua comitiva.

O almirante Holmes, que durante a sua permanência em Portugal visitou a ilha da Madeira, afirmou ainda:

— Fiquei maravilhado com o espírito de colaboração manifestado pelas entidades portuguesas com quem contactei e também pelo comandante da Área Iberoatlantica, almirante Fluckey. As actividades que se vão processar durante este ano (dentro do ambito da N. A. T. O.) significam a importancia da compreensão dos propósitos e da força da Aliança e o interesse da inteira coesão de todos os seus membros.

No aeroporto, estiveram a despedir-se do almirante Holmes os srs. general Paiva Brandão, secretário-adjunto da Defesa Nacional, comodoro Alves Lopes, chefe do Estado-Maior do Comiberlant, comandante Fluckey e D. Vasco de Alarcão, pela direcção do aeroporto

ESTÁ EM LISBOA L. G. ABRAHAMSE

Encontra-se em Lisboa o sr. L. G. Abrahamse, administrador das Companhias Shell Petroleum Naamloze Venootschap e da Shell Petroleum Company Limited, especialmente responsável pelos assuntos europeus, que veio á nossa capital tomar contacto com personalidades oficiais portuguesas e visitar o pessoal e algumas instalações da Shell Portuguesa.

No aeroporto era aguardado pelos srs. dr. José Augusto Corrêa de Barros e duque Pozzo di Borgo, respectivamente presidente do conselho de administração e administrador-delegado daquela ultima empresa.

O engenheiro que fez os cálculos para as coberturas do Cais do Sodré prolongá-las-ia ao longo de pilares diferentes e não através de juntas de dilatação

— apurado hoje na audiência da Boa Hora

Prosseguiu hoje, no Tribunal da Boa Hora, o julgamento do caso da estação do Cais do Sodre, sob a presidência do sr. dr. juiz Guilherme Lourenço Pinheiro e com a presença do delegado do Ministério Público, sr. dr. Moniz da Maia.

Dos advogados que intervêm no processo, encontravam-se presentes os srs. drs. Sidónio Rito, Meneses Pimentel, Galvão Teles, Azevedo Silva e Teixeira da Costa. Presentes, tambem, o representante do dr. Sargo Junior, assistente no processo.

O sr. eng. Marco António, que fez os cálculos para o projecto do réu, eng.º Nuno Martins, com base nos elementos que este lhe dava, continuou a ser instado pelos causídicos.

A uma pergunta do dr. Galvão Teles, o declarante afirmou que o *«critério adoptado no sistema de drenagem das coberturas não aparece expresso no projecto.»*

— Mas — disse — *figura nas plantas.*

— E é de apreensão fácil? — perguntou o juiz.

— Não. Não é de apreensão imediata.

Instado sobre a junta de dilatação do pilar H4, o sr. eng.º Marco António considerou-a «muito importante».

O sr. dr. Sidónio Rito:

— A junta era, pois, importante. Não obstante não foi indicado no projecto qualquer pormenor dessa junta nem se pensou como se lê nas actas, na forma de a executar. Considera isso uma falta grave no projecto?

O eng.º Marco António:

— Não considero uma falha fundamental. Era uma junta corrente, uma junta que, habitualmente, fica ao critério do construtor.

O sr. dr. Sidónio Rito, depois de lembrar que o declarante era estagiário quando fez os cálculos para o projecto do eng.º Nuno Martins, recordou que o L. N. E. C., no relatório elaborado sobre o acidente, afirma que *«as juntas correntes normalmente não funcionam»*. Como interpretava o declarante tal juízo?

O sr. eng.º Marco António:

— Não comprendo esse passo do relatório do L. N. E. C. Se as juntas correntes não funcionam, então porque são costruídas?

O dr. Sidónio Rito:

— Talvez se devam construir outras juntas mais cuidadosas em obras de tal envergadura...

O declarante:

— Pois eu não tenho nada contra as juntas.

O dr. Sidónio Rito quis saber se o projecto necessitaria de quaisquer recomendações especiais.

— Meramente verbais? — perguntou.

O juiz:

— Palavras leva-os o vento...

O eng.º Marco António acabou por admitir que «faria recomendações sobre os elementos mais sobrecarregados para sublinhar cautelas a ter».

— Um caso concreto...? — insinuou o juiz

O dr. Sidónio Rito:

— Talvez a consola do pilar H 4...

O declarante:

— Sim. Tratava-se de uma zona nevrálgica. Exigia, efectivamente, uma recomendação especial no projecto.

Perguntado se teria prolongado o módulo inicial de 30 metros, na altura da construção, quando ainda se pensava que a junta de ligação funcionaria normalmete, o eng.º Marco António respondeu:

— Optaria pela independência dos módulos. Construiria pilares...

— Então — interrogou o juiz — *não conjia muito nas juntas correntes de dilatação? Defendeu as juntas, mas construiria com pilares. Há aqui uma contradição— mas agora vamos almoçar.*

Livramento casa-se no dia 3 com a filha de Cabrita

No próximo dia 3 de Fevereiro, consorcia-se o famoso hoquista António José Livramento com Maria Regina Cabrita, filha do técnico de futebol Augusto Cabrita.

Tanto Livramento como Maria Regina são duas figuras bem conhecidas dos adeptos benfiquistas, o que explica que o copo-de-água do jovem casal tenha a moldura dos grandes nomes do futebol e do hóquei do Sport Lisboa e Benfica.

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE.

AS PROVAS PARA PROFESSOR DE BELAS-ARTES

Continuou hoje a prestar as suas provas para professor do 1.º grupo do curso de Arquitectura (Teoria e História de Arquitectura e conjugação das Três Artes da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, o sr. arquitecto Nuno Portas, professor agregado daquela escola e nosso prezado colaborador, o qual concorre áquele lugar com o sr. arquitecto Formosinho Sanches.

A prova de hoje, uma lição tirada à sorte, consistiu na apresentação da matéria para um curso da cadeira de Teoria e História da Arquitectura (2.ª parte) perante o juri presidido pelo sr. prof. reitor Joaquim Correia, director da E. S. B. A. L.

Depois, de amanhã, será a vez do sr. arquitecto Formosinho Sanches defender a dissertação com que se apresentou ao concurso, o mesmo fazendo no dia 17 o sr. arquitecto Nuno Portas.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vende
Consolidado 4 3/4%	532$	532$	535$
Consolidado 4%	553$	552$	554$
Consolidado 3 1/2%	—	655$	660$
Centenários 4%	1.505$	1.500$	1.510$
Obrigs Tesouro 5%	1.009$	1.008$	—
Externo 1.ª Série	—	670$	685$
Externo 1.ª Série c.	—	750$	815$
Externo 3.ª Série	—	700$	750$
Externo 3.ª Série c.	—	900$	910$
Cautelas 3.ª Série	—	180$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	490$
A. P. T. 5% 56	—	960$	—
A. P. T. 5% 58	—	960$	965$
C. P. 4 1/2% 65	925$	920$	930$
C. P. 5 1/2% 67	—	—	—
C. U. F. 6%	1.005$	1.002$	1.005$
C. U. F. 6% 68	—	—	—
Gás Elect 4% 48	—	850$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	861$	—
Gás Elect 5% 52	910$	905$	—
Gás Elect 5% 58	—	910$	—
Gás Elect 5% 59	—	910$	—
Gás Elect 5% 62	—	931$	—
Gás Elect 5% 63	—	920$	—
Gás Elect 5% 65	—	920$	—
Gás Elect 5% 67	—	1.019$	1.020$
H. E. A. Alentejo 5%	—	820$	—
H. E. Cávado 5%	840$	835$	845$
H. E. Cávado 5%	997$	996$	997$
H. E. Douro 5%	—	835$	—
H. E. Douro 6%	997$	997$	998$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	980$	999$
H. E. Zêzere 5% 55	—	835$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	835$	—
Lisnave 6%	—	1.000$	1.005$
Metropolitano 4%	900$	895$	905$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.018$	—
Moçambique 5%	—	720$	—
Nac. Electr. 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	860$	—
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	945$	—	—
Sacor 5% 60	—	920$	940$
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	820$	—
Sonefe 5%	—	805$	—
T. A. P. 4%	—	905$	—
Termoelect. Port. 5%	—	820$	—
U. E. P. 3 3/4%	—	82$	—
U. E. P. 4%	—	83$	84$
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	81$5	83$
U. E. P. 5% 60	—	—	830$
U. E. P. 5% 63	—	—	—
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.020$	1.015$	1.025$
Alentejo	648$	647$	649$
Angola	—	1.700$	1.800$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	1.920$	1.920$	1.930$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	12.250$	12.250$	12.400$
L. & Açores p.	—	3.950$	3.980$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	—	6.000$
Portugal n.	2.410$	2.410$	2.450$
Portugal p.	—	2.700$	2.800$
Totta Aliança	—	4.500$	4.800$
Ultramarino n.	1.700$	1.695$	1.700$
Ultramarino p.	1.895$	1.890$	1.900$
Seguros			
Alentejo	—	65$	70$
Douro	—	—	980$
Mundial	435$	430$	440$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarina	—	8.500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	750$	770$
Ag. Cossequel	—	580$	585$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	190$	230$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	235$
Boror	—	140$	—
Buzi	62$	61$5	62$
Cabinda	—	131$	136$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Vende
Diamantes Angola	1.305$	1.305$	1.309$
H. E. Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	720$	—
Moçambique	80$	79$	81$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	320$	318$	322$
Zambézia	—	44$	45$
C.ª Diversas			
Cidla	—	—	7.050$
Cim. Leão	—	2.300$	2.450$
Cim. Tejo	—	3.300$	—
Col. Navegação	—	650$	660$
C. U. F.	—	1.050$	1.090$
Ind. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	1.650$	1.700$
Petroquímica	2.360$	—	2.380$
Port. e Colónias	—	1.220$	1.230$
Port. Celulose	—	—	—
Port. Pesca	—	—	720$
Port. Tabacos	515$	515$	518$
Sacor	4.830$	—	4.850$
Siderurgia Nac.	1.215$	1.210$	—
Socel	2.150$	2.150$	2.160$
Tabacos de Portugal	960$	960$	—
Tabaqueira	—	—	—
U. F. Azoto	—	705$	710$
Água. Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	390$	420$
Aguas Lisboa 34	—	410$	420$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct. Beiras	—	1.510$	—
Gás Electr.	390$5	390$	390$5
H. E. Alto Alentejo	155$	155$	155$5
H. E. Cávado	1.260$	—	1.260$
H. E. Douro	1.255$	1.255$	1.260$
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	1.700$	2.000$
H. E. Zêzere	1.302$	1.302$	1.305$
Nac. Electricidade	—	1.302$	—
Termoeléctr. Port.	1.325$	1.325$	1.330$
U. E. P.	193$	193$	193$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. Atlântico	—	154$5	159$2
F. I. D. E. S.	—	104$8	107$9

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	7/1/69	13/1/69	14/1/69
GERAL	109,7	109,7	110,0
METROP.	108,1	107,9	108,1
ULTRAM.	121,3	123,3	123,7

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
— Dollar de 1 e 2	28$20	28$60
— Dollar de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$07	7$27
Austria — Shilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$00	8$00
Espanha — Peseta	$39,5	$41
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$00	69$50
Itália — Liro	$04,5	$04,7
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$30	5$80
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabel	320$00	335$00
Inglaterra — 1/2 Libra	245$00	265$00
Ouro fino — Barra	39$00	40$50

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papéis de crédito
Tel. 321273

Respostas a algumas interrogações sobre

A NAVEGAÇÃO ESPACIAL DE «APOLO-8»

CIÊNCIA

COMO CONHECER A DISTÂNCIA E A VELOCIDADE DA NAVE

Para conhecer a distância e a velocidade do engenho, as estações terrestres utilizam simplesmente as ondas rádio: é enviado um sinal para a cabine, que o capta, o amplifica e o reenvia à Terra. O tempo de ida e volta do sinal, que se desloca com a velocidade da luz, é uma medida da *distância* da nave ao nosso planeta.

Por outro lado, a deslocação da cabina no espaço a uma velocidade de vários milhares de quilómetros provoca um desvio aparente da frequência do sinal (efeito de Doppler); a medida desta diferença permite conhecer a *velocidade* a que se desloca a cabina.

Por uma série de cálculos, que exigem medições de tempo muito precisas, os técnicos abtêm assim determinações de distância com a aproximação de 50 metros e determinações de velocidade com aproximação da ordem dos 200 metros por hora. Assim, nas diferentes fases do voo, a posição da cabina no espaço num instante dado é conhecida com um erro máximo de 5 quilómetros e a sua velocidade com um erro de 840 metros-hora. Esta precisão explica que as manobras efectuadas no espaço por «Apolo-8» tenham atingido resultados muito próximos das trajectórias desejadas, uma vez que da Terra são comunicados esses resultados à cabina.

A estes meios de terra justapõem-se os meios de bordo. Os sistemas de navegação e de pilotagem da cabina são múltiplos para garantir uma segurança ainda maior. Esquemàticamente, o sistema de navegação compõe-se de três aparelhos principais: a central de inércia, os meios ópticos e o calculador de bordo.

COMO DETERMINAR A ORIENTAÇÃO NO ESPAÇO E VARIAÇÕES DE VELOCIDADE

A plataforma de inércia constitui o sistema principal de navegação.

Idêntica no seu princípio à que pode ser montada a bordo de um foguetão, de um submarino ou de um avião, ela compõe-se de duas séries de instrumentos, dos giroscópios e dos acelerómetros. Os giroscópios são comparáveis a pequenos piões girando sobre eles próprios, cujo eixo de rotação permanece sempre inclinado na mesma direcção; este eixo representa, portanto, uma direcção fixa que pode ser utilizada como direcção de referência no espaço. Quanto aos acelerómetros, como o seu nome indica, permitem medir as acelerações que sofre a cabina, isto é, as suas variações de velocidade.

Se um acelerómetro for colocado paralelamente ao eixo dum giroscópio, ele fornece assim a medida da aceleração da cabina na direcção de referência que este eixo constitui. Com três giroscópios e três acelerómetros assim acoplados, fàcilmente se determina a orientação no espaço e as mudanças de velocidade da cabina segundo três eixos de referência. Para que estes eixos conservem uma posição sempre idêntica, suspende-se o conjunto para que se possa mover livremente e fique orientado da mesma maneira, sejam quais forem as oscilações da cabina.

Existem a bordo dois aparelhos de óptica que permitem determinar, tal como num barco, a posição da cabina em relação às estrelas e a referenciais terrestres ou lunares: um telescópio e um sextante de bordo (instrumento que permite ver simultâneamente as estrelas e sistemas de referência terrestres ou lunares). Estes aparelhos constituem um segundo meio de navegação que se vem juntar à central de inércia. Medem, por exemplo, o ângulo formado pela linha que une a cabina a uma estrela com a linha que une a cabina à origem de um referencial terrestre. Três medições deste tipo permitem conhecer a posição da cabina no espaço.

COMO MODIFICAR A TRAJECTÓRIA

Tal como a central, os aparelhos de óptica fornecem apenas medições de ângulos e não a posição e a velocidade da cabina. Estas mediações, que aparecem registadas no quadro de bordo, exigem cálculos complexos para se obter as informações desejadas: essa é a função do calculador de bordo, dotado de uma «memória» onde se inscrevem as sucessões de operações a efectuar para chegar ao resultado final, certas constantes de mecânica celeste, tabelas de navegação. Além disso, são-lhe automàticamente comunicadas as medições da aceleração e de ângulos da central de inércia, as medições de ângulos obtidas com o sextante, todas elas necessárias aos seus cálculos. Os resultados dos cálculos vão também inscrever-se no quadro de bordo, em frente dos pilotos.

Todos estes dados e resultados obtidos a bordo são então transmitidos automàticamente às estações na Terra. O centro de Houston refaz ou faz os cálculos a partir das informações que lhe foram enviadas, enviando depois à cabina os seus próprios resultados

A partir destes cálculos, agora correctos e precisos, pode-se modificar a trajectória ou a orientação da cabina, se houver necessidade. Para isso, acendem-se os sistemas de propulsão, isto é, um ou vários dos dezasseis pequenos motores de comando de orientação da cabina, ou então o grande motor do compartimento de serviço. O comando destes motores pode ser automático ou manual. Se for automático, é o calculador de bordo que fornece directamente as indicações: orientação na qual a cabina deve ser colocada, número do motor a accionar, tempo de ligação dos motores. Se o comando for manual, é o piloto que acciona certos aparelhos de bordo comandando o funcionamento desses motores.

(«Le Monde», 27-12-1968)

O AUTOMATISMO SOVIÉTICO NO PROGRAMA ESPACIAL

A BORDO dos veículos «Apolo» será necessário o homem para dirigir um certo número de operações, nomeadamente para escolher um local de alunagem, e, no regresso, para efectuar o encontro em órbita lunar. Mas talvez haja certo paradoxo em pedir a homens que conduzam engenhos até à Lua quando, nesta, não poderão fazer pràticamente nada. Os cosmonautas «Apolo» contentar-se-ão, com efeito, em deixar três instrumentos e trazer algumas amostras do solo lunar.

É ulteriormente — no quadro de programas pós-«Apolo», cujas grandes linhas deverão ser definidas a partir de 1969, se as operações «Apolo» tiverem o sucesso esperado — que cosmonautas americanos trabalharão na Lua e efectuarão longas permanências nesse astro. No estádio «Apolo», o papel do homem é conduzir *robots*. Ora a atitude soviética parece ser exactamente inversa: aos *robots* compete conduzir homens.

As operações efectuadas nos últimos cinco trimestres constituíram, de facto, manifestações do automatismo dos engenhos destinados à grande astronáutica soviética. Os encontros soviéticos realizam-se por processos automatizados, sendo o sobrevoo da Lua efectuado de maneira inteiramente automática por «Zond-5» e depois por «Zond-6». Quando numa viagem há um homem, ele é apenas um observador. E tal é, na verdade, o sentido da «política espacial» dos soviéticos, no qual estes vêem várias vantagens:

Primeiro, desde o momento em que o homem não é indispensável ao desenvolvimento do voo, pode-se fazer viajar a bordo dos engenhos qualquer número de homens. E quando tal é possível não se envia mais do que um cosmonauta nas «estreias». Isto permite minimizar os riscos, prevendo-se que, na sequência, se pedirá ao «robot» para transportar mais homens, a bordo de maiores naves.

Em segundo lugar, o automatismo constitui uma solução segura. Uma presença humana representa um factor de segurança suplementar, tendo em conta iniciativas que os cosmonautas podem tomar para corrigir um automatismo que eventualmente pode falhar.

Depois, em tempo normal, o cosmonauta não encarregado da condução está disponível para as observações científicas e para a recolha das informações necessárias à preparação de uma parte de operações ulteriores (a conquista da Lua com grandes meios onde, então, equipas terão um papel activo).

Assim, no imediato, todas as informações que possuímos nos levam a pensar que a conquista soviética da Lua será entregue a «engenhos automáticos habitados». Tais engenhos poderão colocar-se em órbita para pousarem na Lua, e voltar à Terra após terem recolhido amostras de rochas lunares. Um outro grande objectivo da astronáutica soviética tem sido sempre a estação gigante que será colocada na órbita terrestre, devendo esta técnica ser igualmente realizada para a conquista da Lua. Os soviéticos atribuem a esta plataforma uma muito grande importância e notam que se a Lua é certamente extremamente interessante no plano científico, o próximo cosmos não o é menos. E, de certo modo, é muito mais lógico começar por desenvolver um grande programa de aplicações terrestres antes de pensar em trabalhar a partir da Lua. Este programa — no qual a Terra será estudada a partir de uma estação por físicos, meteorologistas, geólogos, engenheiros agrónomos e especialistas de numerosas outras matérias — terá de resto a vantagem de fazer compreender o interesse da astronáutica, mostrando soluções que esta traz aos grandes problemas actuais da humanidade.

O ANO DE MARTE E DE VÉNUS

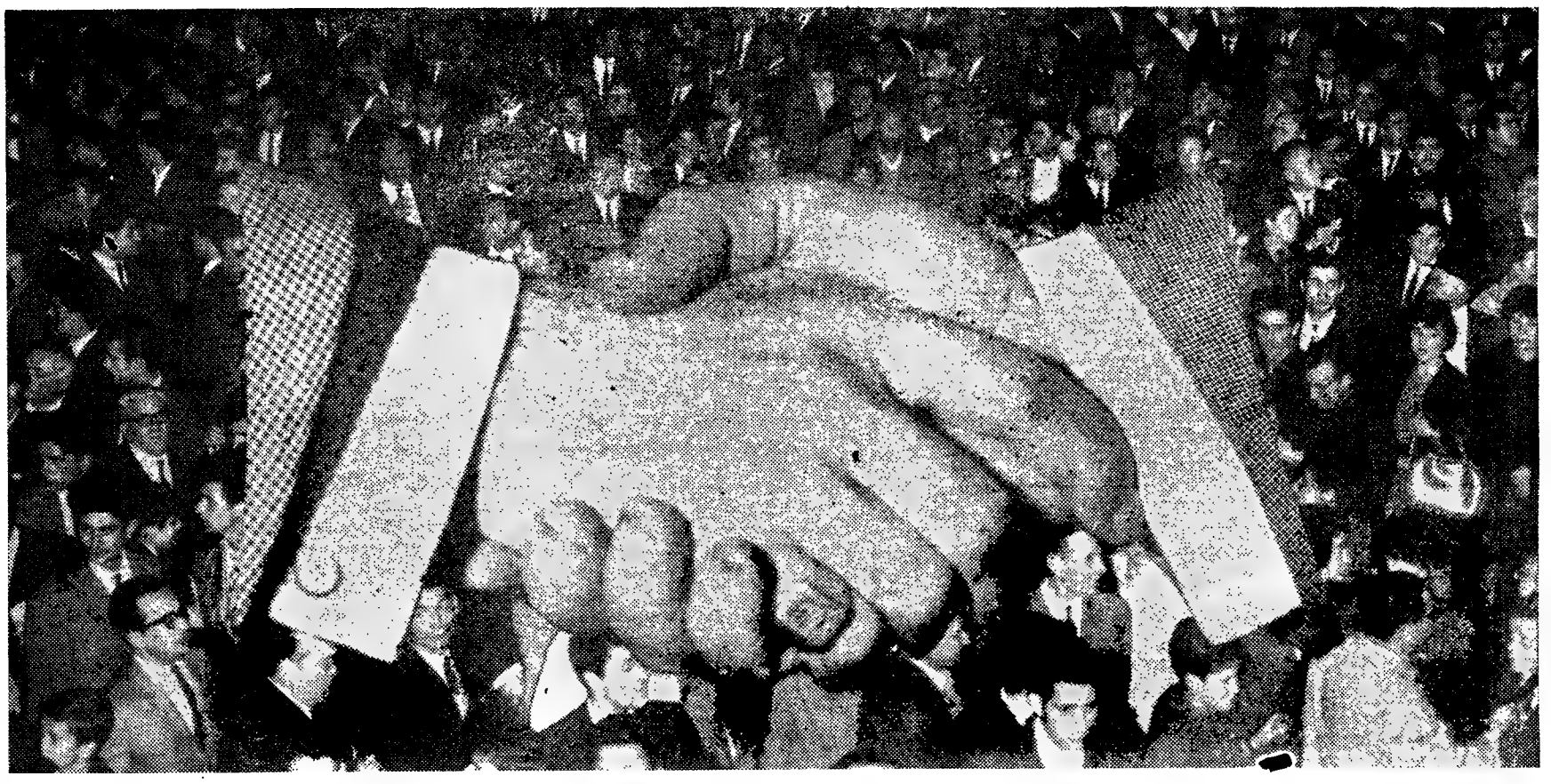
Por outro lado, quando as ligações entre a Terra e a Lua se efectuarem com um material pesado, poder-se-á, a partir de uma plataforma, utilizar caminhos seguros e técnicas experimentadas, permitindo o transporte de uma tonelagem própria para um trabalho importante. E revelar-se-á, então, uma espantosa estandardização do material soviético. Tínhamo-lo já constatado nos anos heróicos da era espacial: a observação contínua válida nos tempos da grande astronáutica. Aparecerá como característico o facto de que o «Zond» tenha sido, assim, concebido simplesmente a partir de um «Soyuz», juntando um módulo esférico a uma nave cósmica *standard*, o que nos parece muito natural, dado que os russos entendem confiar a conquista do espaço a *robots* obedientes e precisos, pacientemente postos a funcionar, devendo o desenvolvimento da sua astronáutica consistir, nos próximos anos, em associar os engenhos-cérebros, por um lado, a módulos de trabalho cada vez mais importantes para as equipagens, por outro lado, a reservatórios de combustível... Assim se apresenta a situação no início de 1969. Mas não é tudo. Independentemente da Lua e da estação orbital, um terceiro campo de acção da astronáutica aparece-nos com a corrida aos planetas. Os voos caracterizam-se por duas particularidades. Sem dúvida que durante muito tempo — talvez uma dezena de anos — não se poderão enviar para os planetas mais do que sondas automáticas. E, além disso, as operações em direcção aos planetas só podem ter ocasião em datas favoráveis, que são as épocas das *janelas* regidas por leis da mecânica celeste. Assim, 1968 não nos ofereceu qualquer *janela planetária*.

Pelo contrário, 1969, tal como 1967, é novamente um ano planetário duplo. Vão ser possíveis lançamentos em direcção a Vénus e em direcção a Marte, com a particularidade de uma concentração das *janelas* no primeiro trimestre deste ano. Uma janela venusiana coincidirá com o mês de Janeiro de 1969, enquanto que a janela marciana estender-se-á de 20 de Fevereiro a 15 de Março. Nunca, desde os princípios da era espacial, assistíramos a uma tal proximidade dos períodos que permitem lançamentos em direcção aos planetas vizinhos da Terra.

O programa americano é bem conhecido. Sabemos que os Estados Unidos — obrigados a abandonar o estudo de Vénus por falta de créditos — decidiram concentrar todos os seus esforços no planeta Marte: lançarão com este fim os «Mariners» 6 e 7, cujas chegadas são esperadas em Agosto. Do lado soviético, será como habitualmente surpresa, e todas as hipóteses devem ser encaradas, a mais improvável sendo a ausência de qualquer experiência. Pelo contrário, temos numerosas razões para pensar que os russos vão utilizar um novo material pesado directamente derivado dos «Zond» de 1968 para fazerem chegar sondas ao solo de Marte e de Vénus e talvez colocar satélites em órbita em torno dos planetas...

ALBERT DUCROCQ
(«Sciences et Avenir», Janeiro 1969)

TODOS AGRADECEM
A ADÃO, CAMISEIROS E ADÃO, JUVENIL



A formidável oportunidade de poderem adquirir AMANHÃ DIA 15 os mais variados artigos de vestuário para HOMEM E RAPAZ, artigos ACTUALIZADOS das novidades apresentadas no Verão passado e Inverno presente, SALDAMOS a preços de uma única oportunidade

U M

SERVIÇO PORTUGAL/FRANÇA

para:
ROUEN
e
LE HAVRE
n/m. «REGINA»
em 20 do crte.

para:
PORT VENDRES
SAVONA
LIVORNO
GÉNOVA
e MARSELHA
n/m. «HAIDA»
em 22 do crte.

Os Agentes Gerais:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 — TEL. 322271 | 33255 | 361267
LISBOA 2 - PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO
CICLO PREPARATÓRIO — ADM. INSTITUTOS
em apetrechados laboratórios
OLA SÃO VICENTE Rua do Paraiso, 28
(A Stª APOLÓNIA): Telefs. 865904-871955-872585
MARQUÊS de POMBAL R. Carrilho Videira, 10
(HILE MORAIS SOARES): Telefs. 83 46 58 - 82 02 21

O «Diario de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Angola, o soldado pára-quedista n.º 406/66, Turcato Ramos Gonçalves de Azevedo, natural do concelho de Vila Nova de Famalicão, filho do sr. Francisco Gonçalves de Azevedo e da sr.ª D. Maria Antónia Ramos de Azevedo; e o soldado n.º 01829667, Agostinho Clemente Lavandeira, natural do concelho de Mondim de Basto, filho do sr. Joaquim Gonçalves Lavandeira e da sr.ª D. Maria Ribeiro Clemente Lavandeira; e, na Guiné, o soldado n.º 02753168, Fernando Pinto da Silva, natural do Porto, filho de Fernando Aníbal da Silva, já falecido, e da sr.ª D. Carolina Amélia Rodrigues da Silva.

EMPREGOS PARA DESMOBILIZADOS

Os militares desmobilizados, expedicionários ao Ultramar, com menos de 35 anos, com o curso geral do comércio ou frequência, ou habilitações equivalentes, que desejem tentar a sua admissão como escriturários, devem dirigir-se á secretaria-geral da Liga dos Combatentes, na Rua João Pereira da Rosa, 18, das 10 ás 13 ou das 15 ás 18 horas, onde lhes serão prestadas todas as informações.

Necrologia

FUNERAIS

D. Maria do Rosário Pereira Postilheiro Monteiro

Para o cemitério do Alto de S. João realizou-se o funeral da sr.ª D. Maria do Rosário Pereira Postelheiro Monteiro, de 79 anos, viuva, natural de Vaiamonte. Era mãe da sr.ª dr.ª D. Maria Estrela Postilheiro Monteiro de Novais, casada com o sr. Vasco de Novais e tia da sr.ª D. Maria Margarida Carrilho Postilheiro de Magro Gomes, casada com o sr. João Narciso Magro Gomes, e dos srs. dr. António Rosa Postilheiro e Abel Postilheiro.

SUFRÁGIOS

Bernardino Ribeiro de Carvalho

Na igrejaj do Sagrado Coração de Jesus, celebra-se amanhã, ás 12 e 30, missa do 7.º dia por alma do sr. Bernardino Ribeiro de Carvalho, que era pessoa muito estimada pelas suas qualidades de carácter e de bondade.

Era pai da condessa do do Alto Mearim, viuva do conde de Alto Mearim, de D. Maria Margarida de Carvalho Ortigão Ramos, casada com o sr. dr. António Belo Ortigão Ramos e das sr.as D. Maria Isabel, D. Maria Helena e D. Maria Amélia Maia de Carvalho, e cunhado das sr.as D. Lídia Maia Cabeça e D. Amélia Carvalho Maia e do sr. Óscar da Silveira Maia.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

CARREIRA LISBOA-PORTIMÃO

A Empresa «BELOS» — comunica que a partir de 19 do corrente a carreira que explorava entre BARREIRO (Est.)-PORTIMÃO, será substituída pela carreira LISBOA-PORTIMÃO, com partida de **Alcântara — Centro de Coordenação Norte.**

Os Snrs. Passageiros provenientes de **Barreiro (Est.), Barreiro, Lavradio, Alhos Vedros, Moita, Olhos de Água e Vale de Touro**, terão ligação em PALMELA com a nova carreira LISBOA-PORTIMÃO.

SANTARÉM

✝

Joaquim Mendes Pedroso da Costa

Capitão-Médico

FALECEU

Maria da Graça Pessoa de Amorim Serra Pedroso da Costa, Maria Madalena Pessoa de Amorim Serra Pedroso da Costa Vieira Rodrigues e seu marido, Mário Alberto Pessoa de Amorim Serra Pedroso da Costa, sua mulher e filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 15, pelas 11 horas, da sua residência na Avenida 5 de Outubro, n.º 38, para o cemitério dos Capuchos.

TRATA CAMPEÃO & CRUZ

canal da crítica

IDEIAS EMBRULHADAS. QUEM ME AJUDA?

A discussão do «off-side» é antiga e o problema volta à baila.

O árbitro Joaquim Campos, que dirigiu a partida, conversou com Artur Agostinho sobre o assunto. Afirmou ter havido poucos «livres» e de tal modo que não permitiram tirar conclusões. Não concorda, porém, com a medida. A eliminação do «fora-de-jogo» provocará aglomeração junto das balizas e como a lei protege o guarda-redes, aí está o árbitro a braços com mil problemas que podem originar-se.

Em vez disso, propõe aquele árbitro que a grande área passe a ter maior profundidade e menos largura, ou seja: que seja mais frontal do que lateral em relação ás balizas. Sou leigo e não percebo as razões da modificação. Mário Zambujal me explicará. Não vejo em que a medida facilitasse o futebol ofensivo. Aliás (pensa o leigo de mim) o futebol como espectáculo é que deveria ser fundamentalmente protegido. Eu cá, se mandasse na F.I.F.A., afinfava com a seguinte lei: carga maldosa, perigosa, desrespeitadora da ética humano-desportiva, seria punida com «penalty» qualquer que fosse o local do campo onde a falta se originasse. «Fica revogada toda a legislação em contrário, escreveria eu logo, antes que me esquecesse

Desculpem o devaneio. Estes idealismos baratos, esta crença em que todos nós caímos (ao menos uma vez na vida) na eficácia dos castigos! Afinal, o «penalty» não resolveria o problema do futebol como a cadeira eléctrica não resolve o problema do crime. O mal não está no futebol (eu gosto, tu gostas, ele gosta, a capitalista Inglaterra gosta a democrática Polónia gosta, a socialista Russia gosta...). O problema reside no uso que do futebol se faz, nas perguntas a que ele tem de responder.

Adiante. Através da entrevista com o «mr.» Hubert ficámos inteirados da existência em Lisboa do «Lisbon Sports Club», de origem inglesa, praticante oficial de hóquei em campo, e ainda no golfe e ténis em menor escala, porque o clube tem 600 sócios, entre ingleses, portugueses, holandeses, etc. Atenção Benfica, Sporting e Porto: o «Lisbon» vai começar a praticar o «cricket»! Não lhe fugirá um unico campeonato.

Vou agora mencionar uma questão verdadeiramente desagradável: a levantada por Alvaro Garrido, presidente da Federação de Andebol.

Segundo ouvimos, a Alemanha convidou o nosso País para participar no campeonato mundial de andebol de onze. Com uma particularidade: tomará á sua conta todas as despesas da deslocação da nossa equipa...

Pergunta-se: a Alemanha procede desse modo em relação a todos os países? Decerto não. Porquê abre excepção para nós? Alvaro Garrido justifica como sendo uma atitude de apreço e reconhecimento pelo valor do andebol lusitano. Logo depois de uma oportuna questão posta por Artur Agostinho, esclareceu que o nosso

(Continua na pág. seguinte)

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Rádio

PROGRAMA DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canconetas estrangeiras; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Mensagens de militares em serviço na província de Macau; 18 e 10: As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Jovens académicos; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... uma orquestra; 20 e 40: 19.º episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pela orquestra de Paul Mauriat; 21 e 40: Tempo de jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de teatro e bailado; 22 e 30: Fados, por Manuel Fernandes; 22 e 50: A orquestra Mode; 23 e 05: Programa da Noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — 16 e 05: Musica sinfónica; 17: Discos raros — Interpretações do tenor Giovanni Martinelli; 7 e 30: Perspectivas da obra de Câmara de Cherubini; 18 e 12: Musica sinfónica; 18 e 30: Musica de piano; 19: Musica coral sinfónica, 19 e 30: Musica de Câmara; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O violoncelista André Navarro; — Balada; Aria; Serenata (Andre Jolivet); 20 e 30: Noite de teatro, «Ifigénia em Aulide» de Eurípedes, versão setecentista de Manuel Figueiredo, em arranjo radiofónico de Leopoldo de Araujo; 21 e 42: Sinfonia doméstica op. 53 (Strauss); 22 e 25: Cantata «Cecilia Volvi un Sguardo» (Lamdel).

2.º Programa — (Cultural em MF 21 — 94,3 mc/s — Às 23: Musica portuguesa — Duas obras concertantes com piano; 23 e 50: Capricho diabólico (Castelnuovo-Tedesco) — viola: André Segovia: 00: Canções de Mascagni pelo tenor Cornelis van Dijk. Ao piano Gunther Weissenbern; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15. Momento texental; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Um conjunto famoso; 20 e 15: A estrela do dia; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: A grande orquestra de...; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30. Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 30: Robbiatac; 19 e 45: Conjuntos de ritmo; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: Mundo rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Ritmos; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 k/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz musical da Europa; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Musica da nossa terra; 21 e 45: Canções do cinema; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e 17 ás 19 e 30 — **Rádio Vox de Lisboa** — Das 8 ás 10 e 14 e 30 ás 17 — **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e 22 ás 2.

PROGRAMA DE HOJE

1.º programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Série Juvenil; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Junta da Acção Social; 21: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro — «Os Malefícios do Tabaco», de Anton Tchekov, por Jaime Valverde; 22 e 30: Fados, por Maria da Fé; 22 e 50: Um Fim Patético; 0 e 05: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º programa — 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Tom Sawer; 22 e 15: Lisboa, Grande Plano; 22 e 55: Histórias da Frivolidade; 23 e 50: Telejornal e Fecho.

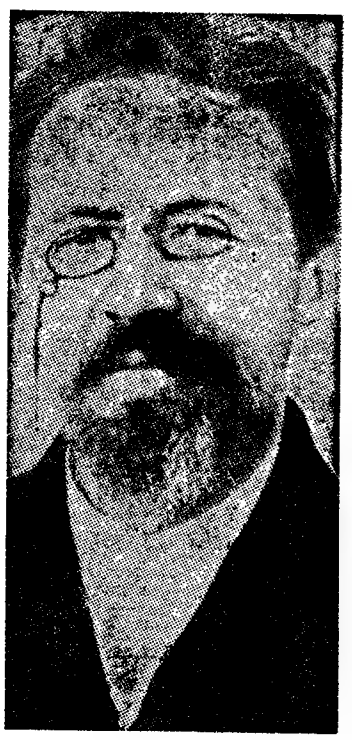
TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: «Quarto de brinquedos»; 20 e 30: «Nós, as Mulheres»; 20 e 45: «Vida Sã em corpo são»; 21: «Ao Serviço da Nação»; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: «As nossas queridas mulheres»; 22 e 25: Concerto, pelo Trio Checo; 22 e 50: «Missão Impossvel» e 23 e 45: Telejornal, meditação e fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



Anton Tchekov, festejado autor de «Os Malefícios do Tabaco», a peça hoje apresentada em «Noite de Teatro»

AS AVENTURAS DE HUCK FINN

INICIADA na semana passada a nova série juvenil «As Aventuras de Huck Finn» prossegue hoje com os heróis criados por Mark Twain: Huck, Tom Sawyer e Becky na interpretação dos pequenos actores Michael Sea, Luann Haslan e Kevin Shultz. Este último é também intérprete da série «Os Monroes», bem conhecido, portanto, dos jovens espectadores.

«UM FIM PATÉTICO» UMA HISTÓRIA FILMADA

POR VOLTA das 23 horas, é exibido um filme, produzido para a série «Playhouse» intitulado «Um Fim Patético».

Intérpretes: Norman Bird, Alan Mae Naughtan, Richard Vernon, John Castle e Richard Rickering.

Conta-nos ele que «a brincadeira de um jovem professor com um dos seus colegas mais velhos cria uma situação irreparável».

«NOITE DE TEATRO»: «OS MALEFÍCIOS DO TABACO»

ESTA «NOITE DE TEATRO», a transmitir pelas 21 e 55, é dedicada ao celebrado autor russo Anton Tchekov, com a peça «Os Malefícios do Tabaco», segundo a tradução do dr. Luís Francisco Rebelo. A interpretação está a cargo de Jaime Valverde e a realização pertenceu a Adriano Nazareth.

2.º PROGRAMA
«Histórias da Frivolidade»

NO EMISSOR U H F, de Lisboa, são apresentados, a partir das 21 e 30, além dos serviços noticiosos, um episódio da série juvenil «As aventuras de Tom Sawyer», já exibido no I programa em 29 de Outubro do ano findo, seguindo-se, cerca das 22 e 15, o documentário, «Lisboa Grande Plano», realizado por José Eduardo Elyseu. Às 22 e 55, teremos, de novo, o excelente programa da TVE «Histórias da Frivolidade», concebido por Jaime Armiñan e Narciso Ibañez Serrador.

Tão elogiosamente assinalado pela crítica, a quando da sua apresentação no I Programa, conta ele com a participação dos actores Irene Gutierres Caba, Teresa Gimpera, Josefina Senatusa, Paloma Valdez, Emilio Laguna, Luiz Sanchez Polack, Fernando Rey, Augustin Gonzalez e Francisco Morán.

Música original de Augusto Alguero e coreografia de Musuli. Desenhos e cenários de Mingote. Realização de Ibañez Serrador.

«Histórias da Frivolidade» foi apresentada pela primeira vez no Mercado Internacional do Cinema e Televisão, em Milão, em Outubro de 1967, tendo conquistado a medalha de prata.

O programa foi distinguido, depois, no Festival da Televisão de Monte Carlo, com a «Ninfa de Oiro» daquele Festival e com o prémio especial da Unda (Associação Católica Internacional para Rádio e Televisão).

Apresentado, posteriormente, nos Festivais de Montreux e de Praga, aí obteve também os primeiros prémios.

«Histórias da Frivolidade» é um programa musical divertido e dinâmico, construído sobre uma série de situações cómicas que, constituem, na opinião do juri que lhe conferiu o prémio da Unda, uma crítica divertida a certas preocupações e falsos pudores de algumas pessoas...

Augusto Algueró, aplaudido compositor da música ligeira espanhola, que aqui vemos com a esposa, a popular actriz e cançonetista Carmen Sevilla, é o autor da música de «Histórias da Frivolidade»

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

Andares de 2 a 10 divisões ou em apartamentos mobilados no centro da Amadora, na Reboleira, na Venda Nova e em Paço d'Arcos

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.

Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.

Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670.

AZULEJOS

AZULEJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DESDE $55 E 1$50

Preços sem concorrência em Banheiras de chapa esmaltada e ferro fundido (esmaltados) Cerâmicos sanitários, ferragens, ferramentas, tintas e drogas.

Distribuidores para os Distritos de Lisboa e Setúbal dos produtos da Fábrica Valverde da Marinha Grande, tais como, painéis, portas extensíveis, plásticos canelados para revestimentos e decoração de lambrins e tectos em estabelecimentos e salas.

Queluz — Rua D. Maria I, 30 — Tel. 952021/22.

Amadora — Praça Padre Eduardo Ferreira do Amaral n.º 3 A — Tel. 934005.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

andebol de onze nada valia, a Alemanha oferecera também um técnico para vir cá nas vésperas ensinar umas coisas e que além disso jogadores de andebol de cinco podiam ser integrados no de onze...

Não se compreende bem, falando em termos desportivos, a aceitação da oferta alemã. Ou emos valor ou não temos para participar numa competição de tanta responsabilidade. Se temos, haverá todo o interesse em participar. Se não temos, de duas uma: ou vamos aprender (ou passear...) á nossa custa, ou vamos assistir, e nesse caso compreende-se e aceita-se o convite germânico.

Palavra de honra: Tenho as ideias muito embrulhadas. Temo estar tora da razão. Quem quer aiudar-me a ver claro?

LONDRES — E NADA MAIS...

Não. Não esperem que lhes vá falar do «Quarto de Brinquedos». Teve todos os defeitos do costume e mais alguns. Aquela preciosa lição (em continuação...) sobre os esquimós, com as renas, as focas, os «igloos» feitos com blocos de gelo! Que belo assunto para atrair e corresponder ás exigências da criança portuguesa não acham?

Também não. Não esperem que lhes vá falar da «Honey West», com suas violências cretinas que não deixam de ser óptimas caixeiras-viajantes para um clima de grosseria, caldo de cultura para uma perfeita deseducação humana.

Também não e não. Não esperem daquela fita final em que os meninos brincavam aos espiões.

O serão valeu por aquela transmissão que de Londres nos veio. Ele possuia todas as condições para uma divulgação cultural ao nível das camadas menos «batidas»: excelentes artistas, musica séria e acessível, cenas de uma ópera popularizada.

A televisão poruguesa, em lugar de colaborar na divulgação, situando as peças e ajudando á sua interpre ação pelo tão esquecido publico lusitano, deu-se ao luxo de censurar as sonoridades do Yehudin Menuhin. O Carlos Cruz deu a crítica, mas quem a escreveu não se disse. Foi pena. Compreende-se, o tempo não dá para tudo...

M. C.

MILITARES FALECIDOS NO ULTRAMAR

LUANDA, 14 — (L.) — Por desastre, faleceu, na província de Angola, o soldado número 6795366, Porfírio Armindo Cabanas.

★

LOURENÇO MARQUES, 14 — (L.) — Por doença, faleceu, na província de Moçambique, o soldado Afonso Henriques Pachoneia, do recrutamento provincial.

COMUNICADO

A Cerâmica da Madalena comunica que acaba de remodelar toda a sua unidade industrial especialmente no fabrico de azulejos, à base da Técnica Italiana, equipando-se com maquinismos e fornos ultramodernos que lhe permitem o fabrico de produtos de alta qualidade.

É distribuidora exclusiva desta fábrica para os Distritos de Lisboa e Setúbal, de Azulejos e Loiças Sanitárias, a organização J. Pimenta, com estabelecimentos em Amadora e Queluz

Calorífero, a gás, Catalítico *

Rili

* o mais moderno e perfeito sistema de aquecimento: a gás; sem chama sem cheiro e sem fumo

SEGURO-CONFORTÁVEL-ECONÔMICO

JOMA

calorfferos

SUPER SER

Sistema Infra-vermelhos
MODELO "F.9 SPECIAL"

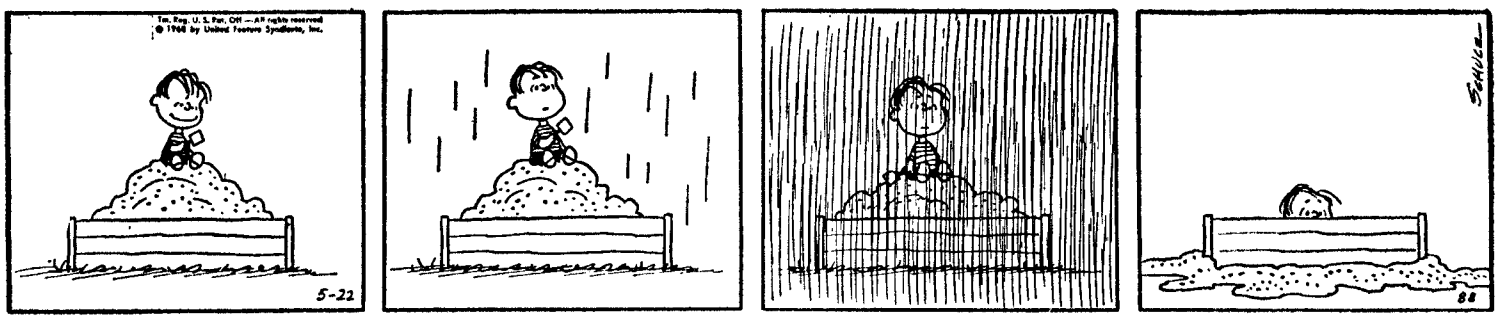
convertem o frio em prazer

Sistema Catalítico
MODELO "F.11"

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES SIDA-SUECA LDA
RUA DE S. NICOLAU 44-48 TELEFONE 369331 (4 LINHAS)

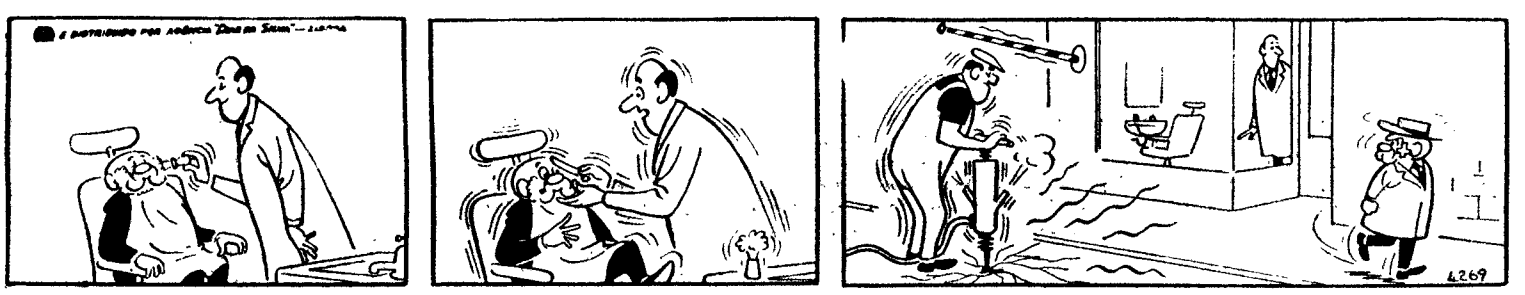
À VENDA NO SEU HABITUAL FORNECEDOR DE ELECTRODOMÉSTICOS

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 14 de Janeiro de 1939 publicava:

«ROMA, 14 — O professor Giuliu Farina, eminente egiptólogo italiano e director do Museu Egipcio de Turim, depois de dez anos de aturados estudos, decifrou um precioso papiro que data do ano 1300 antes de Cristo e que desde 1823 os sábios tentavam em vão traduzir.

«O papiro em questão inclui uma lista dos impostos que eram lançados sobre os habitantes de um óasis do deserto da Líbia. Os sábios afirmam que este documento vem trazer interessantes revelações sobre a história do Egipto, visto incluir os nomes de todos os deuses mitológicos, heróis e reis do antigo Egipto, até Menes, o primeiro dos faraós.»

DINHEIRO
PROPRIEDADES URBANAS E RUSTICAS
Juros de lei
RAPIDEZ E SIGILO
SONIPAL
R CONDE REDONDO 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S A R L, — 95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

Palavras cruzadas

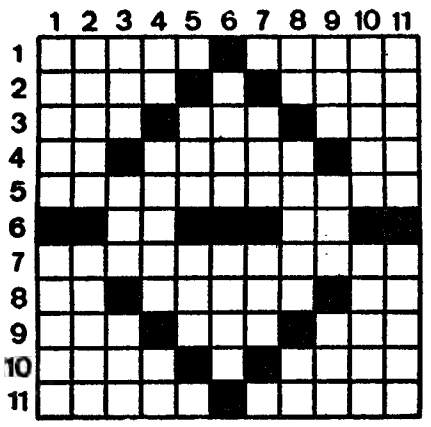
PROBLEMA N.º 5058

(COM PROVÉRBIO)

HORIZONTAIS: 1 — Safa. Bela. 2 — Rosto. Tempo do verbo ser. Desmoronar-se. 3 — Rezo. Consentimento. Guarnega de asas. 4 — Nota musical. Nome de frutos. Basta. 5 — Encarquilharas. 6 — Troça. Cério (s. q.). 7 — Lembrariam. 8 — Érbio (s. q.). Ratara. Rio de Itália. 9 — Caminhará. Íntimo. Caminhar para cá. 10 Centro. Bens ou dinheiro dados á mulher que se casa. 11 — Amargo. Tiram proveito de.

VERTICAIS: 1 — Além. Bruma. 2 — Estacionam. Vagueiem. 3 — Cincho. Heroína francesa que foi queimada viva. Camareira. 4 — Gálio (s. q.). Antigo superior de convento. Sufixo que designa estado. 5 — Ente. Rato. 6 — Eira de piso térreo (prov.) Diabo. 7 — Abreviatura de Matemática. Cincho. 8 — Caminhar. Quadro que está colocado no altar, e que contém certas orações de missa. Compaixão. 9 — Despida. Monarca. Faculdade de falar. 10 — Diverge Toca apito. 11 — Superfícies planas delimitadas. Residam

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5057

HORIZONTAIS: 1 — Rebater. MAL. 2 — Amenas. Cota. 3 — Mamas. Paros. 4 — Al. Cartas. 5 — Sal. Maine. É. 6 — Riba. Rela. 7 — Malta. Aca. 8 — ACABAR. O. Tó. 9 — Raros. Ásaro. 10 — Mior. Casada. 11 — Aam. Camaras.

VERTICAIS: 1 — Ramas. Parma. 2 — Emalar. Caia. 3 — BEM. Limaram. 4 — Anão. Babar. 5 — Trás. Malas. 6 — És. Cá. Tr. Cã. 7 — Paira. Aam. 8 — Carne. Ossa. 9 — Marteta. Aar. 10 — Atoa. Acorda. 11 — Losse. Atoas.

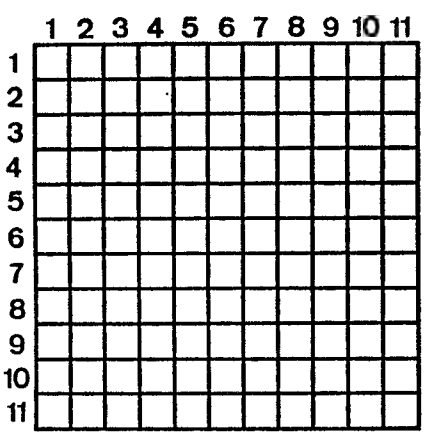
Provérbio: MAL É ACABAR O BEM.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8902

HORIZONTAIS: 1 — Retalhariam. 2 — Artigo indefinido. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Mil e dois em romano. 3 — Sugar o leite materno. Arremessa. 4 — Içar. Prender. 5 — Refulge. Afia. 6 — Espécie de sanguessuga, que habita em alguns lagos. Rosto. 7 — Sai a frequentemente á rua. 8 — Artigo indefinido. Rio de França, afluente do Sena. Cobalto (s. q.). 9 — Nome dum fruto. Arrostou. 10 — Substancia que tinge de azul. Verdadeiro. 11 — Borla de barrete. Unte.

VERTICAIS: 1 — Pôr a embarcação em rumo. Saltar. 2 — Metem em mala. Pedra preciosa. 3 — Grandes quantidades. Pronome pessoal. 4 — Freguesia do concelho de Marco de Canaveses. Caixa de madeira revestida de couro ou lona. 5 — Grande quantidade. Irmão de Moisés. 6 — Pronome pessoal. Cidade da antiga Caldeia. 7 — Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Provoca. 8 — Bofetada. Rã (pop). 9 — Tomara por modelo. Medida antiga da Índia. 10 — Encolerizara. Filtrar. 11 — Dera mios. Vila e concelho do distrito de Faro



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8901

HORIZONTAIS: 1 — Samba. Tosca. 2 — Arais. Amais. 3 — Mirra. Laços. 4 — Adros. Arara. 5 — Ao. Dá. 6 — Saldara. 7 — Rã. Miolo. Só. 8—Atã. Ari. Mac. 9—Sigo. Pira. 10— In. Darão. Ar. 11 — Lavei. Trania.

VERTICAIS: 1 — Sama. Brasil. 2 — Árida. Afina. 3 — Marras. Ag. 4 — Biró. Am. Ode. 5 — Asas. Lia. Aí. 6 — Adorar. 7 — Tala. Ali. At. 8 — Omar. Ró. Pôr. 9 — Sacada. Mi. 10 — Ciara. Saram. 11 — Assa. Tocara.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«IMPÉRIO» a sair em 24 de Janeiro às 12 horas — Com escala prévia por **LEIXÕES**, para: **FUNCHAL, S TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA.** Carrega de 18 a 22 de Janeiro.

«BENGUELA» a sair em 29 de Janeiro — Com escala por **LEIXÕES**, para: **CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES** e **PORTO ALEXANDRE** (se necessário). Carrega de 24 a 28 de Janeiro.

«INF. D. HENRIQUE» a sair em 22 de Fevereiro às 12 horas — Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES** e **BEIRA.** Carrega de 15 a 19 de Fevereiro.

«PÁTRIA» a sair em 26 de Fevereiro às 12 horas — Com escala prévia por **LEIXÕES**, para: **FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA.** Carrega de 19 a 24 de Fevereiro

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 13 de Fevereiro às 18 horas — Com escala por **VIGO** e **FUNCHAL**, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU** e **PORTO EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

LUSTRES
de sonho para a sua casa. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq.º — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 18-A.

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDO E PROVÍNCIA
AO JURO DA LE
A CONFIDENTI
ROSSIO, 3-2º TELEF. 3 59384

DESPORTO

A «TAÇA» REDIME-SE

C. D. AVES-SPORTING, BENFICA-U. ALMEIRIM e F. C. PORTO-A. D. FAFE entre os jogos da quarta eliminatória

Foram ontem sorteados os encontros da 3.ª eliminatória da Taça de Portugal, que proporcionarão a 4.ª jornada da prova, marcada para o dia 9 do próximo mês.

Com Germano de Campos a orientar os trabalhos, o sorteio deu o seguinte resultado:

União de Tomar-Desportivo Grandolense
C. D. Aves-Sporting
Académica-Spt. Farense
Olhanense-Tramagal
Belenenses-Sacavenense
Ferroviário-Vizela
Est. Portalegre-venc. de «Leões»-Penafiel
Tirsense-Marinhense
União Lamas-C. U. F.
F. C. Porto-A. D. Fafe
Leixões-venc. de U. Algés-Alhandra
Feirense-Sanjoanense
Sintrense-Famalicão
Beira-Mar-Varzim
Nazarenos-Lusitano Évora
C. D. Beja-Vianense
Montijo-Vit. Setúbal
U. Leiria-Barreirense
Peniche-Vit. Guimarães
Benfica-U. Almeirim
Atlético-Spt. Braga

A Taça vai entrar, agora, pràticamente, na fase de interesse, com os 21 desafios que nas últimas épocas constituiam a jornada de abertura. Uma diferença apenas: aos 14 clubes da 1.ª Divisão Nacional juntavam-se anteriormente os 28 da 2.ª Divisão, enquanto, agora, o mesmo lote inclui equipas da 2.ª e 3.ª Divisões.

Por isto e porque esta eliminatória é, ainda, disputada numa só mão, a prova encontra, enfim, o seu ambiente próprio e que é tradicional nas competições a eliminar.

Vários jogos, pela sua invulgaridade, despertam, na verdade, maior interesse. Especial curiosidade suscitam os encontros entre equipas da 1.ª e 3.ª Divisões.

*

«Quem é o C. D. Aves?» — interrogar-se-ão, certamente, muitos entusiastas ao tomarem conhecimento de que será aquele o adversário do Sporting.

Pois o Clube Desportivo das Aves é uma colectividade nortenha de Vila das Aves, a poucos quilómetros de Santo Tirso — e em Santo Tirso foi onde uma certa «vez aconteceu Taça», precisamente com o Sporting. O Desportivo das Aves é presentemente o 9.º classificado da Zona A do «Nacional» da III Divisão.

O Benfica receberá, na Luz, o União de Almeirim, 6.º classificado da Zona C, enquanto o F. C. Porto terá como visitante, nas Antas, a A. D. de Fafe, que comanda a classificação da Zona A.

Mas há mais jogos entre equipas dos referidos escalões. Assim, a Académica jogará em Coimbra contra o Farense, subguia da classificação da Zona D. E o Belenenses dará guarida, no Estádio do Restelo, ao Sacavenense, 7.º da Zona C.

Há, também, encontros em que equipas da III Divisão recebem a visita de grupos da Primeira. É o caso do União de Lamas, que, no seu campo, acolherá o Desportivo da C. U. F.; e, ainda, o do seu vizinho Feirense, que recebe a Sanjoanense.

Por capricho do sorteio, um único encontro entre equipas da I Divisão: Atlético-Sp. de Braga.

MARCADOS PARA AMANHÃ OS JOGOS DE DESEMPATE

Estão marcados para amanhã ás 15 horas os desafios de desempate Penafiel-«Os Leões» e Alhandra-Algés, referentes à «repescagem» da eliminatória da Taça de Portugal.

Segundo o regulamento os jogos serão disputados nos campos dos clubes que foram visitantes no primeiro desafio

No sorteio da «Taça de Portugal»: o delegado do Sporting «escolhe» o Desportivo de Aves como adversário da arrastada **competição federativa**

Acontecimentos DE ONTEM

Ténis de mesa

Partidas que contam para o Campeonato de Lisboa de juniores:

Série A — Azambuja-Combatentes (B), adiado para amanhã; Armadorense (B)-Benfica (B), 1-5, e Ateneu-Centro Católico, 4-5. Centro Católico e Azambuja comandam a classificação.

Série B — Desportivo da Graça-Benfica (A), 0-5; S. L. Águias-Sporting (B), 4-5; Belenenses-Académica da Amadora (B), 5-2. Classificação: 1.º, Benfica (A); 2.º, Sporting (B) e 3.º, S. L. Águias.

Série C — Lisgás-Académica da Amadora, 5-0; Rodrigues Cordeiro-Andorinha (A), 5-1, e Atlético do Cacém-Armadorense (A), Fc-V. Classificação: 1.º, Lisgás; 2.º, Armadorense (A).

Série D — Sporting (A)-Lusitano Clube, V.-Fc; G. I. P. A.-Combatentes (A), 3-5, e Intendente-Andorinha (B), 5-2. Classificação: 1.º, Sporting (A), 2.º, Intendente.

SIM OU NÃO?

De uma exposição do Sporting Clube Figueirense à Federação Portuguesa de Basquetebol:

«...Paga-se mais á Inspecção dos Espectáculos pela realização de um jogo de infantis do que pela de um baile! E os jogos são feitos com entrada livre».

A ser assim, cabe perguntar: afinal, reconhece-se, ou não, que é de interesse nacional que a juventude pratique o desporto? Sim ou não? É urgente decidir.

M. Z.

FUTEBOLISTAS EM CUECAS

SESTO SAN GIOVANNI (perto de Milão), 14 — (R.) — Vários jogadores de duas equipas de futebol da 4.ª Divisão italiana tiveram de regressar a casa anteontem em cuecas, após as suas roupas serem roubadas enquanto jogavam nesta cidade.

Angola-Moçambique a 6 de Abril

LUANDA, 14 — (L.) A selecção de futebol de Moçambique foi oficialmente convidada para se deslocar a Angola a fim de defrontar a sua congénere desta província, no dia 6 de Abril, na inauguração do relvado do Estádio dos Coqueiros.

A Associação Provincial de Futebol de Moçambique já deu o seu acordo á deslocação.

BASQUETEBOL FEMININO

CUF, 35-NACIONAL, 23 PARA O «METROPOLITANO»

Disputou-se ontem á noite, em Setubal, no pavilhão da Naval, o encontro correspondente á 1.ª jornada do Campeonato Metropolitano Feminino (Zona Sul) entre as equipas da C. U. F. e do Nacional.

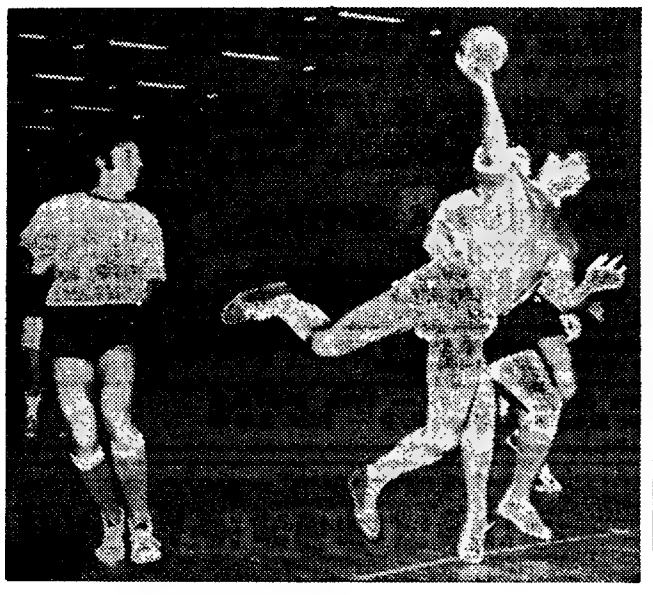
Praticando um basquetebol mais rápido, intencional e colectivo, as cufistas averbaram um triunfo certíssimo, bastante valorizado pela excelente réplica ofecida pelo conjunto lisboeta.

Sobre a arbitragem de José Brás e Francisco Ferreira (Setubal), as equipas alinharam e marcaram:

C. U. F. — Maria Carvalho (8), Maria Viegas (2), Maria Baptista (14), Maria Negrão (5), Lucinda Valente (2), Maria Silva (4), Maria Capucho, Delfina Fernandes e Maria Simões.

NACIONAL — Lucinda Machado (5), Lucinda Casanova (6), Maria Seabra (12), Maria Carvalho, Ana Santos, Idalina Bernardo, Maria Madeira e Ana Sousa.

Ao intervalo: Cuf, 11-Nacional, 8.



Com diversos jogos no Pavilhão da Ajuda concluiu-se ontem a 1.ª fase (série A) do Campeonato de Andebol de Sete da 3.ª Divisão. Resultados: Santa Catarina, 23-Sporting da Penha, 18; Alunos do Apolo, 10-Ateneu, 8. O Santa Catarina (que vemos nesta fase do seu encontro com o Sporting da Penha) foi o vencedor da série. Para apuramento do segundo classificado da outra série, defrontaram-se Palmense e Liga de Algés que empataram a 13 golos, pelo que voltam a defrontar-se

BILHAR

Mário Ribeiro, com 200-43-33, venceu Raul Vidal, com 175-43-12, na ultima partida do Torneio Especial de Neo-Quadro 47/2.

Classificação final: 1.º, Cardoso Pereira, 7 pontos, 585-93-6,29-43; 2.º, Mário Ribeiro, 7 p., 530-104-5,09-33; 3.º, Raul Vidal, 7 p., 565-120-4,69-34; e 4.º, Américo Torres, 3 p., 461-102-4,61-31.

INSTANTÂNEOS

JÁ SE VÊ «AZUL» NO CÉU DE BELÉM

Cresce a esperança nas hostes belenenses. O Estádio do Restelo poderá voltar à posse do Clube.

Depois de tantas vicissitudes, durante as quais foi posta à prova a rija têmpera dos homens que servem o Belenenses, melhores tempos se anunciam.

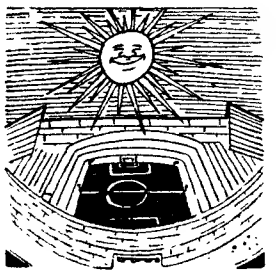
Neste momento, ocorre-nos um verso de José Duro — «Como é também azul o sonho em que te vejo...» — e que se aplica perfeitamente à hora memorável que os «Cruz de Cristo» vivem, alvoroçadamente como é natural.

AS TRÊS MOSQUETEIRAS

Maria do Céu Lopes, Lídia Faria e Manuela Simões são as três mosqueteiras do atletismo nacional. O seu entusiasmo e a sua categoria correspondem a um exemplo que se desejaria ver amplamente seguido.

Todas recordistas, elas bem poderiam encarregar-se da propaganda da modalidde por outros centros onde apenas a conhecem de nome ou da Televisão.

Quem poderia resistir a tão gentil apelo?



AS MENINAS DE SETÚBAL

Que o Vitória de Setubal é um grande clube toda a gente o sabe. Mas que está a desenvolver intensa actividade no aliciamento da juventude da sua cidade, com o objectivo de facultar-lhe o inestimável prazer da prática do desporto, isso nem todos o saberão.

As meninas do Sado acorreram ao chamamento e a bela terra de Bocage contará, dentro em pouco, com uma representação feminina que o genial poeta gostaria, certamente, de conhecer e cantar.

JOGO-REPETIÇÃO

Somos contra os protestos. Temos, para nós, que os resultados se fazem nos campos e não nas secretarias. Se os mesmos forem falseados, que se castiguem severamente os culpados, mas que a gente saiba que o desfecho de um jogo não será modificado posteriormente.

Muitos protestos têm servido para os mais poderosos usarem de prepotência para com os menos protegidos. Desta feita, porém, é a Sanjoanense que força a repetição do jogo com o Benfica. Tanto tempo depois!...

BOM TRATAMENTO

O Casa Pia A. C., sensibilizado com o tratamento que o dr. Silva Rocha e o massagista João Silva, ligados ao Belenenses, têm dispensado aos seus atletas, resolveu homenageá-los.

O clube dos «gansos», que se prestigia ao mostrar-se reconhecido, coloca em relevo a solidariedade humana da «dupla» formada pelo médico e massagista do grémio do Restelo, já experimentada em muitas outras oportunidades.

Dr. Silva Rocha e João Silva — dois nomes que valem mais por tanto valerem aos seus semelhantes.

O «MUNDIAL» DE 1974

Procede-se, na Alemanha Ocidental, á escolha das cidades onde se disputarão os jogos de futebol do Campeonato do Mundo de 1974. De 1974!

Se há países onde a improvisação faz lei, outros existem onde tudo é tratado a tempo. E só com método se pode organizar, com um mínimo de falhas, uma competição da envergadura do «Mundial».

A lição vem da Germania. A quem aproveitará?

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Technicolor — Franscope
Um filme de Edward Dmytryk
BRIGITTE BARDOT E SEAN CONNERY em
SHALAKO

ESTÚDIO
(M. 12 anos)
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de Joseph Mankiewicz, com Marlon Brando, Deborah Kerr, James Mason e Greer Garson
JÚLIO CÉSAR

CONDES
Telefs. 32 25 23 - 32 67 10
(Adultos)
Às 15.15, 18.30 e 21.30
O amor desvairado de uma mulher no outono da vida e o egoísmo atroz de um jovem que a desdenha!
24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER
com Danielle Darrieux e Robert Hoffmann

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15 e 21.30
4.ª SEMANA
70 mm — no «écran» gigante
AS SANDALIAS DO PESCADOR
com Anthony Quinn, Oskar Werner e Sir Laurence Olivier

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Espantosa comédia de Dino Risi
O PROFETA
TECHNICOLOR
Vittorio Gassman—Ann Margret

LIZ
(M. 12 anos) Tel 48560
As 21 horas
O PEQUENO BANHISTA DR. TENHA MANEIRAS

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 h.
SELVAGEM É O VENTO
LONDRES É DE GRITOS

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 5 05 95
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
UM FILME NOTÁVEL que criou uma fórmula nova de «suspense»
O ESTRANGULADOR DE BOSTON
c/ Tony Curtis, Henry Fonda e George Kennedy

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Um filme de Robert Hossein
COMO MATEI RASPUTINE
com Kert Froebe, Geraldine Chaplin, Robert Hossein e Ira Furstenberg
Franscope — Eastmancolor

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
CANTINFLAS no mais «explosivo» dos seus filmes
AS MINHAS PISTOLAS

POLITEAMA
Tel. 32 63 05
HOJE: 15.15 e 18.15 (p. r.)
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
O VALE DO MISTÉRIO
com Richard Egan e Peter Graves
Uma aventura na selva onde a morte espreita a cada passo...
(Col.) (M 12 anos)

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779097
As 21.45
4.ª SEMANA
Um filme polémico
O ELOGIO DA PREGUIÇA
com Philippe Noiret e Françoise Brion
EASTMANCOLOR

LIDO
Tel. 93 75 93 AMADORA
(M. 17 anos) As 21.30 h.
Um filme de sempre! Um filme que conquistou «8 oscars»!
ATÉ À ETERNIDADE

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
ESPLENDOR NA RELVA
com NATALIE WOOD

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel 54754
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme truculento, viril, actual!
CAÇADORES DE ESCALPES
com Burt Lancaster e Shelley Winters

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.30 e 21.30
Extraordinário filme de Paul Newman, candidato aos Óscares da Academia
RAQUEL, RAQUEL
Uma mulher descobre o amor...
com Joanne Woodward e Estrella Parsons

ODEON
Telef. 32 62 83
HOJE: Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
A comédia musical com arrebatadoras corridas de touros
MARISOL E O TOUREIRO
com o famoso «espada» PALOMO LINARES
(Col.) (M 12 anos)

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O discutido filme de Charlie Chaplin
A CONDESSA DE HONG-KONG
com Sophia Loren e Marlon Brando
TECHNICOLOR
Metro: Picoas

LUMIAR
(M. 12 anos) Telef. 791574
Às 21.30 horas
ANTES QUE CASES
com Doris Day e Brian Keith
Um convite á boa disposição com a endiabrada Doris Day

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
UM HOMEM E MUITAS MULHERES
e WARREN BEATTY
com Peter Alexander, Antonela Lualdi e Renato Salvatori

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Ás 21 horas
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR
BANDOLEIROS DO ARIZONA

ALVALADE
As 15.45 e 21.45
(Adultos) Tel. 763080
Extraordinário filme de Paul Newman
com Joanne Woodward e Estrella Parsons
RAQUEL, RAQUEL

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Real. Carol Reed
com Ron Moody — Mark Lester Oliver Reed e Shany Wallis
OLIVER!
70 mm — Technicolor

A exposição de artesanato no Estoril

Continua a despertar grande interesse a exposição de artesanato que a Junta de Turismo da Costa do Sol realizou nesta quadra no seu salão das Arcadas do Estoril.

Nestes ultimos dias até ao encerramento, a Junta decidiu facilitar a aquisição dos trabalhos expostos a preços bastante reduzidos, o que constitui uma oportunidade para aqueles que se interessam pelos objectos regionais. Artigos decorativos ou de utilidade estão, pois, á disposição do visitante, tais como mantas, tapetes, bonecos de barro e de trapos; artigos de madeira, de ferro, cobre, palha, vime e bunho; latoeiro, cordoeiro, correeiro e canteiro; esteiras e cestaria; cerâmica, mobiliário rústico, quinquilharias, etc.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Noite de Verão» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: Sabina Freire (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ós 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Amor 68» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 23: «A Preguiça» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos).

CINEMAS

PARIS — Às 21: «O Homem da aventura» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Bandolero» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Os Cavaleiros do Terror» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21 e 30: «Quo-Vadis» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «A fronteira do medo» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Os dois toureiros (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 15: «6. O. S. 77 Operação Flor de Lotus» (17 anos).
CINE MOSCAVIDE — Às 21: «7 Dólares de Sangue» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Flint Agente Secreto» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «O Massacre de Chicago» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21.15: «Duelo na cidade fantasma (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Honra de um herói» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O sucesso» e «Os ossos do ofício» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Triângulo circular» e «Uma mulher americana» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 7 e 21 e 30: «Esplendor na relva» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 2; e 30: «O perfume do dinheiro» (17 anos)

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «O corsário Loffite» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 5: «As Irmãs Zorro» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Agente secreto FX-15» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 2. e 15: «A grande pândega» e «Alta sociedade» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O gendarme em Nova York» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O filho de El Cid» (12 anos).
BARREIRO — CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Os corruptos» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Anatomia de um crime» (17 anos).

RECINTOS DE DIVERSÕES

* O artista Nuno de Aguiar está a actuar presentemente no Casino do Funchal.
* Oriundos do Funchal regressam dentro de dias a Lisboa os artistas Maria de Fátima e Manuel Henriques que devem voltar ao elenco artístico do «Mil e Um».
* O restaurante "«Cais do Fado, em Alfama, vai reabrir com gerência da conhecida artista Eduarda Maria.
* Deixou de fazer parte do elenco da «Nau Catrineta» a cantadeira Alice de Aguiar.
* Encontra-se em vias de completo restabelecimento o antigo cantador Moisés Campelos.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno F

AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 70 (637318).
ALCÂNTARA — Probidade, R. Alcantara, 5-A-B (638589).
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário, 14 (866360)
ANJOS — Guerra, R Andrade, 32-36 (845513).
AREEIRO — Central do Areeiro, Av. Paris, 2 e 2-A (720820) * Belo, Avenida de Roma, 53-A (776314).
ALTO DO PINA — Eusil, R Barrão de Sabrosa, 104 (841912)
ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (712682) * Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) * Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (725859).
ARROIOS — Aliança, Av. Almirante Reis, 45-B-C (50487).
AVENIDA DA LIBERDADE — Galénica, R. dos Pretos, 12-14 (322588)
AVENIDAS NOVAS — Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (772291) * Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938) * Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (42312).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (731216).
BAIXA — Internacional, R. do Ouro, 228 (322017-30203).
BELÉM — Restelo, R Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Pedrouços) (610741).
BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) * Vitex Est. Benfica, 373-5 (780548). * São João — Estrada da Luz 124-A (Tel. 780548).
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (631726) * Condestável, R. Coelho da Rocha, 19 (666206).
CAMPOLIDE — Imparcial, R General Taborda, 28 (680931) * Rualto, Lda., R. do Alto do Carvalhão, 5-A, 5-B (651721).
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (763016).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (780979).
CONDE DE REDONDO — Contemporanea, R. Conde de Redondo, 26-30 (45048).
ESTRELA — Aurélio Rego, Calç. da Estrela, 139 (661758).
GRAÇA — Progressiva, R. de St. Marinha, 18 (863619) * Alves de Carvalho, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125).
JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival, 290 (661003).
LUMIAR — Patuleia, Hardeiros, R. Lumiar, 122-124 (790332).
MARQUÊS DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28 (40536).
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C, 3, lote 300 (311091) * Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C — Olivais Norte (315539).
PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 5-A (778439).
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R. Conde de Monsaraz, 17-B (842533)
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 140-C (720703 e 728395)
PRÍNCIPE REAL — Oliveira, R. D. Pedro V, 123-125 (327880).
REGO — Prates & Mota, R. da Beneficência, 91 (773728).
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A-B (637070)
S. BENTO — Valentim, R. do Poço dos Negros, 88-90 (679453).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R do Grilo, 25
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide, 22 — (2518518)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av Comb. da Guerra, 66 (Tel 213953)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás R Costa Pinto, 86 (2432034).
OEIRAS — Godinho, Rua Candido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Grincho, Av da República, 87-A (2471204).
ESTORIL — Suiça, Cruzeiro (260087)
CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 19, 4 (Tel 280141). Cascais, Rua Conde de Monte Real, Bairro Caixas (282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P D João I, lote 146 — Bairro Janeiro (932756) * Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (932210) * Igreja, P. da Igreja, 22-A (937740) * Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1 — Reboleira (938149).
DAMAIA — Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) * Zeller, R. da Reoublica, 83 (950045).
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins, 285 (T 29'00'2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes, (Estefânia) L. Afonso Albuquerque (980058)
VENDA NOVA — Nova, R Elias Garcia, 0 (933920)
COLARES — Colares — Adreia (299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge 5 — (234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (224020).
ALMADA — Magalhães — R Capitão Leitão 0 (Te 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional 74 (2243002)
BARREIRO — Central — Av. Alfredo da Silva 48 (T 2273207).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro 8 (270254)
MOITA — Silva Rocha, P da República, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Moderna, R Bulhão Pato 60 (230156)
SESIMBRA — Lopes, R Candido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Soromenho — P Machado Santos (Te: 2269), Alice — P do Quebedo (Tel 23743)
SEIXAL — Godinho L de Areia, 51 (Tel 221858)

SERVIÇOS URGENTES

Teletones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla, 538821 * Gazcidla (dom. e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos - de - ferro (C. P.) 869029 * Caminhos de ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

XANGAI
Av Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE

VIRIATO
RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone: 53 07 58

MONTE ALTO
Rua Filipe Folque, 10-B-C-D
Telef 51005
TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS
SERVEM-SE BANQUETES LANCHES DE CASAMENTO

MINABELA
Restaurantes Churrasqueiro Pastelaria
Diáriamente várias especialidades
AMADORA—Telef 939191/2
QUELUZ—Telef. 951611

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telef. 790211
Telheiras de Cima, 144
AOS SÁBADOS E DOMINGOS JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo
(Maiores de 15 anos)

tamborim
Restaurante — Snack-Bar — Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
Telefone: 4 62 47
(Ao Campo Santana)

Diário de Lisboa
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

GRANDE PRÉMIO-TV DA CANÇÃO PORTUGUESA

O «DUO OURO NEGRO» ACTUARÁ NO FESTIVAL!

O «Duo Ouro Negro» já conhece a Eurovisão: num espectáculo da U. N. I. C. E. F., pela mão de Danny Kaye, actuou para 200 milhões de espectadores

O «Grande Prémio - TV da Canção Portuguesa» promete fornecer, em cada dia que passa, novas sensações, novos motivos de interesse. Ontem, na R. T. P., os compositores apresentaram as declarações dos intérpretes escolhidos para o desempenho das suas melodias: e as surpresas prosseguiram...

Um trunfo na manga

A nota mais espectacular foi dada por João Maria Tudela, que abdicou de interpretar «Tenho Amor para Amar», conferindo essa possibilidade ao Duo Ouro Negro.

Tudela (autor da letra e co-autor da música de «Tenho Amor para Amar»: o outro compositor é o guitarrista Fernando Alvim) deu, assim, um carácter de excepção á sua escolha: um trunfo na manga (o Duo Ouro Negro) foi apresentado quando ninguém o imaginaria em jogo. E o Duo Ouro Negro (Milo e Aires Peres) é segura garantia de que «Tenho Amor para Amar» será interpretada por figuras bem populares, capazes de fazerem inclinar a seu favor a opinião pública seleccionada pela R. T. P. através dos júris regionais que constituiu.

A divulgação do festival

A propósito de júris regionais, pode já indicar-se que eles estão a ser formados em Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

Como apresentadores do Festival estão previstos dois dos nomes mais em destaque nos quadros de locução da R. T. P.: Manuela Paulino Gomes e Carlos Cruz.

A Emissora Nacional ampliará, para além-Continente, a divulgação deste «Grande Prémio TV da Canção Portuguesa»: não apenas para a Metrópole e Ilhas Adjacentes, como, ainda, para a Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Gravações devem ser remetidas, também, para o Brasil, Estados Unidos da América do Norte, França, Alemanha, Inglaterra, Espanha e Itália.

Igualmente, alguns emissores particulares (de Lisboa e do Lobito, Benguela, Huambo e Huila) estão a manifestar interesse na transmissão, ainda que parcial, do maior certame oficial da nossa música ligeira.

Outros postos emissores, á semelhança dos anos anteriores, devem estar presentes na sala onde se realiza o «Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa»: Rádio Clube Português, Rádio Renascença e Rádio Ribatejo.

Mas, pròpriamente na R. T. P., a divisão de Relações Públicas está a preparar biografias dos intérpretes e dos compositores, que vão ser distribuídas, no final da semana corrente, aos outros órgãos de informação. Este trabalho está a ser orientado pelo dr. António Bivar, que já escolheu oito funcionários da R. T. P. para actuarem como elementos de ligação com a Imprensa e a Rádio. Parte importante dessa tarefa pertencerá á ceramista Maria Emília de Araújo.

Os serviços de maquilhagem devem ser entregues a Augusto Madureira, Madalena de Jesus Oliveira e Maria Amélia Silva Tavares Lopes, enquanto que o cabeleireiro Couto terá a seu cargo os penteados dos artistas concorrentes ao «Grande Prémio TV da Canção Portuguesa».

Amanhã vão ser indicados os orquestradores das dez melodias: Thilo Krassman e Joaquim Luís Gomes são os mais pretendidos pelos compositores.

O festival foge do Lumiar

Em local próximo do grande painel indicativo da marcha da votação, o cenografista Eduardo Lemos deixou lugar para três escrutinadores e, também, para o júri de selecção, que, como foi sempre largamente divulgado, era presidido por Manuel Jorge Veloso, irmão do eng.º Sousa Veloso.

Duas telefonistas oficiais foram requisitadas. Elas vão ensaiar (durante duas noites) a sua actividade no dia 24 de Fevereiro.

Resta-nos acrescentar que todos os intérpretes cobrarão o mesmo «cachet»: a dúvida está em que, enquanto alguns acham razoável a verba de 4000 escudos, outros pretendem maior quantitativo, uma vez que os ensaios (três, pelo menos) vão principiar já na tarde do próximo dia 24 mas ainda nos estúdios da R. T. P. do Lumiar, que (sensacional e inédito) não servirão de cenário a este Festival da Canção!

NEVES DE SOUSA

Madalena Iglésias: absolutamente certa

A conselho dos seus editores musicais («Belter») e do seu agente artístico (Artur Pereira), que analisaram a letra e a música da «Canção para um poeta», Madalena Iglésias aceitou «defender», no «Grande Prémio TV da Canção Portuguesa», essa composção assinada por Carlos Canelhas e Maria Amélia Ortiz da Fonseca.

Porém, como Madalena Iglésias se apresentará no dia 24, no «Pasapoga» (de Madrid) em plano de grande atracção (cerca de 25 mil pesetas diárias de «cachet») durante sete dias) e o contrato não pode já ser adiado, é natural que seja feita em Barcelona a gravação em fita magnética de «Canção para um poeta», imprescindível para análise prévia dos dezoito juris regionais organizado pela Radiotelevisão Portuguesa.

Nesta sua viagem a Espanha, Madalena Iglésias vai, ainda, gravar um 45 r.p.m. com melodias de Alberto Cortez («mr.» Suco-Suco) e um L.P., que inclui composições de Pedro Jordão, Jorge da Costa Pinto, Carlos Canelhas e Ferrer Trindade.

Um aspecto da visita dos diplomatas britânicos e esposas ao Museu Militar

Oferecidos ao Museu Militar pelo embaixador britânico um tambor do Regimento da Rainha e um uniforme da R. A. F.

A velha amizade luso-britânica, chancelada pela secular aliança existente entre os dois países foi esta manhã sublinhada durante a visita do embaixador e embaixatriz de Inglaterra ao Museu Militar.

Os visitantes foram recebidos pelos director e subdirector do Museu, respectivamente, coronel Julio Martins Mourão e tenente-coronel Balula Cid, este acompanhado da esposa, e pelos tenentes Martins Abrantes e Monteiro de Azevedo, oficiais ali em serviço.

Expressando-se excelentemente em português, o embaixador, depois de agradecer a recepção, recordou a fraternidade de armas luso-britânicas e afirmou, a propósito:

— Esperamos todos que nunca mais voltemos a ter de nos encontrar nos campos de batalha.

Seguidamente fez oferta ao Museu Militar de um tambor do Regimento da Rainha de um uniforme de comandante de esquadrilha da RAF e de exemplares do Museu de Wllington onde aquele se encontra e de que é peça valiosíssima.

Seguiu-se pormenorizada visita ás salas do museu.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 16°,8; mínima: Penhas da Saude, —4°.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava muito nublado; o vento era moderado de Oeste e caíam aguaceiros nas regiões do Norte e Centro.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 10°; Faro, 12°; Funchal, 16°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 1°; Portalegre, 5°; Porto, 11°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 11°,5; na água do mar: 13°,4

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Tempo de aguaceiros, alternando com abertas; vento moderado de Noroeste, soprando por vezes com rajadas; possibilidade de ocorrência de trovoadas nas regiões montanhosas do Norte e Centro.

Amanhã
Nascer ás 8 e 54
Ocaso ás 18 e 39

Dia 18 Dia 25 Dia 2 Dia 10

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 14 — 0 e 14 (3,4 m); 12 e 54 (3,5 m). Dia 15 — 1 e 26 (3,6 m); 14 e 02 (3,6 m). Dia 16 — 2 e 28 (3,8 m); 15 e 04 (3,7 m) BAIXA-MAR: Dia 14 — 6 e 20 (1,4 m); 18 e 55 (1,4 m). Dia 15 — 7 e 26 (1,2 m); 19 e 53 (1,2 m). Dia 16 — 8 e 26 (1,1 m); 20 e 48 (1,1 m)

ANTEVISÃO DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS MÉDIAS NO CONTINENTE ATÉ AO DIA 25 — Antes de 19: *céu geralmente muito nublado; vento fraco a moderado, por vezes fresco, predominando de sudoeste; períodos de chuva ou aguaceiros; temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.* De 20 a 25 de Janeiro: *céu geralmente pouco nublado; vento fraco; possibilidades de formação de nevoeiro nos vales e de geada nas terras do interior, durante a madrugada; pequena descida de temperatura.*

COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS DEVIDO AO TEMPORAL

(Continuação da 1.ª pág.)

por uma só via e com máquinas «Diesel». Daí atrasos de certa monta, que a C. P. procura diminuir restabelecendo o tráfego eléctrico (talvez só ao fim da tarde de hoje, e também por numa só via).

Ao fim da madrugada esteve temporàriamente paralisada a circulação nos troços Alfarelos-Mogofores e Torres Novas-Pombal, por falta de fornecimento de energia eléctrica, tendo sido mais grave a situação no primeiro destes troços, pois a interrupção da tensão durou ali das 6 às 7 e 30.

Nas outras linhas da rede ferroviária nacional as condições normalizam-se a pouco e pouco. Um informador da C. P. sublinhou, porém, que a empresa luta ainda com a falta de comunicações telefónicas e telegráficas em troços das linhas da Beira Alta, Beira Baixa e Oeste, pormenor que, diminuindo o teor de segurança da circulação, provoca aí atrasos.

Comboios suprimidos, apenas alguns «mercadorias» na linha do Norte. As composições de passageiros, embora sem cumprir os horários (há atrasos de 3 e 4 horas), voltaram a circular com relativa normalidade.

No que se refere à circulação rodoviária, continua interrompida, por motivo de cheia, a ligação Azinhaga-Golegã (estrada nacional n.º 365).

Árvores sobre a via impediram a viagem do «mercadorias»

VIANA DO CASTELO, 14 — Desde há três dias que o rio Lima não pára de subir, tal é o volume da sua forte corrente. Devido a esse facto, a feira quinzenal limiana, em Ponte de Lima, teve de mudar de local, porque as águas atingiram as casas do Passeio General Carmona.

Na zona portuária desta cidade, diversas construções, entre as quais a garagem do salva-vidas, frigoríficos e oficina de calafate, foram destelhadas. Uma «roulotte» pertencente ao solicitador sr. Manuel Maria Gomes, que se encontrava próximo da Praça de Touros, voltou-se, ficando com a carcaça separada do «chassis». As árvores caídas sobre a via férrea não permitiram que o comboio de mercadorias que parte de Viana ás 3 e 42 fosse além da freguesia de Alvarães.

A DESCIDA DO OURO

(Continuação da 1.ª página)

cada grama de ouro fino em barra, respectivamente, venda e compra. Ao contrário, mantiveram-se aqueles preços, que têm sido idênticos desde o dia 9 do corrente. Aconteceu até que, no dia anterior, eles eram, respectivamente, de 40$00 e 38$50, pelo que a cotação do ouro em Portugal, de quarta para quinta-feira passadas, subiu de 50 centavos.

Estas cotações, insistimos, são para os bancos e casas bancárias negociarem entre si, pois, no nosso País, a venda de ouro ao publico não é inteiramente livre, pelo que os preços podem ser mantidos durante algum tempo.

«É claro que, na Baixa, nenhum estabelecimento quererá vender, pois isso só poderia acentuar a descida e ninguém quer perder dinheiro» disse-nos hoje um informador afecto a um estabelecimento bancário.

«De qualquer forma, pensamos que o preço do ouro não corre qualquer risco, muito especialmente em Portugal, onde será muito difícil registarem-se especulações.»

ACABA AMANHÃ, DIA 15, A EXPOSIÇÃO DE «O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS»

Diário de Lisbôa
juvenil
DOS JOVENS PARA TODOS
N.º 586

EVOCAÇÃO

Por JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA

«era o tempo em que estávamos mais próximos da terra e cada árvore era um país»

Hélia Correia

Digo também a medida desse tempo porque era um tempo sem cafés e sem cinemas e sem esquinas porque era um tempo de crianças dessas crianças tentando apanhar o sol entre as mãos frágeis e inquietas e convulsas mas como isso era inutil tão inutil como conter um rio numa concha acabaram por desistir e foram-se á vida livres e gritantes e sujas e sua vida era brincar e rir e brincar e era uma vida de poucas palavras porque na infância não importam muito as palavras não as palavras não importam muito mas sim um abraço uma guloseima e mais que tudo um açoite mas eram felizes as crianças de minha terra eram felizes e jogavam o pião e assaltavam ninhos e roubavam frutos e mostravam a língua ás beatas que por vezes passavam pelas casas pregando censuras e castigos e que importava? eram assim as crianças de minha terra e as beatas acabavam por ir-se vencidas e então a garotada continuava a brincar sempre a brincar com poeira no corpo com cicatrizes na pele com lágrimas ás vezes mas eram felizes as crianças de minha terra e quando mais crescidas reuniam-se graves silenciosas e importantes reuniam-se para conversar sobre as coisas dos homens e sobre elas mesmas: havia casamentos fictícios e filhos nascidos da imaginação e todas se debatiam muito sobre tão complicados acontecimentos e no entanto nada ali vinha perturbar a quietude a paz o silêncio nada a não ser a chegada de algum carro vindo de longe pois era longe que ficava a cidade e então á sua volta os garotos mexiam-se e remexiam-se observando curiosos desconfiados e intranquilos mas logo o carro partia e logo tudo voltava ao antigo pacto com a terra mas eram felizes as crianças de minha terra e pela noite vinham para a rua ainda brincar ou olhar o céu olhá-lo com respeito e incompreensão porque no céu havia uma lua por explicar uma lua repleta de mistérios por desvendar e também contavam as estrelas enquanto as mães recomendavam que se não devia apontar as estrelas mas as crianças não entendiam porquê e por isso continuavam a apontar e contando as estrelas ou então iam pedir ao avô para contar histórias e o avô paciente e depois esquecido contava histórias de demónios e fantasmas até que um a um todos iam caindo de sono e quando se deitavam enrodilhavam-se bem nos cobertores porque tinham medo oh quanto medo sobretudo nas noites de inverno que eram noites terríveis de sugestões porque lá no verão tudo parecia estranhamente quieto e explicado e não eram necessárias interrogações sobre a vida e sobre a morte sobre deus e sobre o demónio mas ainda se interrogavam acerca das lendas das grutas da grande rocha apontada ao céu lá nas bandas sul e acerca das vertigens que de suas escarpas se sentiria mas enfim sempre se calavam enquanto o tempo se ia consumindo e então um dia esses garotos de outrora já homens eram ou quase e no abrir os olhos uma vez mais em cada manhã sentiam o apelo do mar largo e tão sem fim que os tentava a leste esse apelo longo longo de melhores dias e por isso quase todos foram partindo porque era urgente partir e foram despovoando a terra porque era uma terra de velhos mas eu fiquei tentando desesperadamente descobrir o signo que havia em mim.

DA TERRA O QUE ME FICOU

Por JOÃO MANUEL FARIAS

na parte de cima fica a ribeira. é um vale profundo e humano a ribeira. no verão junta-se gente que ama por ela acima. dum lado onde não vive ninguém a ribeira é formada por giestas e pinhos e tojos. pelo outro as pessoas passam. escorregam. caem. são pedras a pique por onde escorre a água e a neve no inverno. ficam macias. lisas para afagar.

nesse tempo íamos para lá. sabíamos das gerações anteriores que a ribeira ficava na parte de cima. era aos domingos que isso sucedia. para nós a digestão era curta. na proporção do almoço. e enquanto subíamos pela encosta as batatas prato comum aos domingos eram ràpidamente digeridas.

algumas vezes levávamos cães. outras não era preciso. os outros levavam-nos. a água um fio de água escorria e deixava sulcos negros nas rochas. nalguns locais havia buracos com dois metros de fundo feitos com a água a escorrer em centenas de anos. alguns compridos. eram as banheiras.

as mulheres lavavam lá em cima onde os poços eram de terra. torrões de erva arrancados do lameiro serviam de paredes. e a água passava devagar purificada do sujo da roupa.

ia sózinho algumas vezes. daquela fui. a malta esperava lá em baixo e as minhas sapatilhas de borracha compradas no dia anterior escorregavam na relva. talvez da água que ficara de inverno pensava. talvez da secura provocada pelo sol dizia-me o calor daquele dia. e andava descia com os pés enterrados molhados.

ao fundo. havia lembro-me uma rocha ao lado do poço. os mais experientes atiravam-se e iam apanhar as pedras do fundo para não magoarem os corpos desnudos. quando se cansavam deitavam-se nas pedras afagando-as pulindo-as com os corpos lavados.

não sabíamos nadar nós. esperávamos que os outros se fossem. era a nossa vez. afogávamo-nos aos poucos. sentindo o lanche perto nas mesas da cidade. a água chegava-nos purificada depois de escorregar e tropeçar nos rochedos do caminho. já fria da tarde. deitávamo-nos nas pedras lisas queimadas e queimávamos os corpos. nus. como as pedras. era a comunhão da matéria.

POEMA

por M.ª Ilda C. Figueiredo

As manhãs constroem-se:
são de rocha dura
cortada na pedreira
regadas com suor
e batidas na carreira

NÃO DIGAM

por Pedro Costa Branco

Não digam:
a lua é um planeta,
os carros têem rodas.
O Amor não morrerá.
O calor
derrete ferro
fura vidro
molda pessoas
queima espinhos.
O Inverno faz frio
é preciso calor.
O metropolitano é incolor
mas tem Amor.
Porquê tentar
ver Marcianos
Há o metropolitano.

ACABA AMANHÃ, DIA 15, A EXPOSIÇÃO DE
«O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS»
NÃO DEIXEM DE VER ESTE TESOURO DA ARTE INFANTIL

ATENÇÃO A...

... AUGUSTO FRADE, de quem publicamos, hoje, dois trabalhos: «A Mulher do sr. António» e «A Ficha».

Narrativas lhe chama o autor, embora outra designação pudesse ser atribuída a estes dois exercícios de literatura. O problema, porém, perde agora a importância que poderia ter: estamos na presença de duas boas experiências literárias, na medida em que literatura nos sugere «palavras carregadas de sentido».

As narrativas de Augusto Frade não são (ainda) «adultas», mas estão no caminho certo da maturidade que todos desejamos chegue, quando for o seu tempo. O estilo precisa (ainda) de mais trabalho, mas tem as pedras indispensáveis para uma construção pessoal.

Em suma: vale a pena chamar a atenção para Augusto Frade, que, nestas narrativas, nos dá um belo exemplo de aprendizagem da realidade.

AFONSO PRAÇA

POEMA DE HOJE

por Vitor Oliveira Jorge

eu falo do que sei: do aqui, do agora
eu falo de mim acontecendo
entre os meus pés, as minhas mãos e os meus sapatos
falo enquanto posso, que o tempo é pouco sobre a minha [cadeira.
falo-vos e comovo-me sobre livros mortos, brancas folhas [expectantes,
é a procura ignorada de quem se sabe escondido atrás [de um móvel
e talvez já insepulto no tecto: e isto, saibam-no, acontece [aqui, agora.

POEMA

por Mário Figueiredo Piçarra

Olho para o ar em
recordação de naves que chegam
pelo gás quente do tempo
num aviso solitário do acaso
de um novo entardecer.
olho para o ar e cai-me o céu
em cima. e os astros molharam-me a cara.
numa ilusão de corpos dispersos.
e é altura de olhar
as cadeiras vazias que nos abafam
por entre aquilo a que chamamos nosso peso.
nosso querido peso de latas velhas.
num surto pela calçada
no peso de um cão que procura uma esperança de [cascas
e um fogo na memória de um homem que passa.

TINTA

por Jorge Alves d Silva

escrita a medida da terra coacta
ou a sua força num tiro
a caliça que cai na pele
doença pobre que na pele insiro

aqui a palavra amor
ou o fio que das palavras nasce
sol e pedra parede e casa
sangue ao ar num abrigo

um dedo virado na mão
com a sua gravidade interior
aponta a sua ferida o seu país

não nascem nem flores nem armas
só um gemido uma borbulha um leite
num muro banco um traço branco de giz

POEMA

por Licastro

Longos dias longas horas longos medos
o seguir-te na cidade é aventura
entre os calos entre as rugas entre os dedos
há um rio que circula

há um rio que circula e distancia
os teus passos os teus passos e os meus
há um rio que separa nos separa
e tentamos fazer pontes com os dedos.

3 HISTÓRIAS
inutilmente para ti

por João Cotrim

1

Foi terrìvelmente difícil começar
cada um procurava construir a sua aldeia [no meio do asfalto
e escondê-la com teias de aranha egoístas

2

os meses tiveram de prosseguir
enquanto permanecíamos sentados na beira [do passeio
deixando o outono apoderar-se dos nossos [gestos

3

acabámos por viver tão na sombra da mesma [árvore
que descobrimos as nossas bocas
os nossos desenhos ardiam nas veias
depois
jurar era fácil demasiado fácil

AS HORAS, O NOME

por Miguel Serras Pereira

Vinham as horas visitar-me e era assim
o meu conhecimento de praias e cidades.
Aves torres e desertos. Pão e água: quem partia
deixava-me o seu nome. O desalento todavia
fizera nas margens a sua casa e as horas vinham
da visita aos palacetes arruinados, aos jardins
de relva e lixo que os cercavam

Torturavam-me as suas árvores e o tempo
onde as horas me eram estranhas
e ternas me visitavam

PAN OR AMA

NÃO SOMOS UM PAIS RICO...

«O cancelamento da Universíada-69, entendê m o - l o acertado, por motivos que fàcilmente se alcançam e ainda porque a verba a despender com a organização e a sua manutenção, melhor será utilizada na propaganda e difusão do desporto, onde tanto há a fazer.

Não somos um País rico e se temos, por dever, de cuidar do desenvolvimento da nossa juventude, antes gastar com ela o que, sem proveito, se iria consumir com a Universíada.

Como?

Fazendo por esse País fora edições várias dos Jogos Juvenis do Barreiro, uma iniciativa que, por força, viria a dar seus frutos; tornar obrigatória a educação física nas escolas. E, já não dizemos de ajuda aos clubes, que bem a merecem, por serem os unicos que algo têm feito pelo desporto. O pouco que há a eles se deve, a mais ninguém.

É tempo de se olhar pelos jovens, tornando-os fortes e aptos para a árdua luta pela vida. Assim empregar-se-á melhor o dinheiro que se pretendia destinar á Universíada e que não era pouco.»

O. M., «Republica», 15-12-68

O GOSTO PELA LEITURA

«Um despacho do ministro da Educação Nacional manda intensificar a campanha dos professores primários no sentido de fomentar entre os alunos o gosto pela leitura. Definido um regime mais actuante de prémios escolares».

Dos jornais

E VINICIUS VEIO A PORTUGAL

«Ele canta, o quotidiano, a praia, o sol, o amor, a noite, a amada»

— E «a sua voz vem para a rua, para os edifícios, para os cafés, para o barulho, testemunhando assim uma adesão visceral com o povo».

— **E Vinicius veio a Portugal.**
Mas não veio para a rua em Portugal.
Para os cafés ou para o barulho em Portugal.
Testemunhar.
Que testemunhou Vinicius em Portugal?
A existência dum «whisky» de importação, o ambiente alienatório de «boites».

— **Não Vinicius não foi adesão visceral com o povo em Portugal.**

— **E Vinicius foi espectáculo, «show» de bolso com o Baden e a Márcia.**
Subiu ao palco — p'ra dizer — p'ra falar — p'ra haver Brasil — p'ra ser poeta.

— **O poeta que desce à rua, vem junto ao povo, ao seu povo — e sobe ao palco, p'ra dizer, p'ra contar, p'ra «que não** encontre fronteiras a amplitude da sua voz».

— **E Vinicius foi espectáculo. Mas a amplitude da voz de Vinicius encontrou fronteiras, muitas fronteiras.**

— **Sabem: É que Vinicius foi espectáculo ao preço dum dia de trabalho da grande maioria dos portugueses.**

— **Não, Vinicius não foi adesão visceral com o povo em Portugal.**

— **Não, o Vinicius do «Operário em Construção» não esteve em Portugal.**

TRABALHAR PARA O PROGRESSO

«Não há dúvida que é urgente a necessidade de se estabelecerem programas regionais de desenvolvimento regional incluídos em plano nacional. Através deles se proverá orientar o desenvolvimento da região, de modo a fazê-la progredir por forma coerente e evitando desequilíbrios acentuados que sempre repercutem desfavoràvelmente no conjunto nacional. Temos, meus senhores, uma grande responsabilidade da hora presente. Pode afirmar-se sem sombra de dúvida de que o progresso se tem instalado naqueles países onde os homens o souberam merecer e trabalharam para tal».

A TV E O DESPORTO

«Durante o ano de 1967, foram feitas 294 transmissões de programas desportivos incluindo as seguintes rubricas: Domingo Desportivo (52), Momento Desportivo (51), Actualidades Desportivas (21), Teledesporto (46), transmissão da Eurovisão (30), Vamos Jogar no Totobola (46), Reportagens Diversas (41) e Diversos (7).

Estes numeros parecem-nos elucidativos e bem reveladores do interesse que a TV dispensa ao Desporto.»

Da «Nova Antena», 6-12-68.

Cabe perguntar:
— Mas que Desporto?
Ora parece-nos que a resposta não é nada difícil; Sabemos todos que é o futebol o desporto sobre o qual a Televisão portuguesa mais faz incidir a sua atenção.
Está mal!

CONVERGÊNCIA

● A CÂMARA Municipal do Porto fez divulgar nos jornais o plano das suas actividades para o ano de 1969.

«Cremos ser possível em 1969 utilizar em diversos trabalhos de limpeza urbana o concurso de pessoal feminino. A experiência vai fazer-se nos bairros municipais e desse facto resultará a libertação de quarenta unidades de trabalho masculino, tão necessários em outros sectores.

O recrutamento de pessoal motorista vai permitir que entrem ao serviço as vassouras aspiradoras e os carros-tanques já adquiridos e actualmente imobilizados por falta de quem conduza».

● BRASIL: Tudo é passado pelo filtro da Censura. — **«Jornal de Notícias».**

● TURISMO é um fenómeno humano, e o seu desenvolvimento em determinado país é consequência do labor, iniciativa e visão dos homens que para ele trabalham. Tudo o resto é... paisagem, clima e costume. — **Ruy Leitão, «Diário de Lisboa».**

● UM ÁLBUM duplo dos «Beatles» com trinta canções está a ter uma venda classificada de «fantástica». — **«O Primeiro de Janeiro».**

● MEMBROS da O. N. U. pediram a todas as potências nucleares que suspendam todos os ensaios com armas atómicas e concluam o mais depressa possível um tratado que torne oficial uma proibição de experiências nucleares.

É o Homem a tomar consciência que o verdadeiro e bom caminho é a Paz e não a destruição!

● O GOVERNO francês publicou um decreto criando dez novas Faculdades de Medicina no âmbito da reforma do ensino universitário.

● CERCA de 700 000 pessoas no mundo são analfabetas e o número de jovens e adultos analfabetos subiu de 20 000 000 nos últimos cinco anos.

● A SÉRIE de James Bond só faz acentuar o hábito da violência. — JOSEPH LOSEY.

RECEPÇÃO

crítica aos trabalhos recebidos

por Alice Vassalo Pereira

J. EMÍLIO SILVA (Espinho) — Isto aqui anda grossa confusão... Ou minha ou tua. Na realidade eu lembro-me muito bem dos teus poemas. Mas lembro-me de sempre te ter dito que preferia a prosa. Agora tu vens e dizes que nunca na tua vida escreveste prosa! Mas então tu não escreveste um conto que até ganhou um primeiro prémio no 1.º Concurso Fósforo Ferrero? Por favor, diz-me qualquer coisa porque então estou a confudir-te com outra pessoa qualquer e eu detesto confusões destas.

F. GUERRA (Lisboa) — Os teus trabalhos lá seguiram o seu destino. No entanto «O Dia Novo» não me agradou tanto como os anteriores. O que, evidentemente, não quer dizer que não possua qualidades. Mas é um pouco mais vago, mais difuso. Um dia novo, sim, mas com os contornos bem delimitados! E, já agora, quando voltares a dar notícias, manda a tua morada está bem? Como diz o nosso amigo Pedro Sabrino, eu gosto muito de ter o ficheiro em ordem...

M. M. C. C. (Lisboa) — Como deves saber pelo regulamento, não devolvemos quaisquer trabalhos aos seus autores. É por isso que sempre os aconselhamos a ficarem com cópias do que nos mandam. Os teus poemas são ainda muito fracos, mas não me parecem um caso desesperado... O que desde já te aconselho é a desistires de frases bombásticas e artificiais: **«para cair na equação gritante// //desse inatingível»**. Sério, sério: Se eu te perguntasse o que queria isto dizer em «palavras de gente», o que é que tu me respondias? Além disto aconselho-te — como a todos — a leitura de bons autores modernos. Podes ter a certeza de que, em casos curáveis — como me parece ser o teu — é a melhor terapêutica...

J. PAIS (Lisboa) — **«O Juvenil está superlotado com prosa»**. Isto é o que tu dizes. Mas garanto-te que deves ser o único, porque geralmente toda a gente me acusa de só publicar poesia... Mas adiante. O teu poema tem qualidades e defeitos. Um dos defeitos é estar superlotado de adjectivos.

As palavras até devem cair com o peso de tanta djectivação nos ombros... No entanto tem um tema actual e não se perdem em abstracções. Trabalha-os melhor e dá notícias.

M. P. SILVA (Lisboa) — A tua carta não foi publicada pela simples razão de que não gosto que as pessoas se riam umas das outras e garanto-te que era o único efeito possível que ela podia ter. Espero que o «salão dos recusados» te tenha agradado muito, mas não vamos repetir a «gracinha». E eu que ainda pensava que tu eras um caso «recuperável»..... Enfim, todos sofremos desilusões, não é?

V. VIEIRA (Lisboa) — Esperamos com ansiedade os teus primeiros trabalhos. Por agora só te posso dizer isto. Dá notícias.

GRACIETTE (Lisboa) — Vamos publicar o teu trabalho **«Quero pouca coisa»**. Não, não te vou dizer que está «bem feitinho», «certinho» e sem defeitos. Descansa que não vou. Mas digo-te que há já nele um certo poder de contar uma história, uma certa observação irónica das coisas e das pessoas. No entanto o final é um pouco fraco, desde **«Tréguas quero pouca coisa...»** até ao fim. Parece-me até um pouco deslocado no conto. Deixas-te arrastar por exclamações e asteróides B 612 e perdes-te do resto. Deixa-te ficar na terra que, apesar de tudo, ainda é um óptimo lugar para a gente habitar... Espero mais colaboração (e uma identificação mais completa, se possível...).

J. F. DUARTE (Lisboa) — A leitura do «Juvenil» não é obrigatória, pois não? Qpe eu saiba ainda não foi aprovado como «suplemento único» para o 5.º ou para o 7.º ano dos liceus... Então por que razão te mortificas tanto na sua leitura? Lê outras coisas que te dêem mais prazer. Acredita que não me importo nada com isso. Tenho pena, mas isso é outra história.

A. M. HENRIQUES (Coimbra — Segui o teu conselho: li a tua carta e ri muito. Depois li o poema e ainda ri mais, como é óbvio. Pena foi vir uns dias atrasado senão ainda ia para o «Salão dos Recusados» e na primeira página!

«Que golosa sua mão
Que gostosos lábios dela,
Cabelos, olhos castanhos,
Lindos, abertos, tamanhos,...» etc.

Se realmente é esta a tua noção de poesia, então deixa-me continuar a ter, como tu dizes, «os gostos estragados e o sentido da rectidão torto»...

PAULA B. (Lagos) — Os teus apontamentos são característicos dos teus 16 anos mas revelam já uma certa qualidade e uma sensibilidade que, por não ser piegas, nos consegue tocar. Lembro, sobretudo, **«A Mãe dos meus doze anos»**. Aconselho-te, desde já, a evitar expressões vagas e que não dizem nada embora pretendam dizer tudo: «a mãe era extraordinàriamente bela», por exemplo. Não ficamos com nenhuma ideia concreta, é tudo abstracto, indefinido. Vai continuando a escrever e a ler o mais que puderes e, quando quiseres, dá notícias.

P. C. BRANCO (Lisboa) — Os teus poemas gritam demais mas penso que, no dia em que acalmares, a sua qualidade vai melhorar. Por isso mesmo o melhor, dentre todos estes que mandaste, é o que começa «não digam://a lua é um planeta». Na sua aparente frieza e calma é o que consegue dizer mais, Apesar das palavras gritantes dos outros todos.

F. CRAVEIRO C. (Coimbra — Estes teus poemas parecem-me nìtidamente melhores do que o que até aqui tens escrito. No entanto poderias ter explorado melhor o «Poema sobre um artigo do jornal». O final é de uma fraqueza assustadora, não te parece? Mas os outros dois cá ficam à espera de vez para entrarem no «Juvenil». Um dia ver-te-ás em letra de forma. Depois diz se gostaste.

C. M. M. C. (Lisboa) — Estes teus dois poemas sofrem de uma aguda demagogia, além de serem nìtidamente ifluenciados (eu diria «decalcados») de poetas muito conhecidos. Assim não vale. Ler os poetas, aprender com eles, mas assimilar o que se leu — e não copiar. Mas espero novos trabalhos.

GENEROSA (Lisboa — Um poema meu em cada «Juvenil»? Mas que peregrina ideia essa! Podes explicar-me a que é que, de positivo, isso conduziria?

M.ª AMÉLIA SANTOS (Porto — Pelo que consegui decifrar, o teu conto ainda é um pouco fraco mas parece-me que conseguirás melhor se trabalhares **a sério** e não vieres com piedades falsas e a descrição de uma realidade que talvez não seja tão simples de descrever como tu pensas... A compaixão-da-lagriminha-ao-canto-do-olho já deu o que tinha a dar. É preciso ver as coisas de frente e chamá-las pelo seu nome verdadeiro. Quanto aos desenhos, são muito fracos. De resto, reflectem perfeitamente o clima do teu conto. Volta a escrever — mas peço-te que o faças **legìvelmente** porque confesso que saltei várias linhas do teu conto por não conseguir entender uma única palavra. Uma ùnicazinha.

R. ROMANO (Lisboa) — Nos teus poemas nota-se ainda uma grande mistura de elementos, uma grande confusão. Às vezes começas num tom satírico que me consegue entusiasmar por momentos, mas depois lá se vai tudo no choradinho gasto do «meu amor / não vás com o vento / sabes que te quero». Tenta, pois, desenvolver as tuas possibilidades de futuro poeta satírico, não te deixes ir na onda da poesia lírico-lacrimejante-ai-que-eu-morro e, **pelas alminhas!**, larga os poemas em inglês!

BIARRITZ (Lisboa); ANA M.ª V. (Cacém): M.ª NOÉMIA G. (Lisboa); CARLOS P. F. (Lisboa); NESTO (Amadora); M.ª CONCEIÇÃO C. SANTOS (Lisboa) — Os vossos trabalhos não têm, por enquanto qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

2 NARRATIVAS

de Augusto Frade

A MULHER DO SR. ANTÓNIO

a sala estava cheia. ás tardes a sala enchia sempre vinha o Zé, o Totó, e a Luisa, a tia do Zé e o marido e todos se reuniam á volta da mesa para tomar chá, a dona da casa era viuva e quando o António vivia «aquela» sala era o ponto de reunião da sociedade da região, ela conhecia muito bem as regras da etiqueta, melhor do que qualquer outra, interessava-se muito pelo segundo casamento da sr.ª Kennedy, fazia dele o seu assunto favorito, porque estava á vontade, o António morreu quando ela era muito nova e era muito bonita, acreditem, e no entanto, nunca lhe passou pela cabeça tornar a casar, ela que era a primeira dama da região, eu era bem educado e sabia comer com ela á mesa, entre os doutores, porque ela me tinha ensinado e também me tinha ensinado outras coisas sobre mulheres, a experiência que ela tinha!! nunca me deixava assistir aos programas de televisão interrompia-me sempre para dizer que se dava com aqueles e com os pais ou os avós daquela que era bonita, mas tinha os olhos muito claros, eu tinha sempre que concordar para que ela acabasse, mas depois de matar as moscas que estavam á mão e de exibir os tiques característicos, batia com os dentes ou puxava o vestido para diminuir o decote — habituara-se a matar moscas, tinha três objectos para isso, e a bater os dentes, quando estava sózinha — e porque não gostava de estar sózinha, eu era muito amável em lhe fazer companhia e os outros também — Maria traz mais chá e os bolos que fizemos de manhã para o senhor doutor provar — perguntava a todos se gostavam e quase os metia pela boca abaixo, mas á noite queixava-se de que o dinheiro não chegava para nada, que os pobres já não precisavam de trabalhar nos campos, os tempos eram outros, quando o António era vivo deu uma vez um pontapé no rabo de um porque estava a dormir debaixo da pereira — não sabiam a ultima? — o Arnaldo tinha ido lá a casa e comeu o queijo, que malcriado, eu bem lhe ensino as maneiras, mas nasceram pobres, hão-de morrer pobres, porque têm uns patacos pensam que podem fazer o que querem em casa dos outros, alguém disse que era falta de chá e ela repetiu logo que sim que era isso, por dizer as verdades chamavam-lhe malcriada, mas se o António estivesse vivo o Arnaldo não ia ao queijo — cortou o miolo e deixou a casca — ainda se mo tivesse pedido eu dava-lhe, sempre lhe dei, mas assim é de mais, nunca mais volta a pôr os pés cá em casa, malcriados, estou cheia de malcriados, outro dia... e ficou nas reticências, eu aproveitei a pausa para lhe servir chá, eu sim, que era educadinho, vê-se logo que tinha tomado chá em pequeno, mas devia-lhe muito a ela pela quinta vez disse que tinha metido o meu tio nas finanças, se não fosse ela não era nada, mas se passasse por ele na rua já não o conhecia — pausa — tocou o telefone. Momentos depois, da sala ao lado, chegava até nós a voz exaltada da mulher do sr. António, é com certeza uma amiga dos velhos tempos que quer conversa, e ela aceita encantada. Depois de telefonar esquece o queijo e o Arnaldo — amanhã farão de novo parte dos protestos dela — e agora fala do passado da amiga, que lhe telefonou, uma das famílias mais distintas do Porto, com uma grande casa, a filha hospedeira, um dos filhos médico, outro advogado, etc., etc....

A FICHA

quando entrou na cozinha a primeira coisa que viu foi a mesa posta mas apressou-se a desviar o olhar. com o hábito de se humilhar os ombros descaíram-lhe e não se atreve a fitar ninguém nos olhos. há muito que descobriu que a humildade e a timidez são os «vicios» dele. há tempos — de vez em quando arrisca um olhar sobre ele — decidiu-se a fazer «qualquer coisa» mas até hoje ainda não fez nada e estou convencido que nunca mais fará. Limita-se a escrever todas as tardes a sua ficha na pedra. no fim põe uma nota c/ cuidado. 2 vícios: excesso de humildade e timidez. por vezes deixa cair uma lágrima sobre as letras — saiu o ano passado da escola — mas apaga sempre o que escreve antes de subir para jantar, aliás escreve todos os dias o mesmo, mas escreve sempre. leu algures que a tristeza pode ser fonte de prazer e agora passa as noites no quarto a meditar. no fundo não medita coisa nenhuma deliciа-se à medida que vai penetrando o vazio à sua própria custa e encontra um prazer inesperado sempre que chega à conclusão que é infeliz. a expressão melancólica que tem agora no olhar nunca o abandona de tal maneira que parece fazer parte dele — não é novidade, há pesosas que não podem prescindir do seu sorriso — mas no caso do Artur a expressão de tristeza é bem a sua identidade.

o pai — polícia reformado — como que saudosista dos velhos tempos é o chefe de família mas nunca se atreve a fazer qualquer reparo em casa. está demasiado dentro da sua posição de inferior. como que a prová-lo quando fala alude sempre às pessoas mais influentes como sendo «superior» e há nisto uma nota de sinceridade, um hábito antigo. a mãe domina-o por completo como a todos. o dinheiro lá em casa sempre na mão dela — é uma coisa que tem significado um canto da arca uma arca antiga. como a casa é relativamente grande o ambiente é triste porque as luzes só se acendem quando é noite cerrada para cear. ler livros na cama é um bom pretexto para que a mãe comece a berrar, que isso é para os ricos, não têm tempo durante o dia, há-de ver a conta no fim do mês. mas a conta no fim do mês é sempre o mínimo, mas nem assim fica satisfeita, se fosse a conta certa «estava bem», mas os 3 tostões...

como o dinheiro é enterrado na arca — com lágrimas e tudo — a comida é má, caldo verde grande parte das vezes, tem que se poupar para «amanhã ou passado» quando cair de cama como aconteceu a uma vizinha e se nessa altura não houver dinheiro quem há-de cuidar dela! os filhos — «ninguém se fie nos filhos» sugam o mais que podem e depois batem a asa, não querem saber... por isso só abre a arca para enterrar e se «amanhã ou passado» cair de cama deixa-se morrer de preferência a tocar no dinheiro. é corrente que os avarentos têm um medo terrível das moedas, por isso sofrem e a mãe do Artur além de viver na miséria torna-se cada dia mais irrascível a ponto de ser insuportável. berra com todos ao mínimo pretexto, anda sempre á procura deles e não pode ouvir falar nos médicos, lembra-se logo «das contas» que a Amélia gastou com o homem, e só de pensar nisso põe-se a rezar em voz alta. não acredita em Deus, mas nos momentos de aflição — questões de dinheiro — invoca sempre Nosso Senhor, a Virgem e S. Pedro. outro hábito.

no meio de tudo o Artur passa despercebido. está empregado numa loja e só vem para casa à noite. antes de subir para cear escreve sempre a ficha e aproveita os 10 minutos de silêncio para pensar nos vícios como sabe que a mãe nunca repara nele há muito que vê nela uma criada. o pai passa despercebido como ele. não vai para a taberna porque não é desses e passa o tempo à lareira a fumar, agora até vai deixar de fumar porque o preço do tabaco subiu...

hoje o Artur não apagou a pedra de propósito. quando desceu teve coragem para riscar o nome dos pais e pôr à frente uma nota: não tenho.

NAVEGAÇÃO

(ou, para o João Azevedo, a aventura marítima)

por Félix Borges

a) — cais

um bloco linear de cimento

com uma saudade por dentro

b) — adeus

um gesto anónimo de ninguém

a iludir que se parte com a memória de alguém

c — mar

o mar ondula-se esforça-se arrebata-se esvai-se o mar angústia

UM QUASE POEMA

M.ª Fernanda Bouba Martins

a noite de repente
aconteceu
mas os teus olhos estrelas
cresceram
no céu

era outubro e nos corpos existiam ainda restos de mar nos lábios o sabor do verão nos olhos a angústia de uma noite sem sol. súbito fecharam-se os caminhos de areia as manhãs azuis o tempo-de-não-haver-horas
os olhos eram olhos-de-ver eram azuis ou quase verdes não sei bem talvez cinzentos-estrelas e cresciam na rotina de um dia a dia que começava a pesar porque era outubro e o inverno chegava

— sabes como fazem em inglaterra no fim de uma festa ou assim num fim de domingo?
— não!
— pede-se um beijo
— não sejas parvo. eu não gostava dos domingos nem dos fins-de-festas.
e no escuro as pedras soltaram uma gargalhada porque elas não costumam pedir sequer.

mais dois outubros aconteceram. outubros com o nascer do frio com caracóis nas ervas, lagartas verdes e pingos de chuva. e em cada um deles eu preciso mais que tu existas porque o azul dos teus olhos ou verde não sei bem é tudo o que me resta na distancia de um mar de verão.

CONTAR A HISTÓRIA

FRANCISCO J. CRAVEIRO DE CARVALHO

contar a história do cauteleiro
que
vivia (vive) na miséria
vendia (vende) poucas cautelas

cuja
mulher estava no hospital
sem esperanças de cura
mas lá ia (vai) vivendo

que
um dia vendeu umas cautelas
que foram premiadas
esperou que lhe dessem alguma coiso

e
recebeu uma nota
— mais um saco de batatas —
doutros vieram abraços
bem apertados, por sinal,
e pagaram-lhe uma cerveja

bebida de que até nem gostava

PARA SI — UM CARTÃO DE NATAL COM IMAGENS REFLECTIDAS DO PASSADO

por João Duarte d'Oliveira

um cartão.
entre nós e as palavras que já não são d
itas porque já não temos natal. porque s
omos escrínios ressequídos de pedras vib
rantes que tartamudeiam palavras molhada
s onde se apagam pontas de cigarros sibi
lando — para quê?...
um cartão.

POEMA

Por ROGÉRIO VIDIGAL

as cordas percorrem quando correm
percorrem as cordas o que correm
na limpidez das salas de tapetes persas
onde correm as cordas

SILÊNCIO E MÃOS

Por JOSÉ ROGÉRIO MINEIRO CARROLA

A memória guarda ainda o cheiro
das maçãs de Inverno lá na minha casa.
Um cheiro que se respirava apenas em silêncio.
Mas eu sabia que haviam de chegar Invernos
para nos cobrir apenas de Inverno.

Canto porque não me quero iludir
nem voltar atrás.
Não vale a pena iludir-me que o que aconteceu
tinha que acontecer.

Memória. Digo dela e das palavras o silêncio.
Sobem por mim devagar as horas
entardecendo o meu canto.

Não era fácil saber que o silêncio
tinha um apetite enorme todas as manhãs.
E que em casa se mastigava
com os olhos o mais longe possível.

QUERO POUCA COISA POUCA COISA...

Por GRACIETTE

Mandaram dizer que vinham nas vésperas do Natal fiquei aborrecida e disse-o não deves dizer isso que feitio que tu tens não te podes esquecer que são da tua família devemos gostar da nossa família eu sabia que eles tinham ficado tão aborrecidos como eu mas não queriam dar maus exemplos sabia e sei que os grandes se contorsem numa palhaçada incrível é preciso saber viver pois então!

Os tios vieram à noite para ver Lisboa trouxeram cabazes e nos cabazes três galinhas batatas e trouxeram também sacos já me esquecia dos sacos ela era a primeira vez que vinha à capital aproveitaram esta altura porque está mais bonito tudo sentaram-se à mesa ainda não tinham jantado comeram cachuchos fritos beberam vinho e viram televisão — quanto custa um aparelho destes? ela quase não falava faltava-lhe a água queria dizer o xaile o homem não quis que ela trouxesse o xaile e estava com frio... olhou para mim lembrou-se as palavras saíram — já tem algum namorico? que vida! ainda a estudar nunca mais acaba quantos anos mais? é pior do que andar a estudar para padre — estava integrada um dos filhos está na austrália a austrália é muito longe por isso ele não pode vir cá passar o Natal mas já lhes mandou onze contos (onze notas) cem escudos para a avó cem escudos para o irmão e o resto para eles estão contentes só têm pena que a austrália seja no cabo do mundo é preciso gastar muito para vir a portugal o padre explicou-lhes que a terra é uma laranja na parte de cima estamos nós na parte de baixo está ele — é bom de ver que seja assim porque o sol nasce num lado e põe-se noutro — pode haver dois sóis — qual quê mulher o sol é só um — aqui a sobrinha que anda nos estudos é que deve saber... a sobrinha estava a olhar para a Madalena Iglésias que mostrava olhos e cabelos a todos os mortais; saímos para eles verem as iluminações para esborracharem o nariz contra as montras para verem as fitinhas de várias cores os laçarotes os anjinhos as florzinhas só é pena que não vissem as astrakans as astrakans grávidas de embrulhos tão bonito tudo não viram hoje mas amanhã o seu natal lisboeta ficará mais completo olharão as astrakans que lindas são!

TRÉGUAS QUERO POUCA COISA QUERO SÓ ABRIR A JANELA por favor deixem-me abrir a janela por favor deixem-me saltar da janela estou asfixiada quero morar no asteróide B 612 quero ser companheira de Borman Lovell e Anders mesmo que houvesse e sobretudo porque há possibilidade do nada possibilidade do não-ser vocês já pensaram o que será a TERRA vista da Apolo 8? que libertação que libertação desamarrem-me por favor!

A VITÓRIA DO HOMEM POETA

Por CARLOS LIZ

o sorriso do homem, fizera-me esquecer por momentos o mundo, apito forte, autoritário. luzes de débil vontade comandadas. mãos firmes exercem pressão duplamente normal. era a vitória. ter debaixo do seu domínio tanta gente e mais: a máquina. por isto sacrifica-se.
a mulher era magra, e por isso não gostou. nem os filhos, pudera: «os tempos evoluíram» e há cigarros, e há bailes. e há.
o vencedor bem dizia que. mas a mulher era magra. e havia.
«não conheces aquele poeta? olha. ele diz assim:
bem o tinham avisado que a mulher magra, era estupida. mas ele sabia lá... entretanto «a muita gente e a máquina, a própria máquina, ah!» continuavam dependentes do homem poeta. á noite, deitado, com a mulher de costas, ele escrevia no seu livro muitos ah! ah! de orgulho. de domínio. e havia o poeta. e havia o jornal com poemas.
finalmente o dia surgiu. então, a mulher que era magra, disse um adeus lacónico como ela e foi. ele não tivera culpa. apenas queria apitar e recusara as atitudes mesmo que certas da máquina. a mulher foi. sem perceber porquê. e havia os filhos. e havia os cigarros, e havia os bailes. e havia.

DAS BOCAS

Por JORGE ALVES DA SILVA

de bocas se cobre o espanto
de termos as mãos nos bolsos
como de nada se cobre o medo
de termos corpo braços dedos e
não apenas olhos

falamos as palavras (emprestadas)
de tantas vozes
o que não chega a ser mais
que uma pose uma maneira de
estar sentado uma raiva
brocada os dentes redondos
sem baba sem dor sem
parto

há quem habite casa
nós
habitamos a paragem onde
nos interrogamos sobre
o que passa

UM DIA

Por MARIA TEREZA A. D.

a figura dum dia
encontrei no cruzamento duma rua
numa curiosidade momentânea
resolvi segui-la. Era o dia em que
os dias repousam num só.
depois do ritual foi libertar-se do peso
dos remos dos sermões discursos
sentou-se num banco deu uma vista de
olhos pelos vizinhos e
descobriu que estavam a estudá-lo
viu algumas pedras atiradas de olhos
quis fugir mas já estava escrito
no corpo de cada um